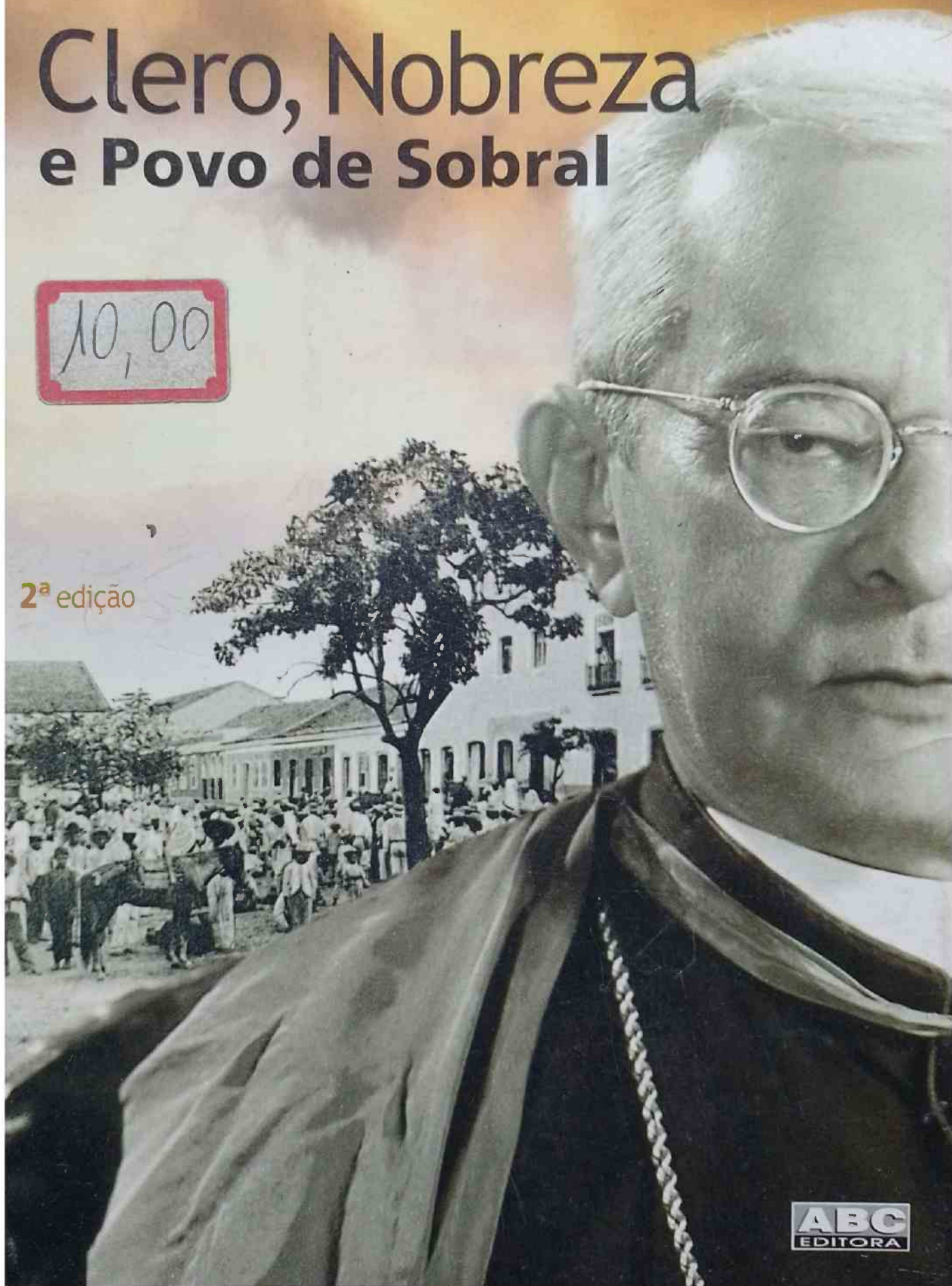


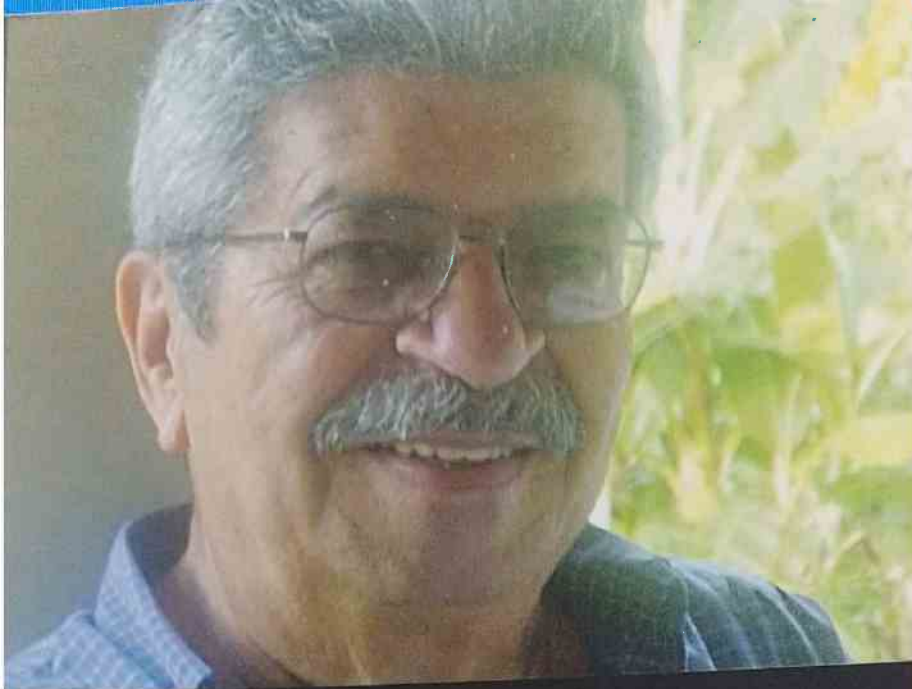
Lustosa da Costa

Clero, Nobreza e Povo de Sobral

10,00

2ª edição





Lustosa da Costa, cearense de Sobral onde se criou e deu os primeiros passos no jornalismo, é colunista do "Diário do Nordeste", em Brasília. Sempre jornalista, foi Editor Chefe de "Unitário" e "Correio do Ceará", jornais hoje extintos. Em fins de 1974 passou a residir na Capital da República onde militou, por muitos anos, na sucursal de "O Estado de S. Paulo" e escreveu crônicas no "Correio Braziliense". Em 2000 elegeu-se para a Academia Brasileira de Letras e ganhou o Prêmio Ideal de Literatura com o livro de crônicas "Rache o Procópio". Lançou, em 2002, na Embaixada do Brasil em Lisboa, a edição portuguesa de seu romance "Vida, paixão e morte de Etelvino Soares", versão romanceada da atormentada trajetória do jornalista Deolindo Barreto.

Muito grato pelo envio de "Sobral cidade das cenas fortes", cujas histórias assombrosas só você mesmo poderia contar. É como se viesse à tona todo um passado que poucos conhecem neste País que a cada dia mais se esquece de si mesmo. Como se aprende nas páginas de seu livro e como, a partir delas, se conclui que quase nada sabemos de nós mesmos, de nossas raízes, de nossa história mais recente e, o que é mais grave, de nossa própria identidade. E com que sabor você relata cada um desses surpreendentes e turbulentos episódios! Grande e fraterno abraço do seu leitor.

Ivan Junqueira

LUSTOSA DA COSTA

**CLERO, NOBREZA
E
POVO DE SOBRAL**

2ª Edição



Rio - São Paulo - Fortaleza

2004

Capa:
Heron Cruz

Editoração Eletrônica:
Egberto Nogueira

Revisão:
Francisco J. Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837c Costa, Lustosa da, 1938-

Clero, nobreza e povo de Sobral / Lustosa da Costa. Rio - São Paulo
- Fortaleza: **ABC Editora**, 2004.

192 p. il.

1. Crônicas brasileiras – Coletânea. I. Título.

CDD: B869.8

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO

Quem primeiro, na área acadêmica, reconheceu e proclamou os méritos de “Clero, Nobreza e Povo de Sobral,” foi o professor Evaristo Linhares, da UVA. Depois deles, muitos livros de história do Ceará e de Sobral o têm citado e vários estudiosos me têm procurado, reclamando uma segunda edição da obra o que, agora, ocorre, para satisfação de uns e julgamento de todos.

Brasília, 10 de setembro de 2004.

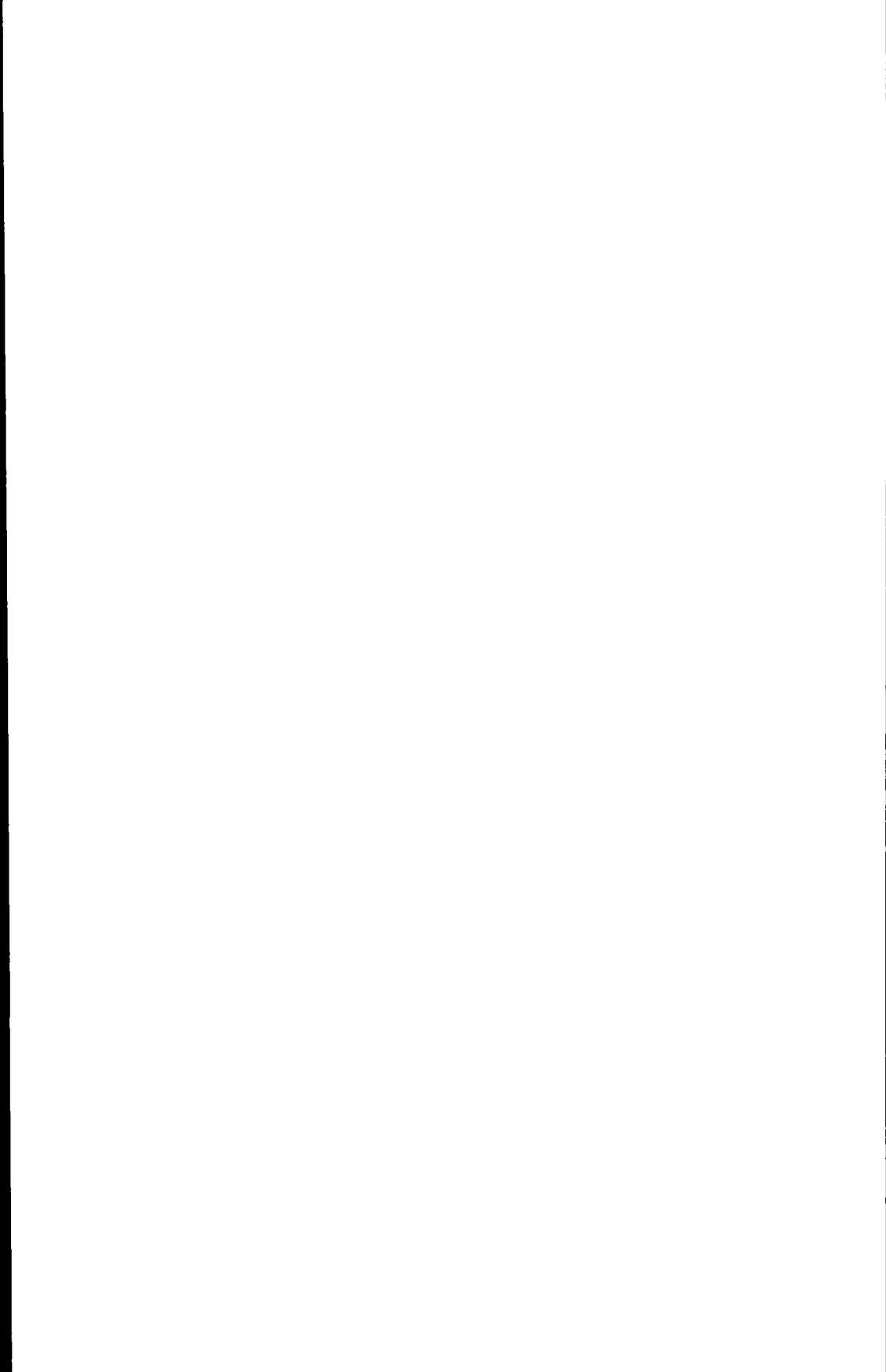


A Leonardo Esteves Lima, que auxiliou minha primeira cirurgia cardíaca, realizada em Paris em 1995.

Ao professor Sérgio Almeida de Oliveira, o maior cirurgião cardiovascular do Brasil.

À cardiologista Leda Sales Braúna Braga, considerada pelos colegas a mais competente profissional da área em Brasília.

À grande médica Irene Abrão Saraiva e Saraiva, vizinha prestante e profissional qualificada.



Jorge Amado que me perdoe. Este ainda não é o romance que me cobrou, após ler “SOBRAL DO MEU TEMPO”.

“CLERO, NOBREZA E POVO DE SOBRAL” é muito menos que isso. Reúne algumas anedotas sobre seus padres, pastores de almas e eleitores, seus jornalistas endemoniados, seus coronéis de rubi no dedo ou de punhal à cinta, uma mulher bravia e outras figuras pitorescas da cidade de Januária, antiga Fazenda Caiçara. Não tem pretensão de ser painel sociológico de uma Sobral conservadora, beata e racista, embora possa deixar alguns indícios de tudo isso aos mais atentos.

Deu-me muito prazer este livro. Primeiro, ao pesquisar histórias bem-humoradas que ele contém, junto a sobralenses e a velhos jornais da cidade sobre que me debrucei com tanto agrado. Escrevê-lo foi tão agradável que um amigo querido, Cláudio Castelo, psicanalista de profissão, falou-me em questão edipiana não resolvida com a terrinha.

Foram importantíssimos para sua confecção os escritos de meu pai, Francisco Ferreira Costa, conversas de minha mãe, Dolores Lustosa da Costa, embora eles nem sempre concordem com minha maneira de julgar os amigos que lá deixaram e com quem conviveram de 1942 a 1955. Amigos, que residem em Sobral, como Rosa Maria e Edward Dias, jornalista Silvana Frota e padre Sadoc Araújo, deram-me prestimosa colaboração.

Em Brasília, os colegas de jornal, Hélder de Sousa, Alencar Monteiro, Dário Macêdo, Tereza Cruvinel, Amália Maranhão, Rubem Azevedo Lima e, em especial, Paulo José Cunha, da TV Globo, com quem partilhei tantas dúvidas e incertezas, leram alguns originais e deram sugestões. O sobralense José Carlos Sabóia, feito deputado pelo Maranhão, também me deu boas pistas de sua terra.

Espero firmemente que “CLERO, NOBREZA E POVO DE SOBRAL” enseje menos polêmicas que “SOBRAL DE MEU TEMPO”. Foi esta a intenção com que o escrevi, embora não saiba se terei êxito, porque, em mim, ainda não morreu, de todo, o demônio da controvérsia.

Não sei como este livro será recebido. Através dele, procurei, esforço talvez vão, inserir-me na gesta sobralense, ressaltado a grandeza de alguns de seus filhos ilustres. Adorei escrevê-lo. Se alguém experimentar o mesmo prazer com sua leitura estarei recompensado.

Brasília, agosto de 1987.

LUSTOSA DA COSTA

SUMÁRIO

DOM JOSÉ -----	11
O político -----	13
Primeiro “round” -----	15
Candidatura católica -----	15
A glória -----	17
A vindita -----	19
Esquizoide -----	20
Polêmica -----	20
O repressor -----	21
Prostituição -----	22
O místico -----	26
O bairrista -----	29
O exigente -----	31
O piedoso -----	31
O humilde -----	32
O formal -----	32
O padre Palhano -----	35
O padre Lira Pessoa -----	40
Monsenhor Fontenele -----	43
O padre Leitão -----	45
Dom Expedito -----	49
O padre José Inácio -----	50
O padre Eufrásio -----	52
 JOSÉ SABÓIA -----	 69
Apelidos -----	74
Tutela -----	76
Ernesto Deocleciano -----	78
O Visconde de Sabóia -----	81
O Senador dos bois -----	83
Paula Pessoa -----	84
O Caso Pessoa Anta -----	86
Para esnobar -----	87
A dinastia -----	87
Chefe de família previdente -----	89
Usina de senadores -----	89
Testamento -----	92

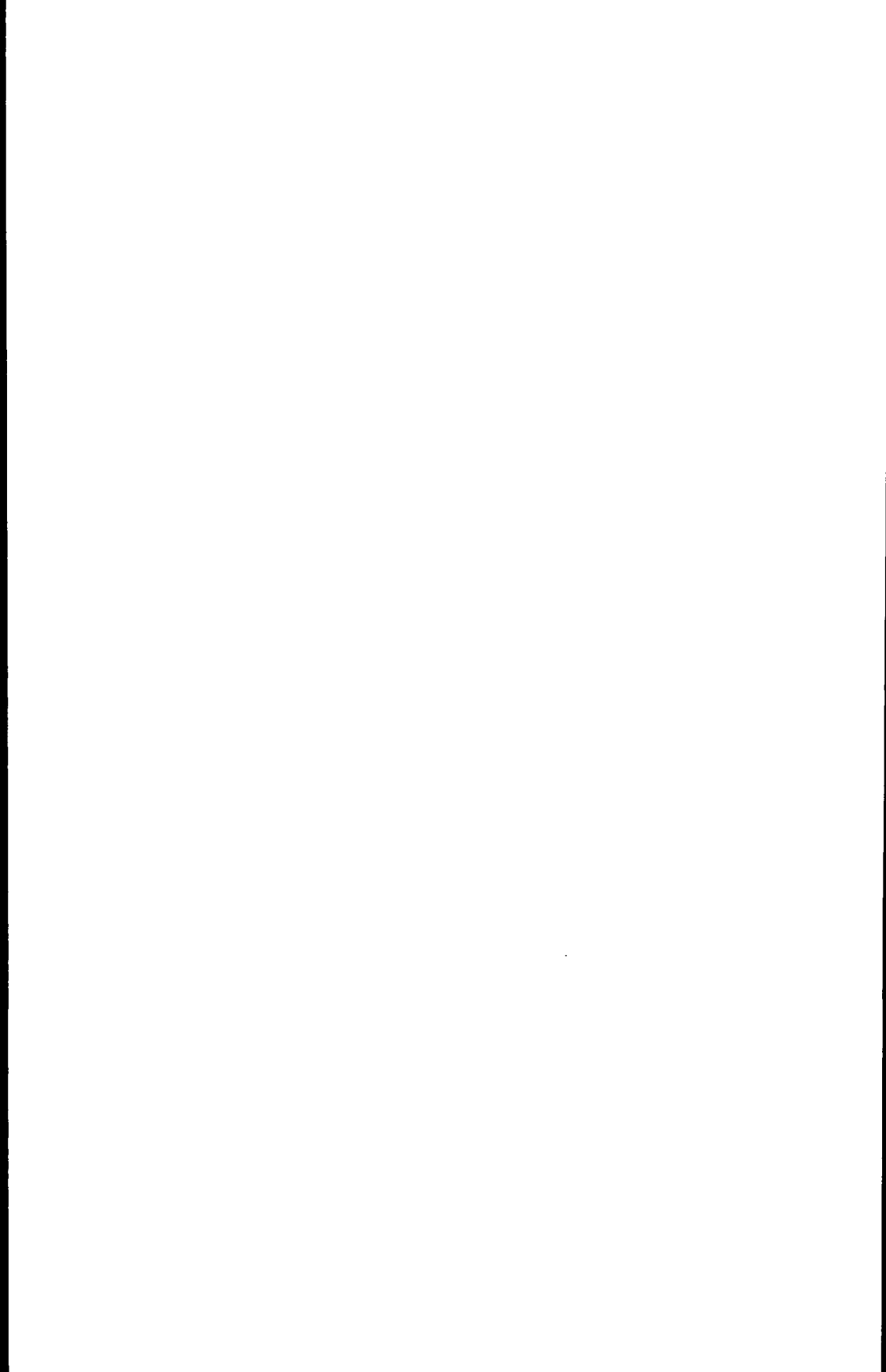
Clodoveu Arruda -----	97
O traumatologista de Sobral -----	100
Chico Monte -----	104
O rompimento -----	108
Salto no escuro -----	109
Controvérsia -----	113
 DEOLINDO BARRETO -----	 127
A prisão -----	132
A Lucta -----	133
A ameaça -----	134
1914 -----	134
Piquenique na serra -----	136
A provocação -----	136
O almoço -----	137
O alvo -----	138
A grande separação -----	139
Tempo de festas -----	142
Tempo de futebol -----	143
As tenazes apertam -----	143
O grande desafio -----	145
A grande cilada -----	146
O bispo garante -----	149
O novo pecado mortal -----	150
Exploração -----	151
A corrida -----	152
A despedida -----	153
O boicote -----	153
Os embates de 1923 -----	154
A transferência do bispo -----	155
O Carnaval de 1924 -----	157
Um ano de festas -----	159
O último aviso -----	160
A execução -----	161
A fuga -----	162
A morte -----	162
Chagas Barreto -----	162
Dondon Ponte -----	165
Chico Romano de Ponte -----	169
Lucas Rosa -----	171

DOM JOSÉ



*"A torre da minha
igreja estará sempre
acima do telhado
do foro."*

Dom José



O POLÍTICO

"A minha política foi pedir será isto um crime? Não é permitido usar o direito de pedir? Nunca pedi para mim, nem para os meus interesses pessoais. E quando sabia que os políticos haviam pedido para alguém, procurava abster-me de lhes fazer competência". (Dom José apud padre João Mendes Lara em A Vida e Obra de Dom José – Pág. 83).

Durante mais de 50 anos, para sermos exatos, durante oito como vigário-geral e 43 como bispo, Dom José moldou Sobral à sua imagem e semelhança. Voltando de Roma com visão européia, tornou-se, pouco a pouco, o modernizador da cidade. Controlava tudo. E justiça se lhe faça: ainda hoje o que ele construiu, serve a Sobral e à região Norte do Ceará.

Num extremo da cidade, quase à beira do rio Acaraú, edificou em dez anos de lutas, a Santa Casa de Misericórdia, que é o melhor e maior hospital da região. No outro ponto muito afastado, plantou o seminário, onde preparava sua elite e cujas portentosas acomodações abrigam a Universidade do Vale do Acaraú. Montou o Colégio Sobralense para rapazes. Para viabilizar o Colégio Sant'Ana, destinado à educação feminina, cedeu o palácio episcopal, suntuosa residência, construída originalmente pelo senador Paula Pessoa na primeira metade do século passado. Instalou o Abrigo do Coração de Jesus para acolher a velhice desamparada. Montou o Banco Popular de Sobral, depois BANCESA, sob controle acionário de Manuel Machado até o encerramento de suas atividades. Fundou o Correio da Semana ainda hoje de circulação semanal. E o Museu

Diocesano que guarda relíquias das épocas de fausto da cidade e da região Norte. Não contente com tudo isso, escreveu a história da cidade, tarefa de que, à sua época, se ocupava também o monsenhor Fortunato Linhares e que hoje constitui preocupação principal dos padres Sadoc de Araújo e João Mendes Lira. Nada foi estranho ao gênio realizador do grande teocrata.

Para executar tantas obras exerceu, em plenitude, o poder político. Disputou-o, a vida inteira, com o Dr. José Sabóia. Viveu e morreu se defendendo dos que lhe apontavam a ostensiva militância político-partidária. A morte o acolheu saboreando triunfo de seu pupilo, o padre José Palhano de Sabóia, na disputa pela Prefeitura, em 1958. Durante a campanha, senil, quase cego, sorveu, porém, cálice pleno de humilhações.

A maior delas foi a súbita chegada do arcebispo, Dom Antônio de Almeida Lustosa, a 30 de abril de 1958, de avião, para realizar inquérito sobre seu total envolvimento na luta. Em carta ao núncio apostólico, de 8-5-58, provavelmente redigida por Palhano, queixa-se o vigário-geral, monsenhor Osmar Carneiro, de que tacham o bispo “de político, cousa que nunca foi até hoje, todos sabemos disso muito bem”.

Na correspondência, cheia de mágoas, o vigário-geral tenta desfazer as acusações dirigidas ao delfim da diocese:

“Acusam o padre Palhano de estar gastando os dinheiros da diocese e nada é mais revoltante e calunioso, aliás eles bem sabem que o candidato ao Governo do Estado (Virgílio Távora) fornece numerário para a campanha do padre Palhano: dizem que o padre explora o bispo, que é uma injustificável ofensa ao Sr. Bispo Diocesano, tão atento e firme no governo da Diocese. Propalam eles que o padre não exerce o ministério e nem reza o breviário, coisa que eles não provarão e de que não temos, nós padres, qualquer prova e outras coisas mais dizem os políticos apaixonados,

nas quais eles são useiros e vezeiros, sem o menor escrúpulo”. (Padre João Mendes. *A Vida e a Obra de Dom José* – Pág. 52).

O vigário responsabiliza ainda Chico Monte e seu genro Parsifal Barroso, este, dono de muito prestígio junto à Igreja, pela inesperada visita de Dom Lustosa.

PRIMEIRO “ROUND”

Ao voltar de Roma, coberto de glórias acadêmicas, colhidas na Pontifícia Universidade Gregoriana, o padre enciumou o jovem juiz José Sabóia, com quem nunca se deu bem. Logo tratou de controlar a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição na qual amigos do magistrado exerciam muita influência.

O certo é que quatro anos depois, em 1912, os dois se encontrariam em guerra aberta por causa da instituição de loteria, em benefício das obras de construção da Santa Casa. Sabóia proibiu a rifa e pediu ao delegado de Polícia, Antônio Mendes Carneiro, que apreendesse os bilhetes. No jornal *A Pátria*, financiado por sua família, chamou o vigário de contraventor. A coisa pegou fogo. O padre subiu ao púlpito da Sé para criticar o adversário. A briga foi assunto dos jornais de Fortaleza.

No primeiro confronto, o vigário ganhou aliado temporário, o jornalista Deolindo Barreto, que, há três meses, voltara de Belém do Pará e se instalara com uma tipografia. Em seu jornalzinho *Mão Negra*, escreveu artigo, sob o título “Iniquidade” em que se opôs ao juiz e se colocou ao lado do padre.

CANDIDATURA CATÓLICA

Em 1919 surge a candidatura do católico Belisário Távora à presidência do Senado contra a do maçom Justiniano de Serpa.

Deus passa a ser conservador e “marreta” (assim eram conhecidos os filiados ao Partido Conservador) em Sobral, enquanto, na Capital, o arcebispo, Dom Manuel Silva Gomes, é atacado por não se alistar em tal cruzada.

O bispo já tem seu jornal, *Correio da Semana* confiado ao apaixonado padre Leopoldo Pinheiro Fernandes, primo de Belisário. De início, tem-se a impressão de que ele ainda opôs resistência a tão claro engajamento que o colocava como liderado de Sabóia e lhe dava como aliado Clodoveu Arruda, com quem até bem pouco entretivera azeda polêmica, tendo como motivo campanha movida pelo *Correio* contra a prostituição.

O adversário político se converte automaticamente em inimigo da fé. É a diabolização do “outro”, do maçom, do ímpio. Deus, porém, não fora aparentemente ouvido sobre suas preferências eleitorais porque o vitorioso foi Serpa que somente não concluiu o mandato, conquistado em idade senil, porque morreu.

A malograda participação do clero na luta eleitoral teve muitas conseqüências. Afastou definitivamente o jornalista Deolindo Barreto, de *A Lucta* que procurara até então aliança com o clero, do bispo. Os democratas, cujos filhos estudavam no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, apelaram para o Papa. Dirigiram-se a um ex-professor, o monsenhor Yabba, peruano, então trabalhando no Vaticano, queixando-se de Dom José. O certo é que, a seguir, ele sofre golpe mortal, a transferência para Uberaba. Golpe tão fundo que o obriga à humilhação de recorrer ao prestígio de Vicente Sabóia, junto ao ministro do Exterior, Félix Pacheco, no sentido de conseguir a anulação do ato da Santa Sé.

Um pouco antes, depois de publicar nota oficial de apoio aos candidatos Artur Bernardes e J. J. Seabra, respectivamente à presidência da República, indaga, com toda a candura, através de seu jornal:

“O Dr. Dom José desde o primeiro dia do seu paroquiato, como vigário-geral, até as últimas descobertas de Deolindo Barreto, já manifestou

em público ou privadamente ter espírito partidário? Já ajudou de qualquer modo com palavras, com dinheiro, etc., a algum partido de Sobral, ou de fora?" (*Correio da Semana* de 25-11-22).

Nesse período, esmertamente induzido pelos conservadores, Dom José assume o comando do pelotão de fuzilamento moral de Deolindo Barreto e institui um novo pecado mortal, ler e assinar seu jornal *A Lucta*. Por coincidência, logo que o jornalista é executado, em 1924, o bispo, que se encontra no Rio, sobe as escadarias do Catete, a fim de cumprimentar Bernardes.

Em 1928, quando o presidente do Estado, desembargador Moreira da Rocha, Moreirinha, visita a cidade natal, é Dom José quem comanda o banquete que lhe é oferecido.

A GLÓRIA

Em 1932, a Igreja funda seu próprio partido, a Liga Eleitoral Católica e vai à luta. Ela se instala em Sobral a 22 de novembro, abrindo oportunidade para o confronto direto entre o bispo e o juiz, do qual o primeiro sairia vitorioso. Dom José usa como pseudônimo, um ex-liderado de José Sabóia, Chico Monte, de quem seria aliado durante muito tempo. É namora escandalosamente o integralismo de Plínio Salgado, como toda a Igreja Católica daquela época, namoro que prosseguiria na década seguinte.

Genro de Sabóia, o ex-senador Plínio Pompeu, assim descreve o duelo:

"A LEC transformou-se, no Ceará, num partido com todos os efeitos que lhe são inerentes, agravados pela intolerância religiosa da maioria do clero cearense e explorado com a indulgência da direção religiosa e com a certeza de que seriam beneficiários do domínio político. Com a aquiescência e, até, por determinação episcopal, os sa-

cerdotes usavam o púlpito para fazer propaganda eleitoral de seus candidatos, chegando a difamar candidatos que tivessem por sigla o PSD – traduzida como Partido sem Deus.

Essa a situação política da LEC em todo o Estado do Ceará, embora tenha se mostrado mais intransigente na zona norte do Estado. Em Sobral, um virtuoso e digno sacerdote, diariamente, fazia seu sermão nas missas, recomendando a seus caros irmãos que votassem nos candidatos da Liga e que não desviassem nenhum voto para o Partido sem Deus”. (SOBRAL DO MEU TEMPO, pág. 167).

A 25 de maio de 1935, o bispo, triunfante, sobe ao Palácio da Luz com a eleição de Francisco Menezes Pimentel à presidência do Estado, por via indireta, num controvertido pleito em que o revólver de Chico Monte é o derradeiro e decisivo argumento para espantar as dúvidas de dois correligionários quanto ao melhor candidato. A seguir, a Assembléia inclui, na nova Constituição, dispositivo destinado a aposentar José Sabóia, da magistratura, por limite de idade, na esperança de conter seu poder político. Seu genro, José Maria Montaverne, promotor de Justiça, é transferido para o Crato.

Diz Plínio Pompeu sobre o implacável desmonte da máquina política do PSD, depois UDN:

“As perseguições contra funcionários públicos e a repressão policial contra os adversários da LEC prolongaram-se até a estrondosa vitória eleitoral em 1945, do partido contrário, a UDN, mais estrondosa, talvez como decorrência dos desmandos cometidos pelo comando da LEC. A zona norte (justamente aquela em que a perseguição policial ocorreu com maior ênfase), elegeu a maioria dos deputados federais, estaduais e senadores da UDN, partido opositor à LEC que se transfor-

maria no Partido Social Democrático (PSD), não mais com a interpretação de Partido sem Deus”. (Apud SOBRAL DO MEU TEMPO, pág. 169).

A VINDITA

O relato de Pompeu é precipitado pelo desejo natural de encurtar o período de ostracismo e chegar, logo, ao instante da vingança que ocorre apenas em 1945 com o fim do Estado Novo.

O tempo não arrefece o interesse do bispo pela política. Finda a ditadura, tenta manter-se no poder, através do PSD, composto de antigos integrantes da LEC. Investe contra a reacionária UDN que, no Ceará, é agora perigosa aliada de Moscou. Os tempos são outros. Não mais funciona a acusação de ser ateu, ímpio, maçom, Agora a indústria que rende, ela, aliás, rende até hoje, explorada por facções diversas conforme a conveniência do momento, é a do anticomunismo.

Dentro dessa linha, o arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio Lustosa, lança a Circular nº 64, visando torpedear a candidatura do desembargador Faustino de Albuquerque ao Governo do Estado, sob o argumento de receber o apoio do Partido Comunista Brasileiro:

“Os comunistas sempre foram e são inimigos da Igreja. Nunca poderíamos aconselhar aos eleitores católicos que sufraguem um candidato apoiado pelos comunistas”.

Dom Lustosa é forasteiro. Não está, de fato, convencido de que o velho desembargador seja agente de Moscou. Não tem a solidariedade de outros bispos. Mantém-se discreto. Termina por um recuo estratégico.

Em Sobral, porém a toada era outra. Dom José se lança a uma cruzada implacável contra o Dr. José Sabóia, que impusera e mantivera a candidatura de Faustino de Albuquerque.

ESQUIZOIDIA

A postura da elite sobralense, durante tal conflito, é, no mínimo, esquizóide.

O *Correio da Semana* briga em duas frentes distintas. Numa delas quer expulsar da cidade, o juiz Floriano Benevides, o que termina conseguindo, feito de que ainda hoje se vangloria o antigo diretor do jornal, monsenhor Sabino Loiola, registrando que tal vitória não foi saboreada nem pelo próprio doutor José Sabóia, apesar de toda a ascendência que exercia sobre o Tribunal de Justiça. O juiz é acusado de comunista, de ter hospedado, numa madrugada discreta, Luiz Carlos Prestes, que transitara por Sobral, pelo jornal do bispo. Através do Dr. José Sabóia também, por haver dado ganho de causa a dezenas de operários da Fábrica de Fiação e Tecidos Sobral numa questão trabalhista e por favorecer, posteriormente, a fraude eleitoral, atribuída ao PSD de Chico Monte e que teria sido praticada na eleição de prefeito no ano anterior.

A confusão era muita. Dum lado, Sabóia era apontado como mau patrão. Noutro, como aliado do PCB. Dose dupla.

POLÊMICA

Em cada edição, o *Correio da Semana* manda brasa nos adversários. “Quem é o candidato dos comunistas?”, pergunta numa delas o padre Sabino Loiola (14-1-47), que ataca José Sabóia e os genros, Plínio Pompeu e José Maria Alverne.

O próprio bispo não se contém e vai à luta, com o artigo:

“Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão, e não vês a trave no teu?” (*Correio* de 14-1-46).

É a vez de Sabóia recorrer ao caluniado Floriano Benevides Magalhães, que ordena a publicação de sua ré-

plica no jornal diocesano, sob o título “O meu Anticlericalismo”, que citaremos logo mais. O bispo não hesitou em expulsar o adversário da Irmandade do Santíssimo Sacramento, para surpresa dos mais novos.

Em 1950 volta ao poder, com a eleição ao Governo do Estado de Raul Barbosa, do PSD, e é acusado de faltar ao enterro de um padre de sua Diocese para estar presente em Fortaleza, ao beija-mão do aliado que voltava do Rio.

O REPRESSOR

“Pelo Carnaval do ano passado, correu a notícia de que os padres não dariam comunhão às senhoritas que fossem aos bailes de Carnaval. Como o Carnaval hoje em dia vem sendo considerado a única cousa séria neste País, manifestamos a nossa estranheza a esse ato e, por isso, novas perseguições desencadearam-se sobre as nossas cabeças.

Não recuamos, enfrentamos aquele regime do crê ou morre, perdemos alguns assinantes e algumas amizades, mas tivemos o prazer de, no dia seguinte, não vermos repetida a esdrúxula proibição”. (*A Lucta*, 15-11-22).

“Não podem servir de madrinha, nem são dignas da absolvição sacramental ou da Sagrada Comunhão, as senhoras que se apresentem com vestes transparentes ou demasiadamente curtas, braços nus e colo descoberto”. (*Correio da Semana*, 2-6-23).

Logo depois de feito bispo de Sobral, Dom José funda o *Correio da Semana* (31-3-18), que ainda hoje existe e que foi órgão de proselitismo da religião católica, de sustentação de seus interesses políticos e de combate a tudo quanto parecia imoralidade.

A primeira batalha perdida, porém, pela Igreja sobralense, àquela época, é contra o Carnaval. Na década de 20, a festa era tão animada na terrinha que atraía de Fortaleza os caixeiros-viajantes, importante categoria social onde as boas famílias recrutavam seus genros. Dom José e seus padres ameaçavam não ministrar o sacramento da Comunhão a quem caísse no pagode. Ninguém perdia folia tão brilhante, mesmo se arriscando a dar com os costados nas caldeiras de Pero Botelho.

PROSTITUIÇÃO

O *Correio* enceta campanha severa contra a prostituição, “pedindo saneamento radical contra o meretrício” (9 de outubro de 1919), com o que inicia polêmica com o juiz Clodoveu Arruda, de posição bem mais flexível na matéria. Ele via nas prostitutas, nascidas da classe pobre, válvula de segurança da sociedade, pela proteção que conferiam às moças ricas, menos assediadas, assim, pelos apetites de noivos e namorados, bem atendidos na “zona”. O jornal vai fundo ainda contra os abusos, mandando brasa em “modas indecentes, danças provocantes como o tango e o fox-trote, filmes que ensinam o lenocínio e o adultério, revistas, folhetos e romances obscenos, a inércia da autoridade em punir incorrigíveis dom-juans, a residência de decaídas em quase todas as travessas da cidade”.

Reconhece, porém, algumas decepções (17-12-20). Suas derrotas tinham explicações, na tecnologia, a serviço do pecado. Responsabiliza, então, “esses cobiçados automóveis, as tantas casas de pasto, lanternas elétricas que permitem a alguns galgar muros e telhados, pelas misérias que nos envergonham e aviltam”. Por aí se pode ver como era perigosa, e, ao mesmo tempo excitante a vida sexual dos nossos avós.

O próprio Dom José, sob a inicial Y, a 22 de janeiro de 1920, assesta suas baterias contra o flerte:

“Na Igreja, a moça sobralense é só e toda de Deus; se por acaso, lhe acode ao pensamento a imagem do seu preferido é só para entregá-lo a mais e mais aos bons cuidados da Providência Divina”.

Do outro lado da cerca, Deolindo Barreto que, durante muito tempo, pusera *A Lucta*, a serviço do bispo, já se desaviara com ele por causa da campanha eleitoral. Por isso, dia 19-3-21 dá vazão a seu espírito galhofeiro, na matéria, “JB pede noiva”:

“Tendo os virtuosos diretores da Igreja nesta cidade proibido as senhoritas de irem aos bailes, teatro, futebol, avenida e que os homens, nos templos, olhem para as mesmas...”.

Apesar do olho vivo dos padres, a rapaziada se divertia à larga. No Grêmio e no Clube dos Democratas. Namorava-se nos passeios de bonde da Estrada de Ferro até a Avenida da Cruz das Almas. Até em canoas quando a Acaraú invadia a cidade.

O Correio, porém, firme repete a advertência de que senhoras e moças de mangas curtas ou vestidos decotados não devem ir às igrejas, receber sacramentos ou amadrinhar inocentes. Combate o tango nos salões e o coco nos subúrbios, as saias evasés e os cabelos à la home.

Apesar da vigilância do bispo, quase sempre vencido nunca convencido, fornicava-se em Sobral como em toda parte. Em todo o tempo. Apesar do medo do Inferno com que o clero ameaçava os pecadores. Inclusive, porque nem todos os padres pareciam nutrir tais réceios. Alguns mantinham “arranjos” discretos de que nasciam “sobrinhos” que encarreiravam vida afora.

Bem sob seu nariz, o delfim da Diocese, padre José Palhano de Sabóia, conquistou sólida reputação galante. Há, aliás, quem atribua a saída, do Palácio, do então seminarista João Mendes Lira, autor de ácida biografia de Dom José, ao fato de haver denunciado ao bispo que Palhano

recebia, ali, altas horas da noite, a visita de amigas. O prestígio do pupilo do antístite não foi afetado, sequer, por manchete do *Diário do Povo*, de Jáder de Carvalho, apontando-o como protagonista de demorados encontros amorosos em apartamento do Excelsior Hotel, em Fortaleza. Muito menos por agressão praticada contra rapaz de sociedade, que queria namorar senhorita por quem nutria paixão roxa.

Lembro-me do meu espanto de criança, educado em ambiente tão carola, ao saber do rapto de uma moça pelo vigário do Coreaú, padre Ivan Carvalho. Os irmãos dela perseguiram os dois. Ficou-me na mente a descrição do padre, a negra batina esvoaçando ao vento, a cavalo, levando, na garupa a noiva. De repente, estaca, no meio da estrada, saca do revólver e corre, a tiros, os futuros cunhados.

Houve o caso da diretora da Pia União das Filhas de Maria, moça de virtudes tão gabadas que, por autorização do bispo, mantinha em casa, gabinete espiritual para dar consultas gratuitas. Para evitar que as ovelhas se tresmalhassem. Era tal o respeito de que desfrutava que, uma vez, lhe coube o encargo de preparar sertanejo bronco de espírito e forte de compleição física, para o ingresso no seminário. Em meio ao apostolado, a carne falou mais alto. E a beata, ao invés de colocar o jovem cristão na senda do Senhor, encaminhou-o para o leito. Casaram-se às pressas.

Tem mais, muito mais.

Um devoto, comerciante de aspecto desmazelado, não faltava à missa diária das seis horas da manhã, na Catedral da Sé e à mesa da comunhão. Quis o destino, porém, morresse o santo varão em pleno campo de batalha, em leito não abençoado pela Santa Madre Igreja nem protegido pelo Código Civil.

Um figurão modelar da cidade se vangloriava de amar tanto o trabalho que era o primeiro a chegar ao escritório, todo o santo dia. Antes de todo o mundo. Era, por coincidência, o horário em que se sentia mais cheio de vida. Pelo que, dava uma passadinha na casa de uma funcionária que

lhe aplacava os apetites, na discrição da madrugada. Certa vez, ao chegar para a desobriga sexual, surpreendeu-se com a mesa posta. Bule de prata, xícara de porcelana, toalha de linho. Desconfiou da cousa. Eram artes de sua mulher que, aparentemente, queria que tivesse todo o conforto, no desejo na casa da amante. Encabuladíssimo, jamais voltou ao local do crime. Não encostou, porém, as chuteiras, Muito pelo contrário. Continuava a recrear-se com suas empregadas. Padrinho de filho de uma delas, foi visitá-la, na boquinha da noite. A mulherzinha, ainda tentou reagir à investida, apelando para o castigo dos céus:

“Doutor, não, pelo amor de Deus. Dizem que tem um lugar reservado no Inferno para a comadre que se deitar com o compadre”.

Do alto de seu saber jurídico, o figurão fulminou a resistência:

“Besteira, comadre. Nós somos compadres só da cintura para cima...”.

O bispo lá, em sua cidadela, continuava firme contra a dissipação de seus fiéis. Lembro-me de que Raimundo Machado de Araújo, depois rei da cera de carnaúba do Ceará, foi expulso da Congregação Mariana de Moços, onde era colega de meu pai, por haver brincado o Carnaval, no Palace. José Ribeiro Dias sofreu a mesma penalidade por haver ido ao chitão. Ambos dançaram com as respectivas mulheres, devidamente policiados. Não escaparam da punição.

Homem não podia entrar no Colégio Sant’Ana. A não ser padres e professores mais idosos. A proibição era tão rígida que, num determinado Carnaval, a rapaziada, só de brincadeira, bateu à porta do estabelecimento, anunciando encomenda. Quando a freira abriu, jogaram, no interior do colégio, um surrão de palha de carnaúba, onde estava Zé Monte.

As filhas de Maria sofriam o diabo naquele clima. Naquele calorão eram obrigadas a vestirem roupas verdadeira-

mente incômodas. Não podiam, além disso, ir nem ao “sereno” das festas, isto é, acompanhar, da calçada dos clubes ou das residências, o espetáculo da entrada dos que iam se divertir. O vestido era de mangas compridas e a meia ia até os joelhos. Tinham de usar, ainda, combinação que cobrisse até três quartos do braço: “era melhor ser logo freira”, queixa-se ainda hoje Maria Dias Ibiapina.

Havia um pouco mais de liberalidade para as moças da Ação Católica, a quem era permitido usar vestidos com mangas 3/4.

As senhoritas da sociedade acharam rapidamente uma saída para satisfazer a vaidade sem ir para o Inferno. Inventaram os “manguitos”, uns canudos de pano, às vezes diferentes do vestido, com que cobriam os braços, apenas quando se encontravam no interior da Igreja. À saída, se descobriam, fugindo do calor insuportável.

Para a neta da dona da “zona” poder estudar no Patronato, foi necessário um longo processo. Terminou entrando, depois de penosas humilhações.

Conta-se, aliás, que Dom José resistiu muito à instalação do Rotary e do Lion’s Club. Já, no finzinho da vida, admitiu que o último fosse fundado em Sobral. Recebeu comitiva, integrada por Ribeiro Ramos, José Maria Soares, Stênio Azevedo e Edmilson Barros de Oliveira, que foram convidá-lo a assistir à primeira reunião da entidade. À certa altura, para lisonjeá-lo, um dos visitantes disse:

“O senhor manda na cidade”.

“Mando nada” – retrucou Dom José. “Quem manda é a Chica Agostinha. Fecho o cabaré dela na quarta e ela reabre no sábado”.

O MÍSTICO

O bispo mantinha contatos com o sobrenatural, além e acima das vias convencionais. Quando se refugiava na Serra da Meruoca, fugindo do calor, vivia um período descontraído,

alegre, cheio de bom humor. Às vezes, à noite, simulava-se convocar almas do outro mundo para que falassem, através de letras soltas sobre a mesa, que eram arrumadas pelo copo, movimentado pelo dedo indicador dos participantes da brincadeira. Padre Palhano controlava o divertimento, levando-o no rumo de seus interesses, para a obtenção de respostas que lhe convinham. Certa noite, queria dormir. Dom José continuava curioso pelo além. Queria porque queria saber o que o doutor José Sabóia pensava de certo assunto. Palhano, muito matreiro, botou na boca do falecido a frase:

“Isso não é ocupação para o bispo”.

Dom José, murcho, humilhado, encerrou a brincadeira.

Doutra feita, sonhou que havia uma botija enterrada sob o piso da Igreja do Menino Deus. No café, contou o sonho. Deram-lhe corda para fazer escavações no templo, em busca do tesouro. Meio sério, meio de brincadeira, autorizou a pesquisa que, para sua decepção, deu em nada.

No comecinho da década de 1930, no exato momento em que o padre Arteiro estava sendo assassinado, a facadas, na cidade do Acaraú, por questões amorosas, ele julgou ter ouvido um “ai” sofrido e desesperado em forma de apelo que atribuiu ao falecido, depois que lhe chegou a notícia oficial da tragédia.

Uma vez, estava se vendo de dores com um cálculo renal. Seus gritos faziam atroar a Rua Senador Paula, enchendo, de pena, a vizinhança. Sonhou com Pio X, que lhe recomendou determinada fórmula que foi santo remédio. E imediatamente aliviou seus padecimentos.

Ele gostava de pregar peças nos seminaristas, que, momentaneamente, integravam sua corte. Na década de 20, uma noite, sem luz elétrica, ao som da música de vorazes muriçocas, ia preparando terreno. Criando clima propício para assustar a rapaziada. Contava estórias do outro mundo. Falava de assombrações. Batia palmas, como se tivesse chegado alguém. Mandava um deles, mais crédulo, ver. É claro que ninguém chegara. De repente, aparecia fantasiado com enorme capa preta, de chapéu, de bacamarte, quase matando o pessoal de medo.

Uma vez mandou o seminarista Sabino Loiola trajar farda da Guarda Nacional, enorme espada à cinta, e entrar de repente onde estava. Foi outro susto tremendo. José Furta-do quis enfiar a caneta no colega, tal o pavor em que ficou.

Muito tempo depois, em circunstâncias idênticas, mandou o seminarista Aristides Sales se esconder num caixão de tapetes e somente sair quando entrasse na sala padre Benedito Maia, vigário de Frecheirinha, que, ao ver a marmota, não quis conversa, partiu feito uma bala, com medo da assombração.

O padre Benedito Maia ordenou-se já velho, depois de haver sido comerciário durante muitos anos e irmão marista. Humilde, fazia tudo para agradar ao bispo que, de cinco em cinco anos, exigia Exame de Madureza em Teologia Moral, Dogmática, Liturgia e Direito Canônico, para manter o clero atualizado. Muito fraco, padre Benedito compensava as limitações intelectuais com o esforço de agradar.

Uma vez, Dom José lhe perguntou:

“Padre Bené, o senhor poderia celebrar a santa missa com cachaça, ao invés de vinho?”

Sem pestanejar, ele respondeu:

“Se V. Ex^a. mandar, eu celebro”.

Seu secretário particular, Valdemar Albuquerque, fazia tudo para amenizar o mau humor do bispo. Num almoço ruim – o que, aliás, era rotina do Palácio – Dom José, para se divertir, indagou:

“A carne está boa, Valdemar?”

“Está ótima, Excelência”.

“Pois, então, coma, Valdemar”, ordenou-lhe o bispo.

Noutra vez, dizia:

“Quando eu morrer, quero que plantem uma bananeira em cima da minha cova”.

“Para que, Dom José?”, Valdemar, curioso, quis saber.

“Para eu dar banana pra todo o mundo. Valdemar, para uns, era uma penca”.

Durante a celebração da missa pontifical, na Catedral da Sé, um dos ajudantes lhe entregou o báculo de lado, não de frente, como manda a liturgia. Colérico, o bispo o repreendeu:

“Por trás, só se dá clister”.

O BAIRRISTA

O bairrismo de Dom José somente se equiparava a seu conservadorismo. Isso se pôde perceber, muitas vezes. Uma delas ainda quando os concursos de beleza feminina eram o quente, embora condenados pela Igreja. Emília Correia Lima foi eleita Miss Brasil. Sobral se ouriçou. Era a glória nacional. No ano seguinte, outra sobralense, aluna do Colégio Sant’Ana, foi escolhida para representar a cidade rio concurso, a nível estadual.

Acompanhada de pai, mãe, parentes e aderentes e de Stênio Azevedo, coordenador do concurso, ela se deixou fotografar às margens do açude Cachoeira, para a primeira página do *Correio do Ceará*. Quando o jornal, com sua foto

de maiô, chegou à cidade, Dom José mandou expulsá-la do Colégio Sant'Ana.

José Monte e Vilemar Carneiro decidiram, porém, requerer a revogação daquele ato institucional e foram ao Palácio Diocesano. Começaram a "cantada", falando de choro da mãe da moça, cunhada de padre e freguesa diária da Igreja, inconsolável ante a punição da filha, o que lhe parecia uma espécie de vestibular para o Inferno.

O bispo ouvia os argumentos desinteressado, assobiando baixinho, e tamborilando no braço da cadeira. À certa altura do campeonato, Zé Monte lançou a isca:

"O Quixadá Felício até escreveu que Sobral jamais dará uma nova Miss Brasil".

E estrategicamente, mudou de conversa.

(Quixadá, médico do Crato, Capital do Cariri com que Sobral rivalizava, escrevia nos jornais de Fortaleza).

Os dois voltaram a falar da tristeza da família da vítima, de propósito, enquanto, Dom José, rendido à cilada, indagou de Valdemar Albuquerque:

"O Quixadá disse isso mesmo, Valdemar?"

"Disse, Excelência Reverendíssima".

"Valdemar, você acha que Sobral nunca mais elege uma Miss Brasil?"

"Elege sim, Excelência. É lógico que elege".

Nesse meio tempo, o jogo prosseguia. Os dois falando do sofrimento moral da família da moça e o bispo, mortificado pela eventual vantagem que Crato poderia extrair da rigidez de seu código.

O caso terminou com sua autorização para que monsenhor Aloísio Pinto, tio da moça, levantasse a punição.

Os dois embaixadores não escaparam, porém, sem um castigo: tiveram de almoçar com o bispo que comia pouco, frugal e pobremente.

Quando Zé Monte me contou essa história, perguntei-lhe:

“A Maria Airdes Arruda chegou a Miss Ceará?”

“Chegou, sim. A titular casou seis meses antes de terminar o reinado, de modo que a Maria Airdes assumiu...”.

“Não é fantástico? Num País em que geralmente o vice-presidente da República não sucede ao presidente, Sobral consagra a continuidade constitucional, em concursos de beleza...”.

O EXIGENTE

O padre Luizito Dias Rodrigues foi o último dos 98 sacerdotes ordenados, por Dom José, o que aconteceu a 8 de dezembro de 1958. Ele morou algum tempo com o bispo que costumava perguntar-lhe se conhecia fulano, sicrano, beltrano, personalidades políticas ou artísticas. O padre, mocinho, naturalmente respondia que não conhecia. O bispo resmungava: “Que padre vêi besta....”. Todo o dia, era a mesma provação. Uma vez, porém, falou-se de Virgílio e o bispo perguntou:

“Padre, você se lembra de Eneida?”

O padre Luizito pensou haver chegado o seu dia, porque começou a desfiar, com desembaraço, o *arma virumque cano*. Iria longe se o bispo não o interrompesse, com toda má vontade: “boa memória, mas péssima pronúncia”. O que era notória injustiça.

O PIEDOSO

Uma vez, almoçando com o padre Oswaldo Chaves, grande poeta da terra, alma dulcíssima, indagou-lhe: “Quem é o autor de sua preferência?” O rapazinho respondeu: Balzac. O bispo fez que não entendeu. Ficou irritadíssimo: “Como? Qual é o seu autor preferido?” Sem atemorizar-se, Oswaldo respondeu: “Honoré de Balzac, Excelência. É di-

vino”. O bispo deixou a mesa irritado, subiu as escadas para seu quarto, resmungando. Muitos anos depois, o leitor de Balzac foi ordenado padre. Dom José, na hora de torná-lo sacerdote *ad eternum*, brincou:

“Espero que o seu Divino, agora, seja outro...”.

O HUMILDE

Certa vez, na Serra da Meruoca, já se despia dos paramentos quando chega um pobre serrano querendo comungar. Ele o repreende, com aspereza. Logo, porém, se arrepende e explica ao padre que o ajudava: “Se fosse alguém importante, eu iria atender, correndo. Por que não o farei com um pobre paroquiano da serra?” E vai cheio de boa vontade, ministrar-lhe o sacramento.

O FORMAL

“Hierárquico e principesco nas funções litúrgicas, simples no dia-a-dia e no trato com os humildes. Sério na conversação formal, chistoso nos momentos de humorismo e da anedota. Fidalgo com filhamento, apurava a boa prosápia do sangue e os brasões de família. Cavaleiro no porte, nobre nas ações, aristocrático nas atitudes. Prezava o respeito à palavra empenhada, o cumprimento fiel do juramento, a lealdade à promessa, a firmeza do caráter.

Amante das tradições, era inflexível a mudanças e tardo em aceitar inovações. Defendeu denodadamente a veste talar dos sacerdotes, o feitio clerical do apostolado, o latim na liturgia e o canto gregoriano”. (Padre F. Sadoc de Araújo in *Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses*. págs., 146/147).

O padre José Tupinambá da Frota encheu-se de tantas glórias na Universidade Gregoriana, em Roma, a ponto de levar o ministro das Relações Exteriores da Itália a cumprimentar o colega brasileiro por sua formatura em Teologia e Direito Canônico, o que levou muita gente a pensar em seu ingresso na diplomacia. Com outros projetos, o parente ilustre Dom Jerônimo Tomé da Silva lutaria pela criação da Diocese de Sobral e para que fosse seu primeiro titular.

De seu preparo intelectual, dizia o colega, Dom Sebastião Leme:

“O Tupi ensina melhor Teologia Dogmática que o cardeal Billot, da Universidade Gregoriana”.
“Era a maior organização metafísica do Brasil”, segundo o julgamento do padre João Gualberto.

Ao fim da vida, porém, envolvido em tantos combates, quase não tinha mais tempo para estudar. Limitava-se a assinar três revistas: *A Broteria*, *Civiltá Cathólica* e *Acta Apostolis Sedis*. Por isso mesmo, mostrava-se inseguro quando tinha de falar em público: “Devo ir? O povo não presta atenção. Não ouve minha voz”. Há quem diga, porém, que, apesar disso, falava bonito. Papo de cozinha de casa de amigo, segundo o testemunho do padre Osvaldo Chaves.

Vangloriava-se de não admitir igrejas protestantes em sua Diocese, até o fim de seu longo episcopado. Os “crentes” eram escoraçados pela oratória dos sacerdotes ou pelas pedradas dos fiéis. O *Correio da Semana* estava sempre pronto a identificar comunistas, denunciá-los e pedir sua demissão de empregos públicos ou privados.

Era tremendamente formal, a ponto de se assinar padre-doutor quando jovem e bispo-conde, depois. Apegado à etiqueta e à liturgia, exigia que lhe beijassem, genuflexos, o anel episcopal, trajava batina roxa com cauda, andava com mitra, báculo e paramentos suntuosos em ocasiões solenes.

Resistia às inovações. Assim protestou, na Igreja da Sé, quando, ao invés do tradicional “Padre-Nosso”, padre Edson Frota rezou: “Pai nosso...”.

“Esse aí é o pai dele. É o pai dele” – disse, para encabulamento do sacerdote.

Não entrava em Igreja onde divisasse mulher com vestido de manga curta, os braços expostos. Não gostava de ir à Sé porque o vigário, o padre Domingos Araújo, desleixado, nem sempre o estava esperando, como devia, à porta com a caldeirinha de água benta à mão para que ele aspergisse o átrio.

Atento às minúcias da liturgia, passou, certa vez, um dia inteiro resmungando, porque, ao transitar pela Igreja do Menino Deus, num final de tarde, flagrou monsenhor Olavo Passos infringindo normas estabelecidas.

É que a bênção do Santíssimo Sacramento pode ser ministrada com ostensório, se solene. Se simples, com âmbula. Na bênção solene, o oficiante deve estar vestido de capa de aspérquio quando for erguer, para adoração, o ostensório com a hóstia grande. Basta-lhe, porém, estar de roquete e estola quando se trata de bênção simples, com âmbula e hóstia pequena. Ao ver que monsenhor Olavo dera bênção solene, sem ostensório, sem capa, queixou-se:

“O santo padre Olavo desmoraliza minha Diocese...”.

No almoço do dia seguinte com o padre Correia Lima, voltou a se lamentar:

“Donde menos se espera...”.

Na sagração de Dom Expedito como bispo, num de seus freqüentes rasgos de irritação, quase põe tudo a perder, jogando, ao chão, a mitra que um dos alcólitos tardara em recolher.

Num Carnaval, José Lopes, o Josa, chegou de pileque, Quarta-Feira de Cinzas, ao alto-falante Imperador do Falb Rangel, situado ali na Praça do São João, mais precisamente na Alameda da Ema, preferida para passeio dos brancos e ricos. Quebrando a paz monástica do local, tascou no ar “A mulata é a tal”.

Dom José mandou bilhete a José Maria Soares, responsável pela irradiadora, acusando-o de profanador da Semana Santa, bilhete que rasgou arrependido, quando o jornalista foi visitá-lo.

O PADRE PALHANO

Ao entrar na vida solitária e rabugenta do bispo, o seminarista José Palhano de Sabóia foi o raio de luz que a alumiou e encheu de calor. Começou por melhorar a mesa de Dom José – que era frugalíssima –, trazendo-lhe, inclusive, frutas importadas, adquiridas na Capital. Sua alegria de viver espancou as sombras do soturno Palácio Episcopal. Quando teve seu avião, levava o bispo a acompanhá-lo nas emoções de suas piruetas aviatórias.

Dom José adotou o Julien Sorel sobralense como filho de seu outono em que somente enxergava qualidades. Realizava-se através dele. Por Palhano, era capaz de destituir qualquer professor do seminário. Assim o ordenou praticamente em casa, depois que foi despedido do Seminário da Prainha, por viajar, todo fim de semana, a Sobral, sem licença dos superiores.

No interesse de sua carreira, porque o queria doutor, bispo auxiliar, seu sucessor, mandou-o estudar em Roma. De madrugada, aos prantos, ralado de saudades, batia à porta do quarto do ausente, chamando-o:

“Zé da Palha, acorda. Acorda, está na hora”.

Para sossegar seu coração, Palhano logo voltou à terrinha, aos seus caboclos, às potentes motocicletas, às acrobacias aéreas. Muito inteligente e inquieto, não gostava de estudar. Por isso, pouco demorou na Universidade Gregoriana, onde, aliás, deixou pálida mostra de sua versatilidade política. Dom José mandou, de presente, café e objetos do artesanato cearense para um cardeal, seu velho conhecido. Ao saber que o destinatário original se encon-

trava em baixa no Vaticano, Palhano mudou a oferenda para outro, mais na moda, mais prestigiado perante o Papa.

Tesoureiro das riquezas da Diocese, era também quem distribuía cargos e honrarias da Igreja. Largo, sua camioneta estava sempre à disposição da pobreza, com quem gostava de conversar e conviver, para transportar um convalescente de volta para casa, parturiente à maternidade, par de noivos aos pés do altar. Seu avião, no qual levava as moças das cidades vizinhas para ver o céu de perto, voava carregado de doces e bombons para mimosar as crianças, de cigarros americanos para obsequiar os amigos, pois não fumava. De flores, que jogava lá de cima, quando queria homenagear alguém. Quando o padre voador descia de sua máquina, vestindo elegante macacão, fazia disparar os corações femininos.

Era adorado por muitos. A matutada dizia que ele, uma vez, recusara o Papado porque quisera ficar perto de seus amigos. Da próxima, não escapava. Não podia deixar de ir para Roma, chefiar a Igreja Católica. Simpaticíssimo, nenhum inimigo mantinha a cara fechada quando se defrontava com seu sorriso.

Não era de surpreender terminasse por ingressar na política-partidária, depois de indispor o bispo com um velho aliado, Chico Monte. Foi candidato à Prefeitura, em 1958, em ruidosa campanha de que o Ceará e o Brasil tiveram notícia e que custou a Dom José a humilhante inspeção do arcebispo Metropolitano, Dom Antônio de Almeida Lustosa, instrumentado pelas boas relações do ministro do Trabalho, Parsifal Barroso, com a alta hierarquia católica do Brasil. O bispo já não merecia as mesmas atenções de Palhano, embora continuasse a amá-lo com toda a intensidade. Na mesquinha disputa eleitoral, que pareceu a muitos cruzada religiosa, era levado, pra cima e pra baixo, pelas ruas de Sobral, surdo, quase cego e senil, para ajudar o pupilo que provocava pessoalmente Chico Monte e agredia sua intimidade familiar. O veterano político tentou respon-

der com a candidatura do monsenhor José Gerardo Ferreira Gomes. O bispo proibiu a disputa, sob o pretexto que não iria permitir a luta de um padre contra outro.

O discurso de campanha de Palhano, brilhante, agressivo, chulo, começava invariavelmente pela saudação à infância:

“Minhas queridas crianças de Sobral...”.

Palhano venceu. Dom José ainda pôde saborear seu triunfo, presidindo banquete em comemoração ao novo feito.

Logo depois morreu. Palhano, que não conhecia limites, não podia acostumar-se à disciplina de Dom João José da Mota Albuquerque e de Dom Walfrido Teixeira Vieira, seus sucessores. Terminou excomungado pelo Vaticano por haver processado o último, na Justiça Comum, pena levantada, na proximidade de sua morte, quando da passagem do papa, João Paulo II, por Fortaleza.

Candidato a deputado federal, foi suspenso de ordens por Dom Mota. Na véspera da eleição, distribuiu boletim apócrifo, atribuído ao secretário da Diocese, padre F. Sadoc de Araújo, o grande historiador de Sobral na atualidade, lamentando a punição e dizendo-a equívoco, felizmente desfeito. No dia seguinte, ao celebrar a missa na Igreja do Menino Deus, Dom Mota desmentiu a falsificação inutilmente porque milhares de cópias do boletim, distribuídas de avião, circulavam por toda a zona norte. Revoltado, levou o fato ao conhecimento do Nuncio Apostólico que se limitou a condená-lo verbalmente:

“É um absurdo. Um absurdo...”, dizia ele, no sotaque carregado que eliminava o b. E ficou nisso mesmo.

Palhano, na melhor linha dos virulentos polemistas da terra, jamais se deteve ante qualquer acusação ao adversário, chegando a insinuar homossexualismo de seus superiores, zoofilia e roubo, por parte de colegas de batina e

adultério da mulher de adversários. Seu jornal *Língua de Trapo* foi modelar, nessa linha.

Por sinal, quando ia mais odiosa e odienta a polêmica que entreteve com padre Sabino Loiola, suspendia a programação musical de sua Rádio Tupinambá para lançar, no ar, edição extraordinária do jornal falado, anunciando a internação, em hospital de saúde mental em Fortaleza, de seu contendor:

“Acaba de sair amarrado, na carroceria de um caminhão, para o Asilo de Porangaba, o padre Sabino Loiola”.

No mesmo diapasão, na Rádio Educadora, pertencente ao bispado, padre Sabino replicava, num trocadilho de mau gosto:

“Palhano fedeu como seminarista, fede como padre e federá como deputado”.

Inventou-se, a esse tempo, estorinha que bem demonstra o desconforto da cidade com o destempero verbal de seus padres. O jornalista José Maria Soares, típico homem cordial, em paz com o mundo, diretor da Rádio Iracema, comentou:

“Só tenho medo de que o monsenhor Fontenele queira vir para a Rádio Iracema...”. Era outro sacerdote temível por suas cóleras.

Com charme, Palhano pregava o boicote à Rádio do bispo:

“Não ouçam Rádio que fala mal de padre”.

As muitas pedras que Palhano atirou em telhados alheios voltaram-se contra ele. Não surpreende, pois, haja sofrido tantas acusações. De doar bens do Museu a políticos eminentes para lhes conquistar as simpatias, de ter fundido preciosas moedas de ouro, para delas fazer jumentinho, dado de presente à dona Eloá Quadros, às vésperas da renúncia de Jânio da presidência da Republica. Seus inimigos espalha-

ram que tentou, em vão, depois de 25 de agosto de 1961, recuperar o presente, o que não se confirmou. Certo mesmo é que mandou para o Palácio da Alvorada, jumentos, veados, emas e tatus. A Maria Teresa Goulart mimoseava com atas, levadas do Ceará, depois que se filiou ao partido do presidente João Goulart, o PTB.

Cesário Barreto Lima, eleito seu sucessor na Prefeitura com apoio do governador Parsifal Barroso, se empenhou em destruí-lo politicamente.

Dirigiu-lhe acusações variadas de abuso de dinheiros públicos, nas quais muitos acreditavam, por causa de sua vida faustosa. Um livreto intitulado *A verdade sobre a administração Palhano*, escrito pelo jovem jornalista Dário Macêdo, publicado pela Prefeitura, documentou o libelo.

Quando sobreveio o golpe militar, sua sorte estava lançada. A alta hierarquia católica que, então, formava com os militares, tentou ainda salvá-lo do cutelo. O marechal Castello Branco hesitou. Somente assinou sua cassação, por pressão dos militares da família do prefeito, à frente o general Flamarion Barreto Lima, autor de verbete sobre História do Exército brasileiro, a quem muito respeitava.

Na véspera da divulgação do ato discricionário, Chagas Barreto atravessou a Praça do São João para anunciar, aos gritos, a José Euclides Ferreira Gomes, que se encontrava na calçada de sua casa:

“Zé Euclides, o Palhano sai amanhã. É o terceiro da lista”.

Foi exatamente o que aconteceu porque o arbítrio tem dessas delicadezas: cassado em terceiro lugar, na relação dos alcançados pelo Ato Institucional.

Foi morar no Rio, onde se formou em Direito. Logo que pôde, voltou a Sobral, às suas polêmicas, aos divertidos banhos de açude no Quebra, sua paradisíaca propriedade na Serra da Meruoca. E à política.

Em 1976, participou, ativamente, da campanha eleitoral de José Euclides Ferreira Gomes à Prefeitura. Num co-

mício na Praça da Sé, devolvido, por instantes, às glórias do palanque, entrou em transe e, durante duas horas e meia, tendo à mão o cálice cravejado de pedras preciosas que herdara de Dom José, falou com seu benfeitor, no Céu, com tanta emoção, que perdeu a noção do tempo. Aliás, para desespero dos organizadores da concentração popular, porque a multidão, fatigada, se dispersou. Ele se creditou a vitória de seu candidato conquistada contra a vontade do bispo e de vários sacerdotes.

Padrinho de crisma de meu irmão Parsifal, levado à pia baptismal por Parsifal Barroso, Palhano foi amigo de meu pai, até o fim da vida. Submetia-se a penoso tratamento em Fortaleza. Certa vez, ele o levou ao hospital para uma diálise. A caminho se queixou:

“Pra você vê, Costa, como são as coisas. Eu, que tive tantas mulheres, morro sozinho”.

Minha mãe, que vinha no banco de trás e que não tem papas na língua, repreendeu-o no ato. Ele se desculpou, alegando não se lembrar de que ela estava presente.

Morreu pouco depois.

O galante padre Palhano terminou seus sessenta anos sem votos, sem sua Rádio, sem a aura romântica que tanto cultivara. Seu enterro, porém, foi consagração. Festa que gostaria de ter preparado e presenciado. A cidade inteira, chorando, levou-o à derradeira morada, lembrando seus encantos, suas qualidades, sua alegria de viver, perdoadolhe os arrebatamentos e as paixões que suscitara.

O PADRE LIRA PESSOA

“Para o cargo de prefeito necessitamos de um homem vontadoso e que dedique a ele todo o seu esforço. Nestas condições voto no Raul Monte que poderá dedicá-lo com todo o carinho e preocupação que regateou ao matrimônio. Voto no pa-

dre Lira que, inimigo acérrimo de micróbios, é capaz de expurgar o orçamento dos parasitas que sugam a seiva vital do município”. (*A Lucta* de 23-2-16).

“Antônio de Lira Pessoa de Maria, irmão do cônego João Lira Pessoa de Maria, de família tradicional da cidade, nasceu em Sobral a 15 de junho de 1850” onde faleceu a 19 de dezembro de 1928. Está sepultado na Matriz do Patrocínio, em túmulo cavado a uma profundidade de catorze palmos, regalia especial que lhe concedeu Dom José para preservar o cadáver dos micróbios. Ele morou no Pará, no Maranhão e no Rio. Em 1908, porém, voltou à terra natal, onde terminou seus dias.

Conservador, em 1890, insatisfeito com a implosão da monarquia, pronunciou algumas conferências sobre o casamento civil, a separação da Igreja do Estado e a organização de um partido católico, tendo em vista o regime implantado com a recente Proclamação da República. Nessas preleções atacou veementemente o governo republicano e procurou defender os direitos da Igreja. Suas violentas denúncias irritaram os vereadores da Câmara Municipal, que, em sessão de 16 de novembro, deliberaram comunicar o fato ao governador do Estado. Este, então, enviou ordem de prisão do sacerdote, medida que não foi executada por interferência de amigos”. (Pe. Sadoc de Araújo, *Dicionário Biográfico de Sacerdotes Sobralenses*).

Em 1922, vamos encontrá-lo na linha de frente do combate a Deolindo Barreto. É ele quem vai procurar o diretor de *A Lucta*, para que confirme a “blasfêmia” que justificaria três dias depois a condenação de seu jornal.

“Depois de cumprimentá-lo, perguntei-lhe se ele, Deolindo, tinha dito que a imagem do Crucificado passara das mãos de um patife (ou bandido) para as mãos de outro patife.

Ele me respondeu:

“Não disse isso, disse coisa pior”.

Eu lhe repliquei:

“E o que foi?”

“Disse que Cristo ia responder júri por crime de defloração”, e acrescentou:

“Isto são palavras”.

“Nada mais foi dito por mim, neste assunto, apesar da boa vontade que tinha de fazer-lhe algumas observações, o que não fiz em virtude de se aproximar um cidadão que eu não queria tomasse parte na conversa”. (Repto de Honra, publicado em *A Ordem* de 6-10-22.)

Narra ainda o historiador Sadoc de Araújo que uma vez reagiu bruscamente a uma senhora da sociedade a quem visitava que se ofereceu para guardar-lhe o chapéu: “Não, minha senhora. Eu lá sei onde a senhora andou metendo as mãos”.

Noutra oportunidade, o destino pregou-lhe uma peça. Estava em visita a Dom José quando chegou padre Néilson Mota, que era tido como tuberculoso, doença fatal àquela época. Claro que Lira nem lhe estendeu a mão. Postou-se a um canto da janela, de molde a que o vento não lhe passasse os micróbios do colega. Ao sair, Mota, porém, por engano pega seu chapéu. Devolve-o depois de tanto colocá-lo na cabeça e perceber que não lhe cabia. Lira ficou desesperado. Quer jogar fora o chapéu. Dom José, num dia de excelente humor, se oferece para esterilizá-lo. Vai ao quarto e de lá traz colônia alemã. Como o perfume fizesse espuma quando o bispo friccionava a carneira do chapéu, Lira indagou o que era. Dom José, de gozação, explicou:

“É a luta dos micróbios contra o remédio...”.

Movido pelo mesmo zelo, quando construiu sua casa na Praça do S. Francisco, mandou escaldar, um a um, todos os tijolos nela usados. Às vezes, mandava repetir a dose quando tinha dúvida se ainda sobreviviam alguns micróbios.

MONSENHOR FONTENELE

Monsenhor Francisco Felipe Fontenele, vigário de Ipueiras durante muitos anos, veio para Sobral, nomeado procurador do patrimônio da Diocese e capelão da Igreja do Rosário. Segundo meu pai, era “baixo, alvo, lépido, ereto, cuidadoso no vestir e zeloso nos deveres sacerdotais, respeitado, apesar do seu temperamento explosivo”. Morreu paupérrimo, no Abrigo do Coração de Jesus, construído por Dom José para abrigar os velhos.

Dele se conta que fundou e manteve, com muito carinho, a bandinha de música de sua cidade. Certa vez, a título de comparação, foi ouvir a similar em Nova Russas. Depois de vários dobrados, indagou do matuto que se encontrava a seu lado o que achara do desempenho dos artistas. De maldade ou ignorância, o interlocutor, depois de uma cusparada de lado, respondeu:

“Bandinha ruim também é aquela de Ipueiras...”.

Ali adquiriu uma lâmpada, chamada Rainha da Tempestade com que um auxiliar alumiaava seus caminhos, à noite, quando ia confessar enfermos e que servia, segundo ele, para que quem o visse sair, altas horas, não pensasse que ia para alguma sortida amorosa. Ele era muito sensível à repressão sexual comandada pelo bispo.

Morando nos fundos da Igreja do Menino Deus, hospedava, certa vez, uma sobrinha que, depois da novena, foi dar uma voltinha na Avenida da Ema, dos brancos, dos ricos. Quando regressou, a porta de casa estava fechada. Bateu, bateu até que acordou o padre. Antes que entrasse, ele, com estardalhaço, chamou as pessoas que se acomodavam na calçada do templo, na proximidade dos tabuleiros de vendas de doces, bolos, tapiocas, aluás, café, para dizer:

“Esta moça é minha sobrinha. Ali, naquela cama, dorme minha mãe. Noutra, minha irmã, que

é paralítica. Quero que entrem e vejam para que, amanhã, não saiam dizendo que viram o padre botar uma mulher de noite para dentro de casa”.

Ele era, por isso mesmo, muito exigente no tocante ao pudor das mulheres que freqüentavam sua Igreja. Sem mangas compridas ou então de vestido decotado, ninguém tinha acesso aos sacramentos. Certa vez, negou comunhão a uma mocinha da sociedade e ainda lhe deu uma descascadela, em público. A pobre, vexada, humilhada, saiu da Igreja aos prantos. Seu pai consolou-a, dizendo:

“Minha filha, não ligue para isso, não, que o monsenhor Fontenele é doido”.

Espalhou-se, depois, muito conveniente que um filho desse cidadão perdeu o juízo e assim morreu.

Certa vez, pregando contra a generosidade do decote dos vestidos das freqüentadoras de sua Igreja, permitiu-se, no púlpito, a esse tipo de reflexão que bem enunciava suas angústias e seus problemas:

“Se uma senhora vem comungar, com um decote muito grande e a hóstia cai em seu colo, o que é que eu faço? Ela não pode pegar a hóstia. E eu? Meto a mão ali? É ou não é uma situação embaraçosa?”

Naquele tempo, o leigo, em nenhuma hipótese, podia tocar na hóstia consagrada.

Homem de temperamento difícil, tinha a mania de praguejar. Uma vez, antes do almoço no Palácio do Bispo, ele muito falante, se queixava do sacristão, da chave do sacrário, dos fiéis mal comportados, sempre chamando pelo cão. Padre Joviniano Loiola se propôs contar quantas vezes ele praguejava.

“Quando cheguei à Igreja, o diabo do sacristão, não tinha chegado. Pior, é que o diabo da fechadura do sacrário enguiçou. Tive de mandar chamar o diabo do sacristão que mora no Junco”.

Joviniano desistiu de somar, quando ele apelou para o aumentativo:

“Eu disse então, comigo mesmo: com seiscentos milhões de diabos, a que horas o diabo desse sacristão vai chegar, para eu celebrar o diabo dessa missa?”

Há quem lembre que, ajudando Dom José a officiar a missa, demorou-se a mudar o missal, dum lado para o outro. O bispo, neurastênico com a distração, teria derrubado o livro, de propósito, sobre sua cabeça. Os maliciosos informam que monsenhor Fontenele chutou o missal, no ar, com o que chamou Dom José de volta à serenidade do momento.

O PADRE LEITÃO

Na campanha eleitoral para o governo do Estado em 1946, o chefe da UDN de Aracatiaçu, pediu ao vigário local, padre Francisco Soares Leitão (1942/1947), que saudasse o candidato de seu partido, desembargador Faustino de Albuquerque sem se advertir de que o clero da Diocese estava todo engajadíssimo com o candidato do PSD, general Onofre Muniz Gomes de Lima. Ele se recusou, alegando a condição de sacerdote. Não houve jeito. O coronel insistiu tanto que concordou em dar sua colaboração, escrever o texto do discurso. O filho do chefe udenista o leria. Não deu outra.

De corpo presente, ar sisudo, o padre Leitão ouviu, ao lado de Faustino, Plínio Pompeu, Gentil Barreira, Renato Braga, o jovem orador declamar, inflamado, as perfídias que embutira na peça oratória:

“Desembargador Faustino, nós, os homens do campo, somos tão ingênuos e tão simples que somos capazes de acreditar na sinceridade desse ancião que, num abraço transitório e interesseiro, nos estende a mão, mendigando votos: esta-

mos cansados dessa sementeira constante de promessas e de colheitas, nunca realizadas”.

Faustino estreava na política partidária. Não era nada bom de oratória. Portanto, não passou recibo da perversidade de Leitão e proferiu o mesmo discurso de agradecimento de todos os comícios.

Papai era muito seu amigo. Visitava-o, com frequência, quando estava ainda em Santo Antônio de Aracati, em companhia doutro amigo comum, padre Tibúrcio Gonçalves de Paula. Assim o descreve:

“Homem culto, simples, servido de memória angelical, era capaz de ouvir um discurso aqui e logo o repetir, com toda a precisão. Tinha veia poética e era muito irônico”.

A propósito, ele conta o trote que Leitão passou em seus colegas que veraneavam na Serra da Meruoca, numa fase histórica da guerra fria, em que pôde aferir as reações e o temperamento de cada um dos envolvidos. Estava em Sobral quando encontrou o padre Odécio Loiola, vigário de Bela Cruz que estava querendo subir à Serra a fim de visitar o irmão, padre Joviniano Loiola. Decidiram ir juntos no carro do padre Domingos Araújo, vigário da Sé. No caminho, Leitão decidiu pregar peça aos visitados, principalmente ao reitor do seminário, padre José Osmar Carneiro que não era muito benquisto dos colegas. Só pediu aos dois outros padres que ficassem sérios, compungidos. Nada mais. Ele se encarregaria de contar a estória.

Assim que chegou, começou a narrar a tragédia, em cores negras. Nigérrimas. O Governo caíra nas mãos dos comunistas. Dom José devia estar preso em Camocim onde se encontrava, em visita pastoral. O vigário-geral, monsenhor Olavo Passos, determinara que os seminaristas fossem transferidos da Serra para a fazenda do monsenhor Agésilau Aguiar, em Tianguá, para onde já havia viajado

padre Exedito Lopes. Papai tinha viajado a Crateús, a fim de prevenir o padre Coutinho. Foi um horror. Padre José Inácio Mendes Parente saiu logo para buscar o revólver. Conferindo as balas, dizia, colérico:

“Queimo pelo menos seis”.

Padre Arnóbio Andrade foi para a capela rezar. Padre Osmar pediu ao padre Domingos que o ouvisse em confissão. Os seminaristas, apavorados, cortavam punhos das redes em que dormiam, a cozinheira derramava os caldeirões de comida, apressando a retirada. Fleumático, Leitão comia bananas até que padre Domingos, preocupado com o pânico, decidiu acabar com a brincadeira. Foi até o quarto do padre Osmar para lhe dizer:

“Aquilo tudo foi brincadeira do Leitão”.

Ouvii poucas e boas do interlocutor. O certo é que os três voltaram da Serra, sem almoço e sob ameaça de denúncia ao bispo, o que, realmente houve. Deu, porém, em nada. Dom José, que também gostava dessas brincadeiras, riu muito do trote.

Padre Leitão encontrou, certa vez, motorista pior que ele. Foi uma freirinha do Patronato Auxilium que fundou em Nova Russas quando era o vigário, que lhe pediu para dar uma volta em seu jipe. A freirinha se embarçou, deu marcha à ré quando queria ir para a frente, não acertou o freio. O certo é que o veículo veio em disparada no rumo do Leitão que se esquivou do abalroamento. A vítima foi o muro do estabelecimento. Irritado com o prejuízo, o padre Leitão disse à freirinha apavorada:

“Se eu não fosse padre, sabe como é que lhe chamava? Chamava de fia duma égua, rapariga, safada...”.

Ao terminar uma freguesia (espécie de visita pastoral de vigário em sua paróquia), em Águas Belas, distrito de Nova Russas, em seu jipe, deu carona a um matuto que viajou no banco traseiro. Penou tanto batendo com a cabeça na armação de ferro que sustenta a capota do veículo que, quando o desastrado motorista indagou:

“E aí, meu caboclo, como vai?”, respondeu:

“Só acredito em milagre, se conseguir chegar vivo a Nova Russas...”.

Homem erudito, criou o sobrinho Juarez Leitão, vereador em Fortaleza que, como todo menino, às vezes ganhava a rua. Quando voltava, o tio irritado o interpelava:

“Essa casa não lhe cabe, não?”

E como castigo, impunha-lhe, logo, a leitura da “Batalha de Maratona” de César Cantu, por exemplo. Não deixava por menos.

Detestava crianças, negros e pessoas atrasadas. Costumava dizer a Juarez:

“Não case com mulher de cor nem com mulher analfabeta”.

Leitão contava que, quando moço, recebeu a visita de uma bela paroquiana em Santo Antônio de Aracatiaçu, que, à certa altura do campeonato, lhe passou a cantada:

“O meu sonho é ter um filho seu”.

Ele convidou a visitante a se retirar e foi a Sobral entregar a paróquia nas mãos do bispo. Nunca mais voltou lá.

No final da vida, porém, Dom José já falecido, não oferecia a mesma resistência. Vigário de Nova Russas, de 1947 a 1974, pediu dispensa de ordens e deixou a batina. Casou com viúva, mãe de seis filhos, com quem terminou seus dias. Foi pai de Soares Feitosa e Juarez Leitão, poetas que educou como filhos.

DOM EXPEDITO

A amizade do padre Francisco Expedito Lopes, assassinado quando bispo de Garanhuns, por padre de maus bofes, punido por ele, por violar, ostensivamente, o voto de castidade jurado quando de sua ordenação, constituía honra rara para meus pais. Homem sério, digno e modesto até o exagero, dizia que somente visitava duas casas na cidade, a nossa e de sua irmã Suzete, em dia fixo da semana, às sextas. Aliás, quando chegava, os outros padres, mesmo mais velhos, mais importantes, suspendiam os “potins” que envolviam colegas ou personalidades da terra, tal o respeito que infundia.

Por isso mesmo, Dom José o respeitava. Não o amava, por causa de sua independência. Enquanto padre Eufrásio morria de rir de suas anedotas insossas, envolvendo a passagem do Conde D’Eu por Sobral, na boquinha da queda do Império, permanecia sisudo:

“O Expedito fica tão sério com minhas histórias”, queixava-se o bispo que amava o aplauso e a lisonja. E que ficou magoado quando ele regressou de Roma, onde se doutorara, sem avisar ninguém, desprezando homenagens.

Quando chegou sua nomeação para bispo de Oeiras[?], não pôde deixar de observar, com indisfarçada mágoa:

“Apresentei o Expedito para bispo, para que ele saiba o quanto bispo sofre...”.

Homem sereno e forte vinha, a pé, todos os dias, do antigo seminário, hoje sede da UVA para a Santa Casa, boa caminhada. Certa feita, deparou-se, no meio do caminho, com touro enfurecido que ameaçava todo mundo. Enquanto seus companheiros de percurso se dispersavam apavorados, não cortou caminho. Foi em frente, sem medo nem bravata, o que talvez possa explicar as circunstâncias de sua morte violenta.

Indicado três vezes para a glória do episcopado, não pôde declinar, por fim, da honraria. A família humílima exultou. Seu irmão, Josa, locutor dos comícios de Chico Monte, copo respeitado nos bares da cidade, seus pais, Noeme e Expedito Albuquerque, este pedreiro, passaram a nutrir esperanças de melhorar de vida com a ascensão do irmão e filho.

Ao saber de tais castelos, tratou, imediatamente, de os desfazer:

“Papai, o senhor continua no seu trabalho. Bispo, terei muito orgulho de, em o encontrando, consertando uma calçada ou levantando um muro, parar e me inclinar diante do senhor, para lhe pedir a bênção”.

Na manhã da divulgação da grande notícia, os sinos de todas as igrejas tocaram festivamente. Ele, diante do alvoroço, saiu rapidamente da capela de Rosa Gatorno, no Colégio de Sant’Ana onde tantas vezes o ajudei a celebrar missa, rumo de casa. Ao passar por nossa calçada – éramos quase vizinhos –, não parou a fim de receber parabéns, vermelho, de encabulado. Apenas acenou com adeus fugidio para meu pai. Depois apareceu, muitas e muitas vezes, em nossa residência, à rua de Deolindo Barreto, esquina com os fundos do Palácio do Bispo, para a redação de sua Carta Pastoral, endereçada aos fiéis de Oeiras, no Piauí. >

Dom Expedito foi mártir de seus rígidos princípios. Deixou o exemplo de vida austera, reta e respeitada.

O PADRE JOSÉ INÁCIO

O padre José Inácio Mendes Parente (1917-1987), era homem de temperamento arrebatado. Colaborou com a criação da UVA e foi professor da Faculdade de Filosofia Dom José, para cuja fundação muito contribuiu. Residia em Fortaleza onde veio a falecer no começo do ano. Leu, brabo da

vida, “SOBRAL DO MEU TEMPO”, cobrindo de toda espécie de acusações o meu pobre livrinho. Explico em parte porque.

Meti-me numa eleição para o Centro Estudantil Sobralense apoiando a candidatura de Aécio Aguiar – a quem nunca mais vi – que queria ser promovido de tesoureiro a presidente da entidade. Seu concorrente, Gerardo Cunha Mendes, acusava-o de pleitear a promoção a fim de se livrar de investigações quanto a seu desempenho administrativo. A pedido de meu candidato – que não era lá muito forte em redação – repliquei em furibundo boletim de que lembro tirada cruel: “aplicou-me epíteto que só a ele cabe e bem se ajusta: ladrão”. É claro que se tratava de arroubo da juventude.

Não sei porque cargas-d’água, padre Zé Inácio se meteu na briga. E foi lá em casa pressionar-me a mudar o voto. Lembro-me bem do diálogo, travado na sala de visitas, cheia de estantes e móveis antigos de jacarandá. Ele chegou, auto-suficiente, crente de que viera a passeio, tal a desvantagem em que me encontrava. Não conseguindo alterar minha opinião, partiu para a chantagem:

“Você não mudaria nem que seu pai mandasse?”

“Não”, respondi firme e agüentei os atos.

Ele saiu furioso, atropelando mesas e cadeiras. No dia seguinte meteu-me o pau, quando dava aula no Colégio Sobralense.

Um dos alunos, Moacir Sobreira Filho, que nem era assim tão amigo, irmão de Narcélio Sobreira, colega de seminário, diante do inusitado da agressão, levantou-se e ouviu contraditá-lo:

“Pois eu conheço o Lustosa e não tenho essa opinião dele, não”.

Nem sei no que deu a eleição que, desde esse tempo, para mim, sempre foi mais atividade lúdica que meio de

vida. Lembrei-me, porém, do episódio de tanto tempo atrás ao ler que padre Zé Inácio morreu, em abril, em Fortaleza, cidade para onde se transferira desde 1973.

O PADRE EUFRÁSIO

Monsenhor Gonçalo Eufrásio de Oliveira, filho de Ubajara na Serra da Ibiapaba, era muito amigo lá de casa. Sempre aparecia para um dedo de prosa irreverente. Sabia manobrar muito bem com o bispo, apesar de suas simpatias pela UDN. Mulato entroncado, de voz fanhosa, sardônico, aplicava apelidos grosseiros aos alunos do Colégio Sobralense, principalmente os de cor escura, que sofriam o diabo em suas mãos.

Um deles não agüentava mais tantas ironias e humilhações. Durante a arguição não acertou uma. Para exasperá-lo, o padre, pegando na própria carapinha, indagou:

“É isso aqui. Pelo menos isso, você sabe o que é?”

Desesperado o estudante partiu para a retaliação:

“É capuxu...”.

Foi “Velho Capuxu” o apelido que os estudantes deram ao padre, pela semelhança de seu cabelo com o ninho daquelas abelhas silvestres.

Mesmo no trato com senhoras, ele não mudava. Uma vez, Déa Capote lhe perguntou o que ocorrera por que estava coxeando. Ele respondeu no ato:

“Uma mulher jamais pergunta a um homem por que está caxingando”.

Durante a noite, no pátio do Colégio Sobralense, era colocada uma lata vazia de querosene que funcionava como mictório e poupava esforço de vigilância sobre os alunos.

Quando um deles, desavisado, começava a usar a lata, padre Eufrásio, com voz fanhosa, gritava:

“Mija de tabela. Fi... duma égua. Mija de tabela... Deixa eu dormir”.

Muito pobre, comprou certa vez, na loja do Liberato, umas meias vermelhas porque eram mais baratas. Foram dedurá-lo ao bispo por estar usando meias privativas de Cônego e Monsenhor. Quando apareceu no Palácio, imprudentemente, Dom José o interpelou. Ele, erguendo um pouco, a batina, blefou:

“Dom José, por acaso estou de meias encarnadas?”

Vexado, o bispo apenas pôde responder assim:

“Você não sabe que sou daltônico?”

Depois, promovido a monsenhor, não teve pressa em usar os botões e meias vermelhas do posto. Dom José perguntou-lhe se não ficara satisfeito com a promoção e porque não se apresentava vestido, conforme a investidura. Resposta:

“Dom José, já imaginou negro vestido de encarnado?”

Durante algum tempo, o bispo nutriu a ilusão de exercer controle magnético sobre o padre Eufrásio que ria às gargalhadas ou chorava até as lágrimas, conforme suas ordens. Dom José deixou de demonstrar tal força, de que se vangloriava ante outros padres, ao saber que o padre Eufrásio o levava na troça, em sua ausência:

“Estou fazendo isso para tomar o lugar do Palhaninho...”.

Ele desferiu outra farpa no favoritismo de que o padre Palhano de Sabóia gozava ante o bispo quando padre Expedito Lopes foi nomeado bispo de Oeiras, no Piauí. Pediu-lhe:

“Dom Expedito me leve para Oeiras”.

Desconfiado, o novo antístite perguntou:

“Você quer mesmo?”

Resposta brincalhona:

“Ora, se quero, quero ser o seu Palhano”.

Ele não levava muito a sério a exagerada devoção que uma beata, Carminha Lyra tinha pelo Menino Jesus de Praga. Encontrando-a, uma manhã, brincou:

“Só acredito nos milagres desse seu Menino Jesus, se ele me der uma batina nova...”.

Carminha saiu do encontro para um diálogo dileto com o Menino Jesus:

“Se não for cavilação daquele padre, arranje uma batina pra ele...”.

Pois não é que, à tarde, quando padre Eufrásio foi visitar o bispo, foi recebido com um presente:

“Padre Eufrásio, passou por aqui um viajante e eu me lembrei de comprar uma batina para você”.

Encontrando o bispo, depressivo, lastimando a indisciplina do clero, tentou consolá-lo assim:

“Dom José, os padres não obedecem nem aos dez mandamentos, quanto mais às ordens do bispo...”.

Dom José o encarregou de angariar donativos para a construção da Igreja de S. Pedro, do outro lado do rio Acaraú. Como as esmolas eram modestas, ele se queixou do Ibope de seu padroeiro:

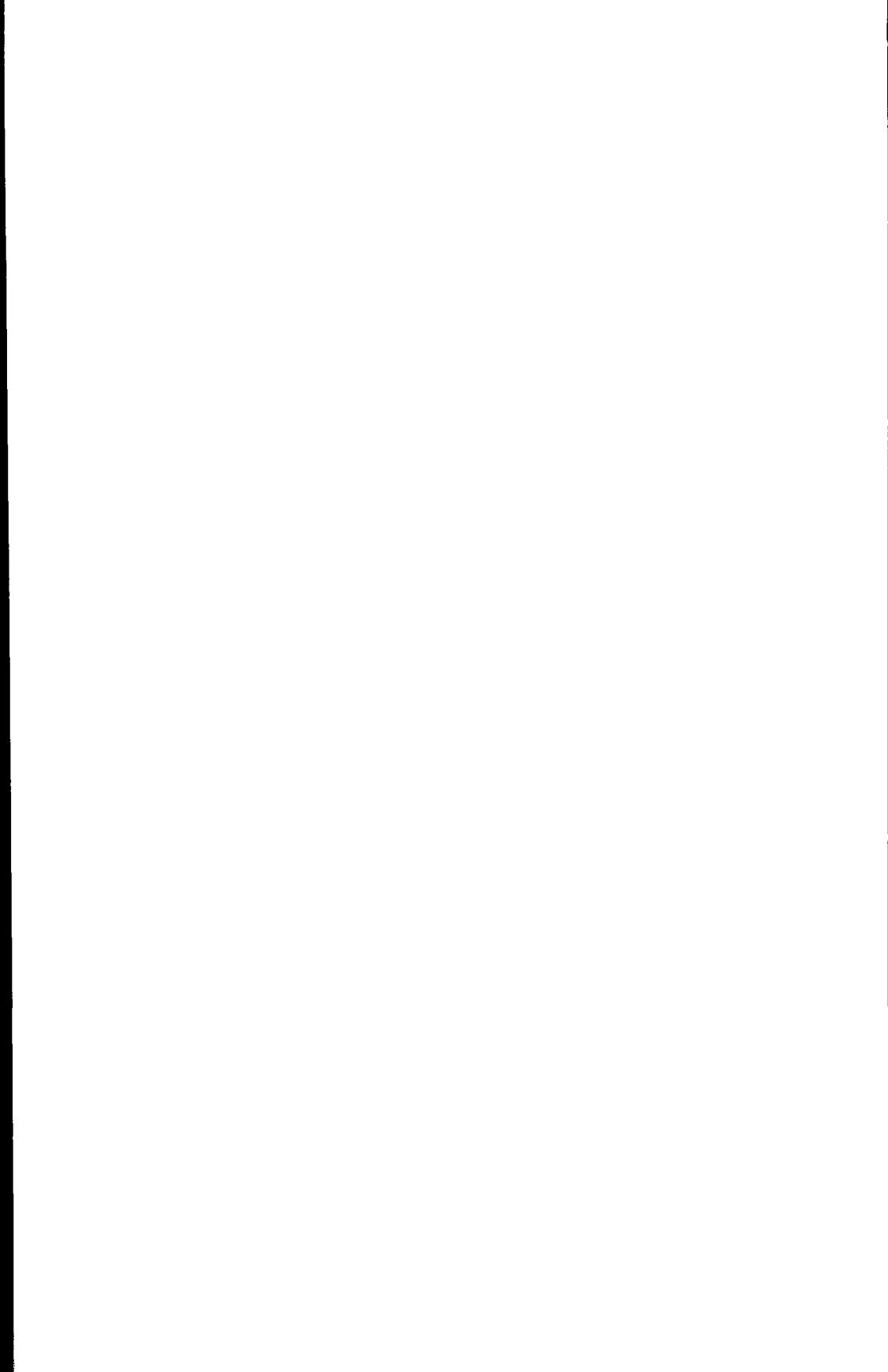
“Dom José, queria ver se o senhor tivesse me dado era São Francisco”.

Quando oficiava a missa na Capela de São Vicente de Paulo, vizinho ao prédio dos Correios, irritava-se porque os homens ficavam do lado de fora, conversando, fumando. Não hesitava, em certas ocasiões, em aludir aos chifres dos presentes:

“Entrem, entrem na casa de Deus. Vão entrando. Quem não puder entrar de frente, entre de lado...”.

Noutra ocasião, ficou perturbado com a presença de cães no interior da Igreja. Durante o sermão dirigiu esse apelo às senhoras presentes:

“Por favor, não tragam seus cachorros para a Igreja. Tragam os maridos...”.



do da Lo... Cópia

de Direito d...
pede a publica...
ção (infra):

Para conhecimento dos meus
arrendonados, aos quaes vejo
sempre, com praser, quando
julgam a minha justiça, faço
ancrever, linhas abaixo, o
ficio que enderecei ao Dele-
go de Policia da cidade, e de
jo objecto se occupou o Vi-
garrio da Freguezia, por occa-
são da missa conventual do ul-
timo domingo. O reverendo,
servindo-se para isso da tribu-
na sagrada, que lhe foi confiada
para doutrinar ás gentes, e na
qual se imagina inviolavel, des-
respeitou o recinto augusto,
transformando-o em praça pu-
blica, e n'elle tratando e justi-
cando a seu modo, o grave des-
lize que la commettendo.

Julgo haver apenas cumprido
o meu dever: lastimo, entre-
tanto, que o padre contraven-
tor do art 367 do codigo penal
não tenha podido, na sua estre-
teza de vistas, apprehender a
delicadeza do gesto com o qual,
em vez de expol-o aos azares de
um processo, que pelo menos, o
achincalharia, me limitara a faze-
re a sua acta a uma pessoa que, em
bora autoridade publica, priva-
da com o obsecado sacerdote, e
poderia, mesmo emigrariamen-
te, faze-lo sabedor dos diseres
do meu officio, de qual, aliás,
pessoa alguma, tivera prévio
conhecimento.

Felicitto-me, noutre tanto, por
haver conseguido obstar a tem-
pó a uma acco prohibida por
lei, e que, se se ter effectoado
iria recheir desastrosamente so-
bre as tradições desta terra,
onde outr'ora homens eminentes,
em quem o bom senso só á ho-
nestidade podia meças, erigiram,
por meios licitos, e como padra-
es de sua Fé, não imbuida do fa-
natismo de agora, esses monu-
mentos que se alteiam nas pra-
ças da cidade, a desafiar a almi-
ração dos presentes e dos vin-
douros. Anemhum delles, e com
o intuito de fundar um estabele-
cimento de caridade, para a rea-
lidade de cuja execução todas
as classes sociais tem profusa-
mente concorrido, e que tem
merecido até larga protecção do
poder publico, ora afrontado sua
por desleal concorrência, a ne-
giam flutua da esperança, e an-
num, repito, occorria deccor-
tador, e deccor, e deccor, e deccor,
lançar mão dos jogos illici-
tos, afim de supprir peios lances,
de tavolagem, o que as dadas
exponências não podem prom-
porcionar.

Juizo de Direito da Comarca
Sobral, em 14 de Junho de
Ilmo. Sr.

Junto remetto a V. S.
libete de n.º 3612 de um
em premio de 5000
10000000, a se extrahi
do, em beneficio da S.
Misericordia, e pela qual, conforme
se vê de menção expressa no mesm
bilhete, e resp. n.º 10000000, de
José Tupinambá da Frota, E como
quem quer, fazer loterias não au-
torizadas por lei, constitua uma in-
fração á lei penal, como tal ex-
pressamente capitulada no art.
367 do respectivo codigo, venho
recomendar a V. S. que, no exer-
cicio da attribuição que á Policia in-
combe de prevenir as transgressões
da lei, procure pelos meios que lhe
parecerem mais acertados obstar a
que seja levada a effeito essa loteria,
e providencie para que sejam reco-
lidos os bilhetes já emitidos.

Como sabe V. S., á ao Congre-
so Nacional, compete autorisar a
extração de loterias, sendo prohibi-
das as que não se firmam em dis-
positivo legal, d'elle emanado: No
exercício d'essa faculdade privativa,
tem elle autorisado o poder execu-
tivo a celebrar com uma companhia
um contracto para sua extração,
que o Governo directamente fuzca,
usa, e pela qual recebe uma con-
tribuição de 1000000, que é distribuida
equitativamente pelos estabele-
cimentos de beneficencia de todos os
estados da Republica. D'esse bene-
ficio, segundo se publicou, já pa-
ticipou por duas vezes a Casa de
Misericordia de Sobral, e ainda
em principio de construcção, e n'as
suas condições, e ainda por esse lado,
menos se justifica a deliberação to-
mada e posta em commercio de exco-
ção pelos empreheedores do fu-
turo estabelecimento pu, por qua-
rta vez, sobre constituir uma intru-
ção expressa á lei penal, importa
para com o Governo que a tem au-
torizado já, em um acto de concu-
rência que não é lei.

Esperando que o acto de que V.
S. ha dado prova é o espirito de
moderação e cordura que a uni-
na encorajara para este caso,
solução de tudo, confio em que V.
S. fará cessar, no mesmoflor, esse
mao processo que se pretrah
labor.

Zuila Ribeiro

Choram orações e almas ge-
mem tendas de dor, debruçadas
sobre a lúva que encerra o
desp'os marmados desta que
em vida se chamou Zuila.
Quando o solda vida de curava
o p'vir, e nas rases de
panico, aterrorizado barbaeramente
sobre o povo que inerte, diver-
ha-se n'uma festa de casamento.
Como não acreditamos em
nada que sabe d'aquella hora,
procuramos averiguar o facto,
e então soubemos que até ago-
ra não chegou as mãos do
promotor o aludido inque-

A grinalda das virgens cor-
rava-lhe a fronte onde brilhava
um raio de intelligencia, e do-
çura da bondade enchia-lhe o
coração generoso e virginal.
Com 18 primaveras murgu-
lhou na eternidade, levando na
fronte eburnea a pureza das vir-
gens e nos labios sem vida o
sorriso com que se despedio do
mundo.

E tão cheia de vida a fa-
nou-se deixando no lar pater-
no um vacuo e no coração de
seus genitores e irmãos a mais
dol. rosa e funda saudade.
Atoda a sua distincta familia
e especialmente aos seus dignos
pães nosso extremoso amigo cel-
D.º Ribeiro e d.ª Amalia Ri-
beira a *Putria* envia a nota mais
profunda de seu pesar.

OPINIÃO DE UM GRANDE
OCCULISTA

O Dr. Duarte Pimentel, forma-
do em Sciencias Medicas e Cirur-
gicas pela Faculdade do Rio de
Janeiro, etc., etc.

Atento que tenho empregado
em minha clinica, nas affecções
oculares do origina syphilitico e
deritrosas, o *Extr. de Noqueira*
preparado pelo muito digno phar-
macutico Sr. João da Silva
Silveira, e tendo sempre exce-
lentes resultados, e das as vezes
que tenho lançado mão de tão ex-
cellente preparado. O referido é
verdade e assim o juro na *Jo-
nada*.

Dr. Duarte Pimentel

Vende-se nas lojas pharmaciaes
e drogarias desta cidade.

Casa Matriz=Pratas=Rio
Grande do Sul=Caixa Postal 166
Deposito Geral e Casa Filial=Rio
Candelheiro Marinha 14 e 16=Ca-
ixa Postal=148=Rio de Janeiro

O crime das
Pedrinhas

O *Arbate*, de sabbado, da
como terminado o inquerito so-
bre o crime das Pedrinhas, es-
tando verificado a culpabilidade
dos soldados que implantaram
do terror e o
panico, aterrorizado barbaeramente
sobre o povo que inerte, diver-
ha-se n'uma festa de casamento.
Como não acreditamos em
nada que sabe d'aquella hora,
procuramos averiguar o facto,
e então soubemos que até ago-
ra não chegou as mãos do
promotor o aludido inque-

Na Brecha...

Fortaleza, 19.—Foi demitido
do Batalhão Militar d.º E.
taco o tenente Antonio de
Rocha Wanderley, autor de
diversos escandalos e excessos
de que tanto este como o
de...

(Tel. de Sobral de 2)

Wanderley, na Capit. l.
do Batalhão Militar.
Agora foi demittido.
Sobral fóra do logar.
Mas Wanderley, em Sobral
Mortes e mortes gloriando.
Da praça no seu Trânsito
Chega elle fica espumando.
Cada verso é uma *hada*.
Que Tubarão vac *mascando*.

II
...em por este meio a
lar para o patriotismo d.º
so Tiro Sobralense, d.º
citando da distincta e patri-
ca corporação o seu *vacuo*
concursos puzes a *Praga*
Política.

(Trecho de um bilhete a
Mto Negra)
Corre soldado do Tiro.
Te fada leia, vac em *Te*
E attende pressuoso
Ao apella da *Mto Negra*
Quando o *Cangica* gritar
Te de *ser* que *mentira*.
Dá-lhe *uns* *inertos*, a *Vaga*.
Se elle resistir *atira*.
Soldado, vac te *lardar*.
Prende elle e o *Jandayra*.

Wanderley

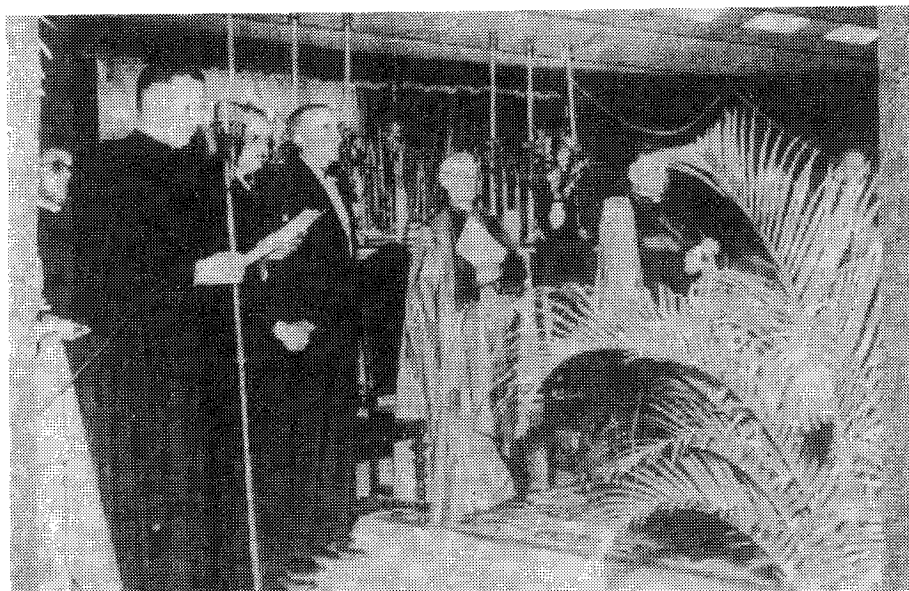
Os soldados daqui fugir
noite de 25 de Maio, emb
do em Manassé para o *Acaraú*,
d'ali fugindo para o *Acaraú*,
tendo feito esse percurso con-
tando e praticando toda sorte de
crimes.

De Acaraú, embarcaram elles
para Fortaleza no vapor *Atica*
e, é provavel que já estejam
elles destacados para alguma lo-
calidade, talvez *reprimido* o
Araditamo.

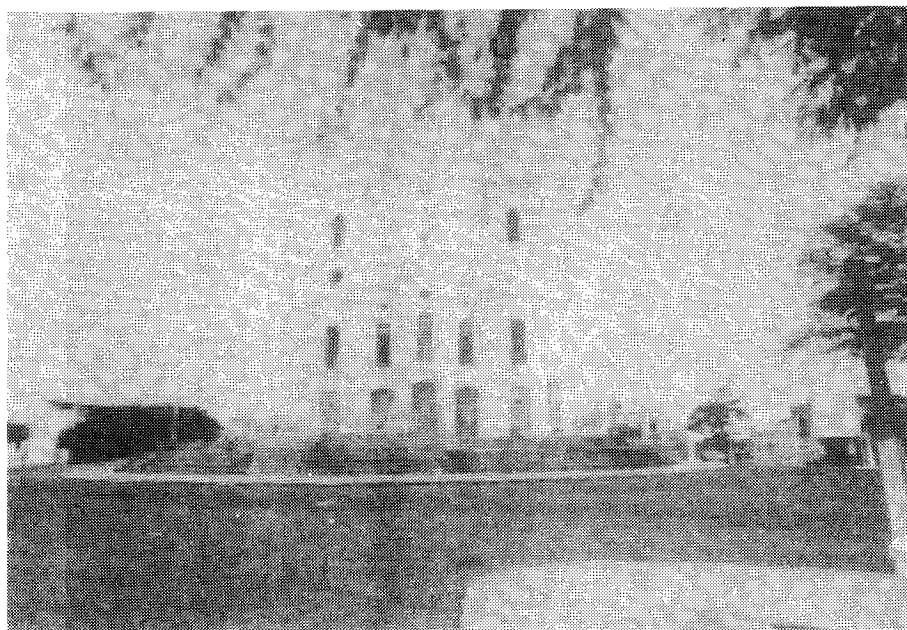
Bellos apontamentos para o
livro que o nosso politico dr.
Gustavo Barroso (João do Norte)
publicará brevemente no Rio, e
que se intitulará *Os bandidos do*
Norte.

Assassinos reprimindo bandi-
dos...

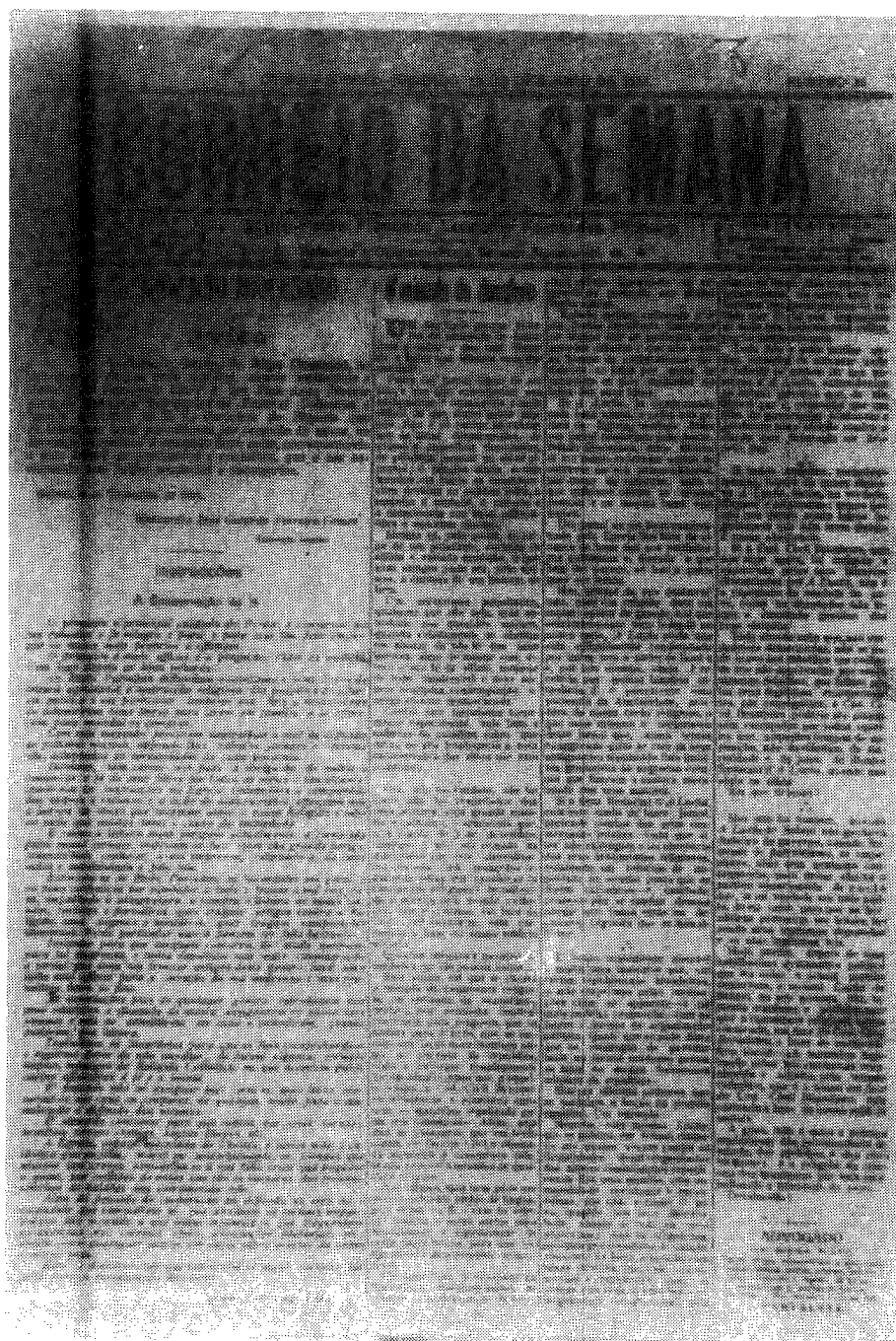
Felizmente ainda podemos ap-
pellar para a primeira auctorida-
de da Comarca, o dr. José Sa-
boya de Albuquerque, que sabe
fazer justiça sem dominar-se pelo
odio ou pela inveja.



Congresso das Vocações Sacerdotais, realizado em 1955, em comemoração aos 50 anos de ordenação sacerdotal de Dom José



Catedral da Sé



sua marcha de dizer—que o Pro-
testo da União das Filhas de
Maria, desta cidade, não passa
de um simples *protesto de miúdo*.

A nossa confusão em registar
estas descortezias ainda é maior
porque sabemos que *A Lucta*,
decano da imprensa cearense, é
o «único jornal nesta zona que
tem termo de responsabilidade
assignado de accordo com o art.
do Código Penal da Republica»;
e, segundo afirmações do seu
proprio director, «o jornal mais
lido no interior do Estado» e,
acrescentamos nós, alentado
pelas sympathias e encorajamen-
tos dos proceres da actual poli-
tica situacionista. Mas, diga-se
a verdade, semelhantes indelica-
dezas não se combinam, diante
de todos os juizos, com os lóros
da verdadeira civilização sobra-
lense.

Novenario em Honra de S.
José e os Sete
Domingos do mesmo Santo
Vende-se na casa Luis Jacome.

CANDIDATURAS

POR nosso intermedio, o
Exmo. e Revmo. Sr. Bis-
po do Ceará, recommenda aos
católicos desta Diocese, os no-
mes dos Drs. Arthur Bernardes
e J. J. Seabra, para os elevados
cargos de presidente e vice-
presidente da Republica no proxi-
mo quadriennio. Fazendo esta
recommendação, é excusado ac-
centuar que o nosso illustre pre-
lado tem apenas em vista o va-
lor moral dos dois candidatos e
a fé de officio de cada um nos
negocios publicos do pais.

O *Correio da Semana*, sem-
pre fiel aos grandiosos intentos
do nosso eminente antistite, col-
loca-se ao lado dos dois eminen-
tes brasileiros em quem enxer-
ga as melhores esperanças de
um futuro brilhante para a nos-
sa querida patria.

Tribuna religiosa

Amanhã haverá missas nas seguintes Igre-
jas obedecendo o seguinte horario:

Cathedral	às 9 6	horas
Rosario	— " 5 7 1/2	"
Monino Deus	" 6 1/2	"
Cadeia	— " 6 1/2	"

Communhão dos presos

Amanhã haverá missa na Ca-
deia ás 6 1/2 para Communhão
dos presos, celebrada pelo Rvd
Vigario Padre Eurico.

PADRE-NOSSO

NÃO é que as sordidas im-
piedades d'*A Lucta* ven-
ham destruir, nem mesmo
amortecer, a crença e a devo-
ção do verdadeiro catholico so-
bralense; versos mais polidos e
de mais tersa factura, impo-
des mais intelligentes e mais
seductoros, se encontram, com
a mesma inefficacia pratica, es-
palhados em diversissimos litte-
ratós sem fé, mas de renome
mundial.

Ora, si tamanhos vultos, com
todas as suas lettras, com todas
as reaes energias, de seus traba-
lhados sophismas, não poderam
arrancar uma só pedra dos nos-
sos alicerces; que receio nos po-
derão causar as truanescas in-
vestidas de um pobre secretario
de prefeitura ou cousa que o
valha, distarçado na chata per-
sonalidade de um Bastião Pe-
dreiro—mesmo com a apregoa-
da presumpção de ter elle o
«maior nucleo de leitores, nesta
adiantada cidade?»

Como, porém, escrevemos pa-
ra o futuro, deixamos aqui con-
signado, bem frizado e bem pa-
tente, que as jogralidades e im-
posturias, em versos malama-
nhados, do irreverente «Padre-
nosso» do Bastião, publicado
n'*A Lucta* n. 462, de 17 de Se-
tembro de 1921, não agradaram
a todos os sobralenses.

Para que esta nossa justiça,
e credits desta cidade, fique
accentuada, é bom que se

Clero, Nobreza e Povo de Sobral — Lustosa da Costa

外 1993 年 10 月 10 日, 在天津召开的中国城市经济体制改革工作会议上, 江泽民总书记在讲话中提出, 要“进一步搞活国有大中型企业”, 这是继 1992 年 10 月党的十四大提出“建立现代企业制度”以来, 中央对国有企业改革提出的又一重大决策。

**manifestação do povo católico
ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano**

No próximo domingo, 3 do corrente, às 17 h ras, o povo de Sobral, por iniciativa da Ação Católica Sobralense, nas 12 igrejas, fará o culto da Família, com a participação da Família.

lia Católica, promove uma grande concentração de solidariedade e apreço ao Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano, tão injustamente atingido em catilunias.

politessa por causa de sua atitude desasombrada ao lado do Exmo. Sr. Arcebispo de Fortaleza, que n circular n.º 64 traço as diretrizes católicas para o pleito de 1

deute mäs

Esse documento
rejeita os conceitos lo-
camente adotados pie-
mente pelo nosso es-
tado Antifrente, de-
monstrando a apreciação
de ideias que estão
provocando o goro-
do movimento inau-
tizado, e deturpado, a
certo tempo, a po-
deroso em face de
nós, o pleito.

Explicação necessária

*A proposito do telegrama
que estampado em "O
Estado" no dia 29 d

arrembro militar sobre a vitória da Corrente da U.D.N. e esta atitude desse esclarecer o apoio de alguns candidatos da Corrente Unida. Gomes de Lima é governador do Estado, e a política do Brasil, e a política do Brasil.

...fina Maria, que não
...adotado de...
...a não...
...do do meu nome...
...sua assinatura...
...lembrou-se...
...direta...
...de qualquer...
...de a...
...Muito obrigado...

[illegible][illegible]

Em vista o por fora e
chamou ao padre e depois
quelas idéias que lhe ve-
niam-lhe ao coração e a
da Anjo Católico Brasileiro.
A divisão de trabalho
é feita que também não de-
Circulares do Arcebispo, mas
natureza real, isto é, sobre o
de a situação por sua
divisão, segundo confiança, e
votado

...e em seguida a não votaria: Apelo Católico, é sem duvida, como dizem os papais, para a própria ordem das coisas, quando os moral, religiosos e votarei. Quando os moral, é in

É, na verdade: o Sr. U-
nizar não bem as suas hostes
de ordem, (que seja ditto de
de barbaes porque e voie
cia é terna nide ninguém
regionalisarios e aca aca opor
P. B. P., do P. B. O. e do
existentes?

Evidentemente, não! U-
os catholicos, foi a que fize

Dr. José Saboya, que sabe o que está fazendo, não se dá ao trabalho de fazer uma eleição e dar-lhes a palavra. Saboya, muitas vezes tem a ideia de se declarar a favor de um candidato, mas não o faz, porque sabe que os seus correligionários votariam nos candidatos de outros qualquer PTT porventura se apresentasse.

Da vezem os leitores o
criminosos do Sr. Dr. José
ma e o artigo do Sr. Dr.
so de Albuquerque.

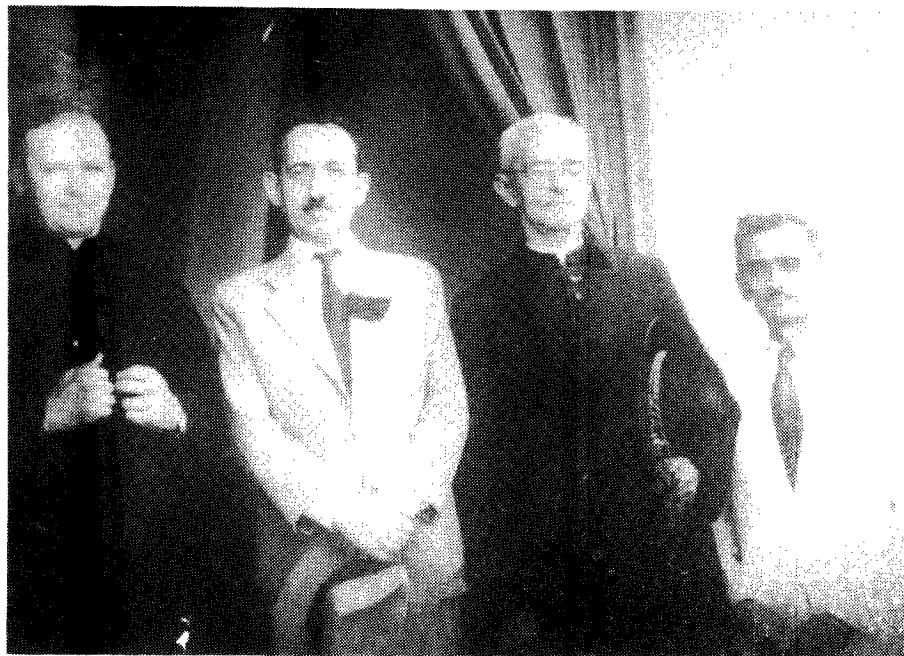
Desobediência finalmente
ções do ardoroso palmar
cas: «os cartões do partido
das cabeças para colocar e
sua representação na terra
leva os seus corretores a
ndo havia de agradar o lin
mento e um meio, tem que
suspensão há de ser a
do Sr. Dr. José de Albuq
que não houve ni re
pario do partido dominante.
O que tem havido é a recu
nhoria à influência social e
que creem e respeitam as p
lido de prestar conta do s
tundo descobrirem a interes
se manifestarem e declara
nos como o artigo do Sr.
jornal para contra-produz
Hilbert Espinal.

[illegible]

de qualquer atividade desenvolvida em conjunto, e, finalmente, de
hábito. Não há, nesse aspecto, nenhuma possibilidade de se estabelecer
uma hierarquia entre os hábitos pessoais e os hábitos sociais. Ambas
as coisas são igualmente fundamentais para a vida humana. O indivíduo
não pode ser considerado como tendo sido formado antes de se tornar
um membro da sociedade, nem como tendo sido formado depois de
já ter se tornado um indivíduo. O indivíduo e a sociedade são, portanto,
coisas inseparáveis. O indivíduo não pode ser considerado como tendo
sido formado antes de se tornar um membro da sociedade, nem como
tendo sido formado depois de já ter se tornado um indivíduo. O indivíduo
e a sociedade são, portanto, coisas inseparáveis. O indivíduo não pode
ser considerado como tendo sido formado antes de se tornar um membro
da sociedade, nem como tendo sido formado depois de já ter se tornado
um indivíduo. O indivíduo e a sociedade são, portanto, coisas inseparáveis.

[illegible]

"Os Comunistas sempre foram e são inimigos da Igreja. Nunca poderíamos aconselhar aos eleitores católicos que sufraguem um candidato amparado pelos comunistas". (Da circular n. 64, de Dom Antonio d' Almêida Lustosa, Arcebispo de Fortaleza).



*Plínio Salgado entre Dom José e Padre Palhano.
Vêem-se ainda João Dias, vereador pelo PRP*

E' PERIGOSA PARA SOBRAL A PERMANENCIA DO DR. FLORIANO BENEVIDES A' FRENTE DESTA COMARCA

—Você sabe que Carlos Prestes passou por Sobral?

—Não sei, mas já ouvi falar nisso.

—Pois passou e hospedou-se de noite na casa de Dr. Floriano Benevides. E daqui foi de madrugada, num cargueiro, para Camocim.

Foi esse o diálogo que se reproduziu inúmeras vezes há três ou quatro meses passados nesta cidade. Se tal história tem algum fundamento não pudemos, nós saber ao certo. Mas esse rumor que rolou varios dias reflete o que se pensa na cidade sobre o Dr. Floriano Benevides, nome por que vai também ser conhecido. E' o reflexo da opinião publica.

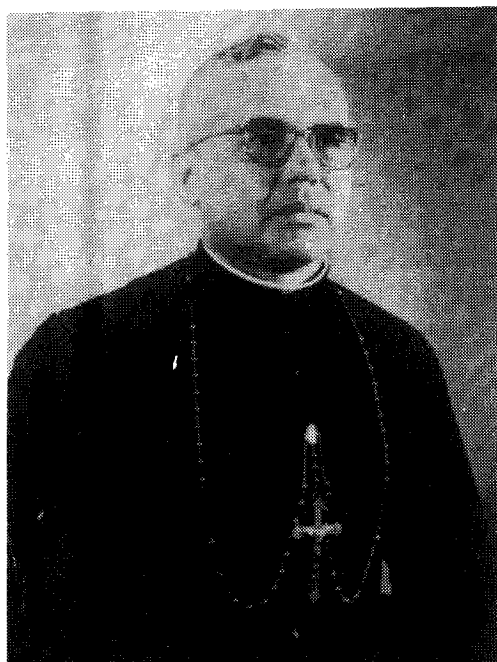
Em Sobral só ignora quem quer o odio, uma das características dos comunistas, contra a classe patronal, a ferver no coração do Dr. Benevides. O seu odio de morte aos patrões assemelha-se às cruas de monturo. Sob a cadaverica palidez de seu rosto lavra, dia e noite, uma incessante e nunca interrompida marcha de desejo de luta de classes, que no socialismo é o tempo, a alavanca mestra e o caldo de cultura da expansão da ideologia marxista. Ainda esse magistrado favorecendo essas trabalhistas com calculado objetivo de se insinuar hoje entre o povo como um dos

seus libertadores, para amanhã com a sonhada vitória do prestismo, reduzir esse mesmo povo à escravidão mais hedionda e tetrica, como sucedeu na Rússia e está sucedendo nos países europeus em que o bolchevismo conseguiu firmar as garras do arco das estepes. A esse odio aos patrões, associa-se agora da parte dos vermelhos a perseguição ao padre, que tem sido uma das classicas vítimas do comunismo e o alvo preferido do odio dos maus.

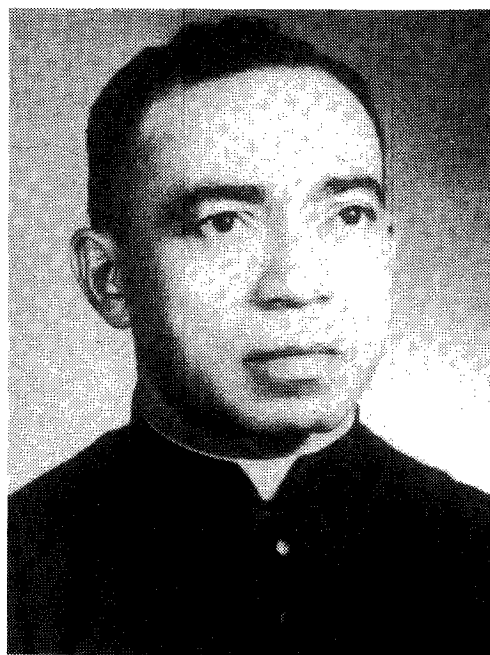
A homenagem do dia 2 deste mês ao "democrata sincero" foi a advertencia viva de que a permanencia dele à frente desta Comarca representa um constante perigo nestes tempos de não despendida ameaça comunista. Se quando em quando a imprensa do Brasil se refere a planejadas revoluções. Lá um dia a casa cai. Hoje é o sentimento de admiração pelo "distribuidor da justiça," amanhã será a adesão às suas idéas. Hoje a simpatia pela pessoa, amanhã a solidariedade ao juiz em qualquer situação. Hoje certa gratidão dos operarios, amanhã a influencia da doutrina. E um dia será, tardiamente talvez para jugula-la, o explodir da revolução, a idéa fixa e obsessão diabólica dos comunistas.



Padre Palhano



Dom Expedito Lopes



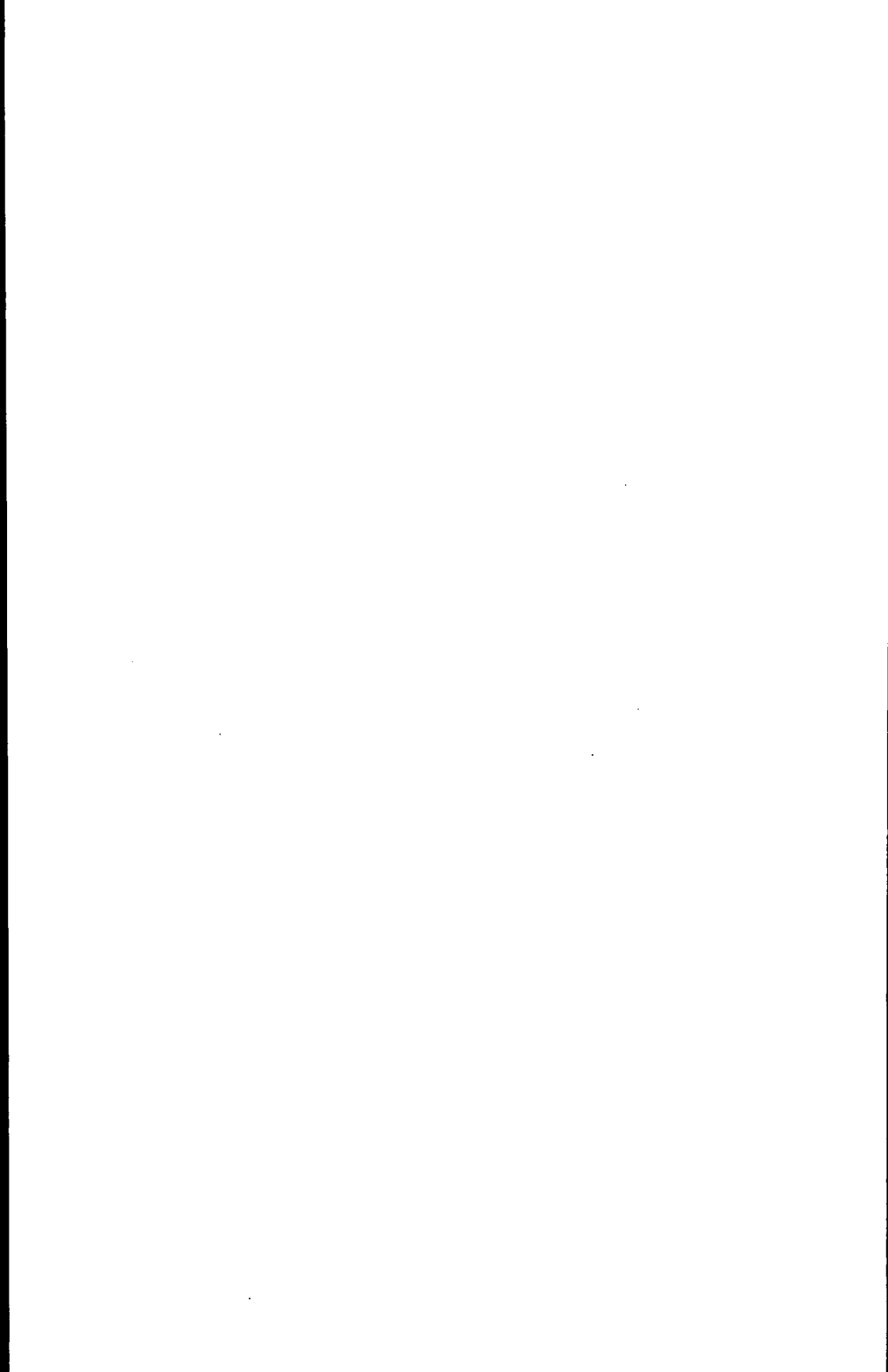
Padre Eufrásio

JOSÉ SABÓIA



"Meus filhos devem honrar a tradição de caridade dos pais, favorecendo os pobres e humildes, mesmo que estes se mostrem desagradecidos, pois em sua submissão é que repousa a prosperidade de todos os que acumulam fortuna".

José Sabóia



JOSÉ SABÓIA

“Tendo vivido, sempre, sem ostentação de bem-estar, quaisquer que fossem as diferenças de minhas condições de fortuna, e embora tendo em pouca conta a opinião dos outros a meu respeito sempre acatei os meus prejuízos eventualmente decorrentes, adaptando-se ao meio em que vivia. Recomendo aos meus filhos que observem a mesma norma de vida, evitando manifestações exageradas de bem-estar de que porventura disponham, conservando entre si toda união e solidariedade. Peço-lhe, ainda, que não esqueçam as virtudes cristãs, o desprendimento em relação às posses de bens que devem ser, antes, um meio do que uma finalidade e que dediquem suas existências. Devem, também, honrar a tradição da caridade dos pais, favorecendo os pobres e humildes, mesmo que estes se mostrem desagradecidos, pois em sua submissão é que repousa a prosperidade de todos os que acumulam fortuna”. (Testamento).

“Não me atingem os atos frutos de torpe vindita. Guardo, porém, dentro do peito, as simbólicas insígnias que me exornam para, na hora derradeira, poder dispensar a assistência de algum padre simoníaco ou de outro que haja trocado a humildade de seu ministério pela glória da política partidária”. (Referindo-se a seu eterno rival, Dom José Tupinambá da Frota).

“A torre da minha Igreja estará sempre acima do telhado do Fórum”. (Dom José Tupinambá da Frota, referindo-se à Catedral da Sé, situada num outeiro, acima do prédio onde funcionava a justiça de Sobral).

Se houve rivalidade que durou a vida inteira, foi entre o juiz Dr. José Sabóia de Albuquerque e o bispo Dom José Tupinambá da Frota.

Eram dois bicudos que não se beijavam. Dizem que a ciúmeira começou em 1908, quando o padre retornou de Roma, laureado e explodiu, quatro anos depois, quando lançou loteria em favor das obras da Santa Casa, que o juiz mandou a Polícia apreender, chamando seu responsável de contraventor pelo jornal *A Pátria*, de sua família.

Em muita cousa se identificavam principalmente, no bairrismo. Por isso o bispo se rendeu ao rival, para sua mortificação, no comecinho da década de 1920. Teve de recorrer ao prestígio de seu irmão, Vicente Sabóia junto ao ministro das Relações Exteriores para não ser transferido para a Diocese de Uberaba.

Por sua vez, convidado para integrar o Tribunal de Justiça pelo presidente do Estado, o sobralense Moreira da Rocha, José Sabóia respondeu brincando:

“Aceito, se o Tribunal vier para Sobral”.

José Sabóia (1871-1950) formou-se pela Faculdade de Direito de Recife. Ainda jovem estudante, salvou a vida de dois náufragos do navio “Bahia” em que viajava e que, à noite, colidiu com o “Piabanha”, gesto de bravura que lhe rendeu calorosas homenagens.

Juiz de 1892 a 1936, reinou absoluto na cidade até que foi aposentado compulsoriamente por dispositivo inserido na Constituição do Estado, com o objetivo expresso de afastá-lo do cargo e esvaziar-lhe a tremenda influência política que exercia na região.

Casado com dona Sinhá Sabóia, filha do doutor Paulinha, falecido no Rio como deputado federal, neta do senador Paula Pessoa, “o Senador dos bois”, durante cinquenta anos, foi o homem mais importante de Sobral. Enfeixava o poder econômico porque era dono da fábrica de tecidos e de 16 fazendas de gado no Ceará e Piauí, herdadas

do pai e do sogro. E o poder político porque controlava, com mão forte, a justiça, gozando a segurança da vitaliciedade de magistrado e o Partido Republicano Conservador, depois PSD e, por fim, UDN.

Esteve quase sempre de cima, até mesmo no curto governo de Franco Rabelo, apesar de seu pai haver sido Vice-Presidente do Estado, no primeiro período em que o Comendador Nogueira Accioly foi alçado ao poder. Conheceu a oposição depois da eleição de Menezes Pimentel ao Governo do Estado, em 1935, decidida na Assembléia Legislativa do Estado pelo Smith and Wesson de seu ex-liderado, Chico Monte, que passou a ser, desde então, até o fim do Estado Novo, dono da bola e das camisas de Sobral. Antes, seu Partido, o PSD enfrentara, na campanha eleitoral, violenta resistência do bispo e do clero que o chamava, dos altos púlpitos e no silêncio dos confessionários, Partido sem Deus.

José Sabóia sempre manteve relações difíceis com a Imprensa de sua terra. Quando rompe o Século XX, está em guerra com Álvaro Ottoni, de *A Cidade*.

Mais tarde Vicente Loyola, de *O Rebate*, teve de depor perante ele, moribundo, apesar de atestado médico, fornecido por seu irmão, Massilon Sabóia, dando-o como inválido, o que teria apressado sua morte. Deolindo Barreto, de *A Lucta*, que o elegeu alvo de seus ataques, terminou mal seus dias, executado, em plena luz do dia, no prédio da Câmara Municipal. Cordeiro de Andrade, o romancista de *O Anjo Negro*, foi por ele colocado diante do dilema: fechar seu jornal, *O Debate* ou ir para a cadeia. Preferiu se mandar, levando, pela vida afora, até a morte precoce, a amargura do exílio.

Menino, presenciei a última polêmica que, apoiado pelos genros Plínio Pompeu e José Maria Alverne, travou com o bispo e o padre Sabino Loyola, pelo *Correio da Semana*. Ele lançara seu velho aliado, o desembargador Faustino de

Albuquerque, candidato ao Governo do Estado pela UDN, sustentando-lhe a candidatura contra todas as adversidades. Dom José foi fundo na campanha do PSD que lançara o General Onofre Muniz Gomes de Lima, brandindo contra o outro candidato o anátema de ser apoiado pelos comunistas, apesar de arquiconservador e ex-presidente do Instituto Brasil-Estados Unidos. No auge da briga, o bispo escreveu artigo, sob o título “Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão e não vês a trave no teu?”. José Sabóia foi ao juiz, Floriano Benevides e conseguiu ordem para publicar, no *Correio da Semana*, resposta sob o título “O Meu Anticlericanismo”.

Os céus, porém, não acudiram ao candidato do bispo. José Sabóia fez barba, cabelo e bigode. Elegeu o amigo do peito Governador, fez do genro, Plínio Pompeu, senador, do outro genro, José Maria Alverne, suplente e a maioria da bancada federal da UDN. Morreu no poder, como sempre vivera. Não pôde, porém (por ter sido enterrado no Rio), usar o caixão de cedro, de árvore plantada por ele no sítio Pedra Furada, na Serra da Meruoca, que experimentara, para constrangimento do carpinteiro, que o fabricara.

APELIDOS

O doutor José Sabóia era mestre em pôr apelido nas pessoas, o que, seguramente, não lhe aumentava sua popularidade. Tinha também muito humor. Não gostava de que lhe batessem, freqüentemente, à porta do escritório da fábrica. Quando isso acontecia, repetidas vezes, queixava-se:

“Estou que nem rapariga nova. Todo mundo bate na minha porta”.

Nos últimos dias de vida, no Rio, recebeu a visita de um amigo que, para animá-lo, o achou bem disposto e saudável. Reagiu, com ironia: “eu sei que vou morrer bem melhorado...”.

Ante a limitações alimentares que o médico lhe impôs, indagou ao irmão Massilon:

“Será que posso comer pelo menos, capim?”

(*) “O partido marreta” foi a agremiação política que se formou no Ceará, em 1912, para opor-se ao rabelismo que nascera, como já expliquei anteriormente nessas colunas, com a candidatura do coronel Franco Rabelo ao governo cearense.

O chefe, de início, dos chamados marretas foi o coronel, mais tarde general Tomaz Cavalcante, que veio do Rio de Janeiro, prestigiado pelo governo do marechal Hermes e pela política do senador Pinheiro Machado, para fazer triunfar a candidatura do general Bizerril Fontenele, político e militar cearense, contra a do coronel Franco Rabelo.

Data dessa época de heróica resistência ao governo da União a célebre frase – Franco Rabelo ou morte – que foi proferida pelo coronel Coriolano de Carvalho, candidato à presidência do Piauí e que aqui se demorou, levando em sua companhia, para ajudar a “salvação daquele Estado”, um grupo de patriotas cearenses.

O coronel Tomaz Cavalcante instalou o seu quartel político na Rua 24 de Maio e foi aí que se deu o conhecido atentado do lançamento de uma bomba de dinamite, cuja explosão produziu várias vítimas, entre as quais o próprio coronel Tomaz Cavalcante, que saiu bastante ferido.

Depois o marechal Hermes e o senador Pinheiro Machado resolveram não mais hostilizar a política rabelista, tomando posse do governo o coronel Franco Rabelo, já então apoiado pela corrente aciologista, que se desligara dos marretas.

Continuou, entretanto, arregimentando o partido marreta e quando se deu a intervenção federal em 1914 com ele passou a governar o coronel, depois general, Setembrino Carvalho que organizou o seu secretariado com as figuras salientes do marretismo.

Essa mesma política do general Setembrino foi adotada pelo presidente Benjamin Barroso, em cujo governo tomou largo impulso o partido marreta, que veio a cair no ostracismo no fim da presidência João Tomé.

Com o governo de Justiniano de Serpa, perdeu o referido partido a sua representação na Câmara Federal e na Estadual e daí por diante a característica de partido, passando a dominar no cenário político, os democratas, antigos rabelistas, e os conservadores antigos aciologistas” (H. Firmeza, *Crônicas Escolhidas*, 270/271).

TUTELA

Chega a ser comovente o zelo das elites brasileiras para com o eleitor, a fim de preservá-lo do “erro”. Duma maneira ou doutra, elas sempre exercem controle sobre o povo. Para que este não vote a favor de seu interesse. Somente quando tal esforço se frustra, quando o povo desembesta, como ocorreu em 1962, é que o establishment apela. Se nem o dinheiro do IBAD resolve, o jeito é sair pro pau. Como ocorreu a primeiro de abril de 1964. De lá para cá, o voto no Nordeste, onde nada mudou, ainda é plural. O chefe vota por quinhentos, mil ou até dez mil cearenses. É certo que, com o progresso, muitos colégios eleitorais fechados se abriram. Mas ainda dá para adquirir lotes de eleitores, o que facilita muito a vida dos que, de quatro em quatro anos, são submetidos a tais exames.

No tempo em que o senador Vitorino Freire pintava e bordava no Maranhão, contava-se muito a estória daquele eleitor abelhudo que, como todos os outros, recebeu fechado, o seu envelope de cédulas da mão do chefe. E a recomendação de que assim o mantivesse até a boca da urna, a fim de evitar a abordagem do adversário. O que ele fez. Todavia, ao voltar à casa do tuxaua depois de “cumprir o dever”, mordido de curiosidade, não resistiu:

“Tá certo, senador, votei como o senhor mandou. Agora por favor, me diga em quem foi mesmo que votei?”

Vitorino, a fim de não abrir precedentes, negou no ato:

“Você é besta, cabra, então não sabe que o voto é secreto?”

Tal precaução dos chefes políticos, nos tempos em que se levavam as cédulas até a urna, tinha razão de ser. É que exercendo tutela absoluta sobre o eleitor que votava cegamente, só temiam a ação do adversário. Por isso, mantinham os votantes, sob custódia, no terreiro da fazenda, nos restauran-

tes populares onde os alimentavam, em barracões bem protegidos dos trocadores de chapas. Porque havia sempre, moças simpáticas e comunicativas, muito maquiadas que agarravam matutos desprevenidos e marcavam as cédulas de batom.

No meu tempo de menino, pude registrar como os aristocratas, que dominavam a cidade, eram ciosos do controle sobre a plebe. O Bispo-Conde, Dom José Tupinambá da Frota punha a Igreja Católica a serviço dos candidatos do PSD de Chico Monte e de seu genro Parsifal Barroso contra a UDN de José Sabóia e de seu genro Plínio Pompeu. José Sabóia, industrial riquíssimo, era simultaneamente acusado pelo bispo de aliado dos comunistas e de mau patrão, que demitia funcionários de sua empresa que votassem contra a UDN.

O *Correio da Semana*, jornal da Diocese, advertia em manchete: “Católicos, recebei as chapas de pessoas de vossa inteira confiança. As armas da vitória contra o comunismo, são a vigilância e a disciplina dos cristãos”.

O jornal sobralense denunciava a coação exercida pela UDN do doutor José Sabóia sobre seus operários:

“O procedimento, porém, do Dr. José Sabóia, em relação ao voto dos operários da fábrica está em flagrante oposição aos princípios democráticos que prega. Nas eleições do dia dois de dezembro de 1945, os ‘fabricantes’ puseram-se em fila diante da fábrica de tecidos para receber as chapas que se lhes impunham sem se dar aos mesmos liberdade de escolha entre os candidatos do Partido”. (Grifo nosso).

É isso aí, concorda do outro lado o Dr. José Sabóia, em artigo que fez publicar no *Correio da Semana*, por sentença judicial. E nem procura disfarçar a tutela:

“Se, como diz S. Ex^a. para perscrutar a consciência dos nossos operários, os fazemos seguir para seções eleitorais, acompanhados de fiscais,

não é para esse fim que o fazemos, mas para livrá-los da sanha de indivíduos inescrupulosos, entre os quais alguns padres que se dedicam ao papel indigno e criminoso de trocadores de chapas”.

O outro patricio, Bispo-Conde Dom José reconhece, no adversário, o direito de impor aos trabalhadores, seu candidato: “O Dr. José Sabóia, que sabe organizar tão bem as suas hostes eleitorais e dar-lhes a palavra de ordem (que seja dito de passagem, muitas vezes tem sido burlada porque o voto é secreto e livre, e a consciência é terra em onde ninguém entra), permitiria aos seus correligionários e aos seus operários votarem nos candidatos do PPR, do PSD e de outros quaisquer PPP porventura existentes?”

“Evidentemente, não! E é lógico. Pois é o que fazem os católicos, foi o que fizeram o Sr. Arcebispo e a Ação Católica”.

ERNESTO DEOCLECIANO

Certa vez chegou a Sobral contrabandista de moedas falsas. Ernesto Deocleciano, por ser um grande industrial, foi procurado pelo contrabandista internacional. Queria induzir Ernesto a ser o agente de derrame desse dinheiro em nossa terra. A resposta não se fez esperar:

“Vá embora daqui, saia deste lugar, retire-se da nossa cidade. Isto eu não farei”. (Pe. João Mendes Lira em *Nossa História*).

Quando Armando Vasconcelos, da TV Cidade, me pediu o nome dos 20 maiores cearenses não hesitei um só momento, em dar os nomes de dois sobralenses. O primeiro, Ernesto Deocleciano de Albuquerque que, no final do século passado fundou moderna fábrica de tecidos na terrinha, e de Pedro Philomeno Gomes, também industrial têxtil, pioneiro na hotelaria e no plantio de caju, outro empreendedor multiforme, muito à frente de seu tempo. Ernesto

Deocleciano de Albuquerque foi vitorioso nos negócios, na política e na família ilustre que construiu.

Quando rapazinho, em 1854, trocou Aracati, onde nasceu, por Sobral, trazido pelo tio, José Sabóia, de quem foi caixeiro e de quem seria, posteriormente, genro. Homem econômico e trabalhador, já no esplendor de sua riqueza, não se encabulava de descer do cavalo, no meio da rua, para ir recolhendo, pregos, botões, aros de barril que encontrava, o que surpreendia o filho, José que o ajudava a se apear:

“É preciso guardar o de que não se precisa, para ter quando se precisar” – explicava.

Esclarecido, trouxe de Aracati para Sobral a fabricação de chapéu de palha para ocupar as mulheres da cidade que, até então, não tinham esse meio de vida. Seus horizontes, porém, eram mais largos. Trabalhando com algodão, decidiu, um dia, partir para a industrialização da terrinha. Associou-se ao industrial português, Cândido José Ribeiro – que já montara fábricas no Maranhão com quem instalou, a 14 de julho de 1894, a Fábrica de Tecidos Sobral, ainda hoje em funcionamento sob o comando do ex-senador Plínio Pompeu.

Não ficou, porém, nisso. Em 1897, conseguiu do governo federal o arrendamento da Estrada de Ferro de Sobral para a firma Sabóia Albuquerque e Cia., de que era sócio comanditário e seu filho Vicente e seu sobrinho, João Tomé, depois presidente do Estado, sócios solidários. Para quem foi, durante muito tempo, o maior detentor de apólices da dívida pública da União, no Estado, não foi difícil prestar fiança de 50 contos de réis para garantir o arrendamento, que durou até 1907, quando passou à empresa inglesa South American Construction. Durante esse período, a firma ampliou a ferrovia até Camocim e no Rio Grande do Norte, arrendou a Estrada de Ferro de Mossoró de que era grande acionista. Não era pequena a influência que exercia no Estado vizinho, pois seu irmão Euclides Deocleciano de Albuquerque foi ali deputado estadual, presidente da As-

sembléia e vice-presidente do Estado. No Rio, era sócio da Construtora Humberto Sabóia e Cia., em sociedade com os filhos Humberto, engenheiro, e Vicente, empresário. Graças à combinação de esperteza empresarial e prestígio político, pôde obter lucrativos contratos com o Ministério da Viação e com o IFOCS (depois DNOCS) para a construção de açudes públicos.

Quando morreu, em 1921, “seu inventário foi o maior que já se processou no foro de Sobral, em todas as épocas”, segundo Alberto Amaral.

Na vida pública, também só conheceu o êxito. Chefe do Partido Conservador, presidente da Câmara de Vereadores de Sobral, foi um dos vice-presidente do Estado de 1896 a 1900 no primeiro mandato do comendador Nogueira Accioly, este fundador em Fortaleza, junto com os cunhados, de moderna fábrica de tecidos, incendiada durante a revolta popular de 1914.

O genro, João Marinho de Andrade, marido de Maria Carolina, foi deputado estadual, prefeito de Fortaleza e deputado federal. Na Câmara, de 1918 a 1920, desfrutou da companhia do cunhado Vicente, mais ligado em negócios, que se elegera em vaga decorrente da morte do primo, Sérgio, irmão de João Tomé. O outro filho, José Sabóia, jamais quis abandonar Sobral, a não ser no curto espaço em que foi secretário do Interior no Governo João Tomé, onde exerceu influência incontestável, chegando a fazer do genro, Plínio Pompeu, prefeito de Fortaleza, deputado federal e senador.

Aliás, a articulação política de Sobral com a Corte sempre se processou diretamente. O senador Paula Pessoa freqüentava com deservoltura os salões do primeiro Império, jogando cartas na casa do sogro do Duque de Caxias Vicente Cândido Figueira de Sabóia, cunhado de Ernesto Deocleciano, foi médico de Pedro II e diretor da Faculdade de Medicina do Rio, onde substituiu o sogro, senador José Martins de Cruz Jobim. O sobrinho, Vicente Sabóia, foi empreiteiro

ousado com livre acesso ao poder central. Deixou, aliás, rico anedotário. Certa vez, chegou atrasado, por questão de minutos, a uma concorrência. Ao indagar as horas, teve então, certeza de que não mais podia entrar na disputa. Protestou, aos berros:

“Esse relógio está errado”.

Ante o espanto do engenheiro-chefe da concorrência, tirou o seu do bolso e lhe entregou:

“Tome esse Patek Philip e veja, ele sim, marca as horas certas”.

O precioso relógio mudou de dono e ele ganhou a concorrência...

O VISCONDE DE SABÓIA

Li, não sei onde, acho que em Gilberto Freyre, que as teorias racistas de Joseph Arthur Gobineau teriam explicação bem menos científica do que se poderia esperar. Decorreria de sonoros bofetões que lhe teria aplicado um sobralense, o Visconde de Sabóia, famoso cirurgião da Corte, à saída do Teatro Provisório onde Adelaide Ristori interpretara FEDRA.

Gobineau, mal-educado, apressado, na ânsia de chegar logo à rua, atropelara e jogara no chão, a Viscondessa. Há versão maliciosa do atrevimento do diplomata francês. Ele ter-se-ia aproximado perigosamente da formosa morena que era Luíza Marcondes Jobim Sabóia, filha do senador Cruz Jobim, tendo sido repellido pelo marido, com a costumeira energia. A humilhação pública do estrangeiro, amigo de Pedro II, esbofeteado perante a melhor sociedade do Rio, teria agravado sua má vontade para com o Brasil e ampliado seus preconceitos de cor.

Vicente Cândido Figueira de Sabóia nasceu em Sobral a 13 de abril de 1835, filho de José Sabóia e Joaquina

Figueira de Melo e faleceu, coberto de glórias, a 18 de março de 1909 em Petrópolis.

Reformador do ensino médico no País nos oito anos em que foi diretor da Faculdade de Medicina do Rio, sucedendo ao sogro que ali passara 30 anos, professor de renome no Brasil e no exterior, pioneiro da ortopedia, cuidou da Imperatriz Cristina Maria quando ela quebrou o braço esquerdo. Garantiu o parto feliz da Princesa Isabel, a Redentora, ao lhe nascer o primogênito, Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão Pará, herdeiro do trono. Alçado à Imperial Câmara, foi Barão com grandeza em 1886 e Visconde de Sabóia também com grandeza, em abril de 1888.

Embora não tivesse atividade política, manteve-se fiel ao Imperador, depois da implantação da República. A seu favor, sob o pseudônimo de Sílvio Túlio, publicou resposta às críticas do senador Cristiano Ottoni. Noutro livro, dentro da mesma linha, proferiu violenta e apaixonada crítica do novo regime.

Descuidado na linguagem, tanto em português quanto em francês, homem de trato difícilimo com colegas e alunos, obteve o primeiro lugar, por unanimidade de votos, em concurso para a Faculdade em 1871. Em folheto anônimo que fez circular, com largueza, antes do teste, acusou um dos concorrentes Mateus Alves de Andrade, de haver plagiado sua tese de autor francês. Mateus de Andrade, desmoralizado, suicidou-se abrindo as veias. Este foi, aliás, por trágica coincidência o destino de outro concorrente, Luiz Pientznauer que, por motivos conjugais e falta de dinheiro, uma década depois, suicidou-se da mesma maneira.

Paula Ney, seu aluno, cearense que fez fama como boêmio e poeta no Rio, em certo exame, tentou enrolá-lo com palavreado:

“Nos mares procelosos da ciência humana,
às vezes, as mais lúcidas inteligências se debatem
e vão ao fundo”.

Sabóia, que não era de se deixar levar no bico, o interrompeu bruscamente:

“Senhor Ney, já que quer fazer uma dissertação literária extraponto, falando sobre coisas aéreas, faça-me o favor de dizer, se inteligência naufraga, que será da ignorância?”

No ato, Paula Ney fulminou o mestre:

“Essa bóia, Senhor Visconde...”.

O SENADOR DOS BOIS

Uma indagação que sempre tenho presente é sobre a razão de se haver instalado, em Sobral, no Interior do Ceará, núcleo de civilização tão rico e tão requintado a ponto de, durante um século, liderar a política do Estado, abastecer o País de Senadores e Presidentes de Província e a Igreja de Bispos eminentes.

Sobral é uma invenção da pecuária, segundo João Brígido. De sua condição geográfica. Fertilizada por três rios, o Acaraú, o Coreaú e a Jaibara, favorecida pelo refrigério das serras da Meruoca e do Rosário, a cidade está separada de Fortaleza pelo Acaraú e pelo paredão da Serra da Uruburetama. Daí o seu comércio ser muito mais com o Piauí, o Maranhão, o Pará, nos seus princípios, que com a Capital, Fortaleza. O isolamento geográfico transforma a cidade no grande empório comercial da região. É da excelência do povoador que trouxe, principalmente, oriundo de Olinda e Recife, o gosto dos sobradões e dos hábitos sofisticados que iria surpreender os visitantes, na última metade do século passado.

No Século XVIII a região se beneficia da indústria de carne-seca. Um grande tráfego de carros de boi se registra entre Sobral e o porto de Acaraú, levando couro, sola, carne-seca e trazendo, na volta, fazendas, objetos de couro e prata, artigos manufaturados e um ou outro negro. “Desembarcadas nas antigas oficinas, as mercadorias de interesse dos potentados sertanejos seguiam em carros de bois até

Sobral, de onde eram encaminhados para as fazendas e povoados próximos”, segundo Carlos Studart Filho.

As Cartas de Vilhena, de Luiz dos Santos Vilhena, publicadas no ano de 1802, trazem visão ufanista da região Norte do Ceará:

“Os gêneros principais de que se compõe o comércio do distrito de Aracaçu são, em primeiro lugar, couros, solas e carnes-secas, produtos dos muitos gados que nele se criam, podendo estender-se o número de suas fazendas de gado até duas mil, produzindo, cada uma, anualmente de 500 a mil bezerros. Todos os gados, que não se empregam no consumo dos habitantes são levados para as matanças de Camocin, Aracaçu e Itapajé, onde fabricam as suas carnes, secando-as e salgando os couros, a que tudo devem consumo e extração Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, comércio que diminui muito depois que a seca fez passar os comerciantes para o Rio Grande de S. Pedro do Sul, como difusamente te noticiei na minha carta, em que te comuniquei as notícias daquela famosa Capitania”.

“Produz igualmente este distrito algodão em mais abundância, e melhor quantidade que o do Siriá, por isso que as terras são mais secas e apropriadas para a plantação e cultura dele”.

Era a época propícia ao surgimento de talentos empresariais do nível de Francisco de Paula Pessoa, originário dos povoadores qualificados de que falam os historiadores da terra.

PAULA PESSOA

“No segundo distrito eleitoral, eram deputados gerais todos os genros do senador Paula Pessoa. Sete dos doze deputados que figuram na cha-

pa, pelo distrito, eram da família Paula Pessoa”. (A Constituição de 10-2-1866).

“Quem estudar com atenção a marcha dos negócios do Ceará depois da ascensão do Partido Liberal ao poder achará na distribuição que os senhores senadores padre Pompeu e Pessoa têm feito dos altos cargos entre seus parentes, a verdadeira imagem daquela fábula, em que o leão fazendo sociedade com outros animais para dividirem entre si as presas da caça, em resultado, os sócios do leão sofreram a mais irrisória logração”. (A Constituição de 18-2-1866).

“Os dois senadores começaram a obra de sua dominação na Província colocando parentes seus em todos os lugares de maior importância ou de rendimentos mais pingues”. (Abelardo Montenegro em *A História dos Partidos Políticos*).

Ainda comboieiro, mocinho, tangendo sua tropa de burros carregados de mercadorias entre Granja e Sobral, Paula Pessoa sonha alto. Faz um pedido à sua madrinha, Nossa Senhora. Quer ser senador do Império. Ferrar dois mil bezerros por ano. Viver até os oitenta. Chega lá. No fim da vida, vai à Igreja e, diante da imagem da santa, pede um aditivo:

“Nossa Senhora, está certo que amanso mais de dois mil bezerros por ano. Sou senador do Império. Hoje completo oitenta anos. Mas minha madrinha, oitenta anos é tão pouquinho”.

Nossa Senhora foi sensível ao apelo e lhe deu mais quatro anos de lambuja.

Figura apaixonante a do “senador dos bois” como o chamavam os adversários, pai e avô de senador, fundador de uma dinastia que conservou latifúndios e influência política até nossos dias.

Seu irmão Pessoa Anta foi mártir da Revolução do Equador: ele, também envolvido na insurreição, perdeu gran-

de parte de seus bens. Pensou em emigrar para os Estados Unidos, mais precisamente para Boston. Desistiu. Foi ao Rio em 1826 lutar pelo que era seu. Venceu. Pôde sentir, na Corte, a importância do dinheiro na construção de relações sociais e políticas. Fez amizades que lhe seriam preciosas para o êxito de sua vida pública.

O CASO PESSOA ANTA

Por toda a vida o episódio da morte do irmão Pessoa Anta foi sempre levantado contra ele, a qualquer acirramento maior da política.

Em “MARCHA DO TEMPO”, Batista Fontenele narra:

“Os herdeiros de Pessoa Anta mantinham profunda mágoa do senador Paula Pessoa e justificavam, com ou sem razão, que este ficara encarregado de arrecadar a importância que salvaria o mártir da pena de morte e não dera conta do recado. Seria “a peso de ouro”, isto é, tantos quilos de ouro fossem os quilos que pesasse o condenado. Paula Pessoa tentou o esforço, conseguindo o peso exigido, mas fracassou na véspera de cumprir o trato. Talvez a seca de 1825 tenha sido responsável pelos cavalos fracos que não atingiram o fim da jornada no devido tempo”.

Segundo o apaixonado João Brígido, “o português Machado, amigo de Conrado, tentou salvar Pessoa Anta. A mulher do advogado Miguel Antônio da Rocha Lima ajustara com a de Conrado que, mediante a exibição de grossa quantia, faria aceitarem embargos que o infeliz opunha à sentença.

Fechado o ajuste, e na véspera dessa concessão, Machado deu visto para Sobral a Francisco de Paula Pessoa, a fim de trazer incontinenti a soma estipulada. Sua demora, porém foi grande, e chegava à noite a Boqueirão de Arara, imediação da Capital, quando às 9 horas da manhã seu

desventurado irmão tinha sido passado pelas armas pensando até a hora derradeira na prometida salvação.

Este fato, de todo ponto verdadeiro, quaisquer que fossem os motivos que detiveram a família de Andrade, tem-lhe sido uma mácula na tradição da Província”.

PARA ESNOBAR

Ridicularizado pelos adversários que o chamavam “senador dos bois” a fim de timbrar sua nenhuma instrução regular, o senador Paula Pessoa caprichou desde 1826 quando foi ao Rio a fim de tentar reaver seus bens expropriados.

Sabia quem devia conhecer e cuja casa devia frequentar, e sabia como impressionar. Exímio jogador de lasquet – conta Hugo Vitor Guimarães em seu *Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará* –, “tornou-se um dos parceiros habituais do palacete do sogro do Duque de Caxias, e deu-se ao luxo, certa vez, de procurar uma ficha caída no assoalho, acendendo no bico de gás uma cédula de 500\$000”.

Sabia onde investir seu dinheiro. Para manutenção do jornal de seu partido CEARENSE entregou ao senador Tomaz Pompeu de Souza Brasil, sogro do comendador Nogueira Accioly, cem contos de réis, cuja renda reverteria em favor daquele órgão de Imprensa.

A DINASTIA

Nascido em Granja, a 24 de março de 1795, falecido a 16 de julho de 1879, em Sobral, era filho do capitão-mor Thomaz Antônio Pessoa de Andrade e de dona Francisca de Brito Pessoa de Andrade, parenta, registra o Barão de Studart, do célebre José Agostinho de Macedo. Aos 15 anos, decide negociar por conta própria. Aos 24, achando Granja pequena para suas altas ambições, muda-se para Sobral, centro mais adiantado, onde foi sargento-mor, capitão-mor das antigas ordenanças da cidade e vereador.

Casa com a filha única do coronel Vicente Alves da Fonseca e de sua mulher Antônia Geracina Isabel de Mesquita a 16 de maio de 1827, exatamente no mesmo dia em que o sogro, viúvo, faz o mesmo com Irena Ermelinda da Glória. Já era próspero e influente. Ligado, porém, a uma família ilustre da região, tende a crescer em dinheiro e prestígio. Quando da instalação da Assembléia Provincial do Ceará, em abril de 1835, ele e o sogro estão presentes como deputados do Partido Liberal (Chimango). Vice-Presidente da Província várias vezes até que, um dos mais votados na eleição para preenchimento de vagas no Senado, é escolhido por carta imperial de 23 de dezembro de 1848 senador do Império, posto vitalício em que se mantém por 31 anos.

O senador tratou de espalhar filhos, genros e sobrinhos na vida pública cearense em que sua família exerceu influência até 1945, quando elegeu Egberto Rodrigues à Assembléia Nacional Constituinte e manteve os latifúndios que incorporou, até os dias de hoje.

Francisco de Paula Pessoa Filho, médico conhecido por doutor Paulinha, morreu a dois de agosto de 1879, aos 43 anos como deputado federal, no Rio. Sua filha, Maria da Soledade, Sinhá, casou com o juiz José Saboya, responsável pela eleição do genro, Plínio Pompeu, avô da senadora Patrícia Saboya, para a Câmara Alta do País.

Outro filho do senador, Vicente Alves de Paula Pessoa, foi eleito senador duas vezes. Na primeira, em 1878, o pleito foi anulado, devido à seca do ano anterior. A segunda, em 1881, na eleição para preenchimento de três vagas na Câmara Alta, uma delas de Francisco de Paula Pessoa.

O genro, conselheiro Rodrigues Júnior, foi deputado e ministro da Guerra do gabinete Lafayette, pai do senador Thomaz de Paula Rodrigues e do deputado estadual Paula Rodrigues, este chefe do Partido Democrata e político de maior prestígio no governo do coronel Franco Rabelo.

O neto, Thomaz de Paula Rodrigues, deputado federal e senador foi pai do deputado Egberto Rodrigues, deputado

à Assembléia Nacional Constituinte, em 1946. Até um dia desses, a família tinha representante na Assembléia Legislativa do Ceará, Chico Figueiredo, que foi secretário de Agricultura do Governo Parsifal Barroso e substituído no mandato pelo filho, Alexandre.

CHEFE DE FAMÍLIA PREVIDENTE

Ao redigir um de seus testamentos em Sobral, a 16 de abril de 1878, o senador Paula expressa preocupação com o preparo cultural de um neto, o que mostra sua intuição:

“Deixo ao meu neto Francisco, filho da minha finada filha D. Francisca, a quantia de dez contos de réis, em ações do Banco do Brasil, preço de sua compra, incumbindo-se de sua guarda e percepção de seus rendimentos o meu filho Thomás e, em sua falta, meu filho Francisco, que os irão aplicando à compra de outras ações do referido Banco, ou de apólices da dívida pública. É minha vontade que essa importância seja aplicada à sua educação literária e científica, que desejo seja a mais aperfeiçoada possível, e isso de acordo com seu pai meu afilhado e amigo Dr. João d’Albuquerque Rodrigues”.

USINA DE SENADORES

Com ele, a zona norte passa a exportar senadores. Em 1846 ajuda a eleger Thomaz Pompeu, seu primo, nascido em Santa Quitéria, freguesia de Sobral, cuja carreira política financia. Em 1870 Sobral faz senador outro filho, Jerônimo Martiniano Figueiredo de Melo, um dos 41 integrantes da primeira turma da Faculdade de Direito de Olinda em 1832, colega de Nabuco de Araújo e Euzébio de Queirós.

Em 1881, Sobral elege logo dois senadores: Vicente Alves de Paula Pessoa, filho do falecido senador Paula e

João Ernesto Viriato de Medeiros. É tão forte politicamente que aproveita a seca de 1877 para conseguir a construção da estrada de ferro que ligará diretamente ao porto de Camocim, em meio à violenta campanha. João Brígido, mais tarde, assim se haveria de referir à candidatura de Viriato de Medeiros, apoiada pelo presidente do Conselho de Ministros, o Visconde de Sinimbu:

“Esta candidatura já foi uma decepção. O poderoso ministro exigia imperiosamente o enxerto da chapa, e para fazer popular o seu válido, mandava construir, sob a indicação dele, a estrada de ferro de Camocim a Sobral, pesada fatalidade que esfacelou o comércio da província, desaproveitando completamente para o progresso dela, os milhões do Estado.

Pela direção dada a essa via imprestável de transporte, desprendendo da praça de Fortaleza os centros produtores do norte da província, o desastre da empresa foi tão completo que noutro país faria encarcerar o engenheiro construtor e seqüestrar seus bens ao ministro que decretou a obra”.

Em 1872, Sobral podia vangloriar-se da existência do Teatro São João, construído ali muito antes que Fortaleza tivesse estabelecimento igual, segundo planta do Santa Isabel do Recife. Seu Jockey Club realizava corridas, cuja programação era divulgada na Imprensa de Fortaleza. Já não mais construía sobrados, como no início do século. Preferia, agora, as casas solarengas com sótãos e porões como a de Francisco Fernando Pereira Mendes, hoje sede do Patronato, que hospedou o Conde D’Eu em julho de 1889, na boquinha da República e que deslumbrou Antônio Bezerra para quem “difícilmente na Província se encontraria palacete melhor e mais cômodo”.

Ali Fernando Mendes ofereceu suntuosa festa a seu cunhado, doutor Antônio Sabino do Monte, presidente da Paraíba, em que dançaram cem pares simultaneamente. Ali-

ás, vale a pena ver como Antônio Bezerra se deixa contagiar pelo bairrismo do sobralense.

Equipara Sobral a Campinas “em edificação, em tamanho e asseio”. E prossegue em sua louvação:

“É notável o asseio das ruas e praças, donde se conclui que a Câmara cuida seriamente do bem-estar da localidade.

Que diferença a esse respeito das demais cidades e vilas!

Os sons do piano por toda a parte, o rumor e atividade nos estabelecimentos comerciais, certa correção nos trajes, um pouco mais que asseio no arranjo interno das habitações, frequência de transeuntes, agitação, vozerio, tudo anuncia que se chega a uma terra laboriosa e civilizada.

O comércio, que se faz diretamente com a Capital do Maranhão, é basicamente animado, e se mais não sobressai, a razão está na inúmera quantidade de lojas de fazendas e de molhados que contém mais que o necessário para o consumo da praça e da freguesia”. (*Notas de Viagem*, pág. 3).

Antônio Bezerra registra, ainda, que “sua indústria principal consiste na criação de gados distribuídos em mais de 350 fazendas, no fabrico de queijos e de redes de dormir”.

Antes que terminasse o século, a cidade já não era mais apenas mercantil e latifundiária. A visão esclarecida de seus comerciantes impusera, ali mesmo, a industrialização do algodão, com a fundação de sua fábrica de tecidos.

Sobral mantém o fastígio por muito tempo. Seu peso político e econômico perdura até o princípio do século só desfalecendo quando, graças à abertura de estradas, perde a condição de grande empório comercial da região. Ainda assim é capaz de fazer o presidente do Estado, João Tomé de Sabóia, em 1916 e o desembargador Moreira da Rocha em 1924. E, em 1958, graças à malícia de Chico Monte, Parsifal Barroso se elege governador.

TESTAMENTO

Em nome da Santíssima Trindade – Padre, Filho e Espírito Santo – em quem eu, Francisco de Paula Pessoa piamente creio, e em cuja crença espero viver e morrer.

É este o meo testamento e última vontade:

Declaro que sou natural da cidade de Granja, n'esta Provincia, e nasci aos 24 de março de 1795, que sou filho legitimo do Capitam-mór das antigas Ordenanças da villa então e hoje cidade da Granja – Thomás Antonio Pessôa d'Andrade e D. Francisca Maria de Jesus, que fui casado com D. Francisca Maria Carolina de Paula Pessoa, fallecida no anno de 1851 e permaneço no estado de viuvez em que fiquei d'esde a morte de minha sempre lembrada e sempre pensada esposa.

Declaro – mais – que do meo casamento existem os meos filhos – Desembargador Vicente Alves de Paula Pessôa – Bacharel em Direito, Thomás Antonio de Paula Pessôa – Doutor em Medicina – Francisco de Paula Pessôa Filho – D. Antonia Geracina de Paula Figueiredo, viúva do Dr. José Antonio de Figueiredo – D. Maria Luisa de Paula Rodrigues, mulher do Bacharel em Direito – Antonio Joaquim Rodrigues Junior, os quaes, com meo neto – o menor Francisco – filho da minha finada filha D. Francisca, casada que foi com o Juiz de Direito João d'Albuquerque Rodrigues, sãm os meos herdeiros legitimas e necessarios. Quanto ao meo filho reconhecido – Juiz de Direito Leocadio d'Andrade Pessôa – mantenho e quero que se observe – a respeito seo – o que dispuz em um testamento público, feito em notas do finado Tabelião Pamplona, da cidade de Fortaleza, capital d'esta Provincia, no anno de 1858.

Quando eu morrer os meos filhos farão o meo enterramento com decencia – em tempo e pelos meios competentes – promoverão a transferencia de meos ossos para a Igreja Matriz, ou Capella do Menino Deus, d'esta cidade, onde os recolherão a uma urna de marmore.

No dia do meo passamento serão celebradas missas por todos os sacerdotes existentes n'esta cidade, em minha intenção, depois se mandará celebrar ainda, por minha alma, quatro oitavários e duas capellas de missas, ou aquellas que entenderem dever mandar celebrar os meos filhos.

Mandar-se-hão celebrar mais duas capellas de missas, uma pela alma de minha fallecida mulher, outra pelas almas dos meos paes e irmãos. No dia do meo enterramento se distribuirá, no Cemitério, aos pobres da cidade, a quantia de duseentos mil réis, feita a competente distribuição por um dos meos testamenteiros.

Distribuir-se-há igualmente, n'esse mesmo dia, e no septimo, a quantia de cem mil réis, em partes eguaes, com viúvas e mulheres honestas – pobres, mas não das que vivem pelas ruas a mendigar.

Far-se-há ainda, no trigesimo dia do meo fallecimento, distribuir com os pobres da cidade da Granja, a quantia de cincoenta mil réis; e n'esse mesmo dia, por minha alma, se mandará celebrar, na Matriz, uma missa.

Deixo a quantia de duseentos mil réis para auxiliar o casamento de trez virgens pobres, sendo ellas educandas da Casa de Caridade, d'esta Cidade.

Deixo a quantia de tresentos mil réis a Casa de Caridade, do Sobral, e mais cento e cincoenta braças de terra, na fazenda Varzea-Redonda, á margem do rio Jacurutú, com uma casa coberta de telhas, devendo tirar-se ditas 150 braças de terra, da casa para o lado de cima.

Deixo a quantia de duseentos mil réis para melhora-mento do Altar de N. S. do Carmo, na Capella do Menino Deus, d'esta cidade erigido a custo de minha finada consorte, e duseentos mil réis para as obras das Capellas de N. S. das Dores e Sam Francisco, tambem n'esta cidade, repartidamente.

Deixo a quantia de duseentos mil réis para repáros da capella do Santissimo Sacramento, da Matriz da cidade da Granja.

Deixo cem mil réis para as obras da capella do Riacho Guimarães, na Freguesia de Santa Quiteria. Deixo a cada uma de minhas netas solteiras, existentes ao tempo da abertura d'este, filhas de meos filhos Vicente e Francisco, a filhas de minhas filhas D. Antonia e Da. Maria – quatro acções – do Banco do Brasil, no valor de 227\$000 Rs., cada acção, preço porque as comprei, as quaes ser-lhes-hão entregues, com os seos respectivos rendimentos, depois de casadas, se cazarem a aprazimento de seos páes, ou mães, ou tutores, perdendo a que não satisfizer esta condição o direito a ditas quatro acções, acções que, em tal caso, reverterão em benefício das outras suas irmãs. A que completar 25 annos sem casar, terá todavia direito a receber as mesmas 4 acções.

Deixo as minhas netas, filhas do meo filho Leocadio a quantia de dois contos de réis, para ser dividida entre ellas.

Deixo a meo neto José, meo afilhado e filho de meo filho Vicente quatro acções do Banco do Brasil ao dito prelo de 227\$000 cada acção; ao meo neto e afilhado Francisco, filho do meo filho Francisco, a quantia de oitocentos mil réis.

Deixo ao meo neto Francisco, filho da minha finada filha Da. Francisca, a quantia de dez contos de réis, em acções do Banco do Brasil, preço da sua compra, incumbindo-se da sua guarda e percepção de seos rendimentos o meo filho Thomás e em sua falta meo filho Francisco, que os irão applicando a compra de outras acções do referido Banco, ou de apolices da divida publica. É minha vontade que essa importancia seja applicada a sua educação litteraria e scientifica, que desejo seja a mais aperfeiçoada possivel, e isso de acordo com seo pae meo afilhado e amigo Dr. João d'Albuquerque Rodrigues. Caso porem, por circumstancias imprevistas, não se poder elle applicar aos estudos, se lhe entregarão acções e rendimentos ao completar elle 21 annos, e no caso de fallecer antes dessa idade, proceder-se-ha a sua divisão egual (de acções e rendimentos) entre seo pae e

os meos filhos e filhas – legitimos – por si, ou representados pelos seus herdeiros. Em valor, como de direito, será deduzido de minha terça.

Deixo a minha sobrinha D. Izabel, filha do meo fallecido irmão Gonçalo d'Andrade Pessoa, a quantia de trescentos mil réis; a minha sobrinha D. Francisca, filha do meo fallecido irmão e sempre lembrado amigo João d'Andrade Pessoa Anta, viuva de Alexandre da Costa Sampaio a quantia de cem mil réis; a minha sobrinha Anna, filha de minha finada irmã D. Francisca, a quantia de cem mil réis; as minhas sobrinhas DD. Maria, Carolina e Henriqueta, filhas de meo finado irmão José Raimundo Pessoa a quantia de cento e cinquenta mil réis, para entre ellas ser dividida; as minhas sobrinhas Francisca e Maria, filhas de minha finada sobrinha D. Francisca, casada que foi com o meo sobrinho João Zeferino Pessoa, dusecentos mil réis, repartidamente, ou cem mil réis a cada uma; aos filhos de minha sobrinha Izabel, irmã de minhas sobrinhas ha pouco mencionadas, e casada que foi com Francisco Raimundo Pessoa d'Andrade cem mil réis, repartidamente, devendo da quantia ser recolhida ao cofre dos Órfãos, até a sua maioridade; a filha de minha finada sobrinha, casada que foi com Thomas Rodolfo Pessoa d'Andrade, neta de minha finada irmã D. Maria Theresa, a quantia de cem mil réis. Devo declarar que quero fallar da filha de Thomás Rodolfo, casada com um filho de minha sobrinha Francisca, filha de meo irmão João d'Andrade. Deixo a minha sobrinha Herminia, filha de minha fallecida irmã D. Catharina – a quantia de cem mil réis; a minha sobrinha viuva D. Anna – filha de meo finado irmão Joaquim d'Andrade Pessoa, a quantia que se ella acha a dever-me; as minhas sobrinhas D. Justina e Francisca, filhas do meo irmão Manuel d'Andrade Pessoa a quantia de cinquenta mil réis, a cada uma; aos mencionados órfãos, netos do meo irmão Manoel d'Andrade Pessoa, filhos de suas finadas filhas Genoveva e Maria, casadas que farão, aquella com Ignacio Gomes Parente, esta com José Machado, a quantia

de cem mil réis, que será repartida igualmente entre elles; a viuva D. Maria, casada que foi com o meo sobrinho sempre amigo, nunca esquecido – João d'Andrade Pessoa Anta – a quantia de cem mil réis; a D. Vicencia, minha comadre, casada com Luiz Antonio da Silva, a quantia de cem mil réis.

Deixo de contemplar em minha disposição os filhos do meo falecido irmão Thomás Antonio Pessoa d'Andrade, em razão das concessões que já lhes fiz e que constam dos Autos de inventaria e partilha dos bens d'elle.

Entre os escravos que possuo, deixo livres os de nomes – Marcos, Pedro, José Grande, Apollinario, Quintiliano, Andreza e Dionisia. O escravo Benedicto será declarado livre depois de prestar serviços por seis annos a meo filho Vicente.

A escrava Umbelina será declarada livre depois de prestar serviços por quatro annos a minha filha D. Maria.

A escrava Luisa será declarada livre depois de prestar serviços por quatro annos a minha filha D. Antonia.

Mantenho e confirmo a doação que da escrava de nome Francisca, alem de outras coisas – fiz, ha annos, a minha sobrinha D. Francisca, casada com Antonio Manoel Lopes Cavalcante.

Ao fazer o presente testamento parece-me conveniente declarar que tenho – em caixa, em accões do Banco do Brasil, em accões da estrada de ferro do Baturité, em dividas, que julgo seguras, mais de duzentos contos de réis, sendo o dinheiro em caixa: ouro, prata e papel; assim como que em predios rusticos, urbanos e gados, comprados depois do inventaria de minha consorte, tenho empregado cerca de cem contos de réis.

Rogo aos meos filhos Vicente, Thomás e Francisco, genro Antonio Joaquim Rodrigues Júnior, filho Leocadio e afilhado João d'Albuquerque Rodrigues, a obra pia de serem meos testamenteiros e darem inteira e fiel execução as minhas disposições, acima expressadas.

Este é o meu testamento pelo qual revogo qualquer outro, menos o que fiz em notas do Tabelião Pamplona na capital desta Província no anno de mil oitocentos e cinquenta e oito. Foi escripto a meu pedido por meo filho Thomas Antonio de Paula Pessoa, e esta intermanente, conforme com o que eu ditei e é minha vontade e para maior autenticidade delle numerei suas folhas e rubriqueias, datei e assigno, a Cidade de Sobral 16 de abril de 1878.

FRANCISCO DE PAULA PESSOA

CLODOVEU ARRUDA

“Descendente de uma família de intelectuais, se houve em todos os cargos com a competência e a cultura que a sua capacidade mental conquistou. Não se limitando ao tamanho da ciência de Ulpiano, mas, também, como jornalista e cultor das belas letras, sendo com justiça considerado um artista da pena, possuindo um espírito brilhante e uma mentalidade robusta. (Craveiro Filho, O CENTENÁRIO).

“Eu não sou representante de facções, aqui, não vim, aqui não estou como intérprete dos acontecimentos agrupamentos fragmentados aos embates formidáveis da opinião, aos choques truculentos das paixões ignaras”.

(Clodoveu Arruda, em final de julho de 1923, saúda Dom José que retorna de Salvador onde, aparentemente, fora pedir ao protetor e primo, Dom Jerônimo Tomé da Silva para não ser transferido para Uberlândia).

Promotor de Justiça de Sobral, nomeado pelo comendador Nogueira Accioly, em 1907, juiz substituto de Sobral até 1927, foi secretário do Interior e Justiça do governo do desembargador Faustino de Albuquerque, indicado por an-

tigo colega de magistratura, José Sabóia. Deixou fama de orador erudito, de excelente *causer*, de conversa desbocada e livre e de hipocondríaco até dizer chega.

Ao lado de sua casa, instalou chalé, defronte ao palacete de dona Marfisa Mont'Alverne, onde, todo o final de tarde, aproveitando a brisa do Aracati, reunia-se uma roda de conversa animada "barraca" como se dizia, àquele tempo. Eram assíduos freqüentadores: dona Alice Rodrigues, mulher de Gabriel Rodrigues, Carlito Lopes, Walter Andrade, Gláucia e Júlio Álvaro Coelho e o famoso médico Guarany Mont'Alverne. Aliás, Clodoveu mandou abrir buraco, no muro de sua casa, que dava fundos para a do médico, a fim de que ele, ali mesmo, lhe medisse a pressão arterial, em caráter de urgência, nas muitas vezes em que achava que estava morrendo.

Em certo banquete, o orador principal começou o discurso, escrito, evidentemente, por outrem, tropeçando na prosódia:

"Nesse memorável agapê..."

"Agapê é cavalo de força", interrompeu Clodoveu, com um murro na mesa que fez estremecer pratos, copos e talheres.

Durante seca brava viva, de olho no nascente, na esperança de sinais de chuvas, certa manhã, ficou alegre diviseando, no horizonte, nuvens pesadas, indicações de que suas angústias estavam perto de terminar. Saiu correndo para acordar Huet Arruda, que morava na esquina posta à sua, na Praça do Siebra. Despertou-o, aos berros:

"O que houve, Clodoveu?" Indagou Huet, estremunhado, abrindo a porta.

"Chuva, Huet, vem chuva. Olhe pra lá".

Ao virar-se para mostrar ao irmão as nuvens, deparou-se com céu limpo, azul, céu de brigadeiro. Não se conteve. Pas-

sou, então, a dizer palavras e pragas contra a nuvem promissora que fugia, levando com ela a esperança de bom inverno.

O solteirão Waldemar Lyra, rico, com fundada reputação de excessivamente parcimonioso nos gastos, rendeu-se às instâncias de amigos que lhe sugeriam ir passear no Rio. Decidido, foi à “barraca” de Clodoveu, comunicar-lhe a expedição temerária.

“Waldemar, você vai mesmo?”, indagou o anfitrião.

“Vou”, respondeu Lyra, já desanimado.

“Waldemar, contemple o avião subindo, subindo até o infinito dos céus, você morrendo de cólicas nervosas. No fim do dia, você chega ao Rio e quando está sobrevoando a Baía da Guanabara, de repente, o pássaro de aço explode no ar e se desfaz em mil pedaços. Em Sobral, a notícia repercute como uma bomba. O enterro é concorridíssimo, benquisto como você é. À missa de sétimo dia, ainda vai muita gente. Depois, depois, Waldemar, é o esquecimento completo”.

“Desisto, Clodoveu, desisto”, diz Lyra, que se viu, assim, livre simultaneamente do medo e dos gastos da viagem.

Ao tempo da II Guerra Mundial, teve de ir, inesperadamente, à sua Fazenda Caraúbas. Saiu preocupado com a ida de Chamberlain a Berlim, onde discutiria, com Adolfo Hitler, entre outros, a questão dos sudetos. Tão logo voltou, sem mesmo se apear do cavalo, passou na casa do Oriano Mendes.

“Oriano, como ficou a questão dos sudetos?”, indagou do amigo.

“Não sei, Clodoveu. Meu rádio quebrou”.

Impaciente, foi até a loja de Francisco Neves, homem que nutria outras preocupações e que, naquele instante, estava vendendo tecido.

“E os sudetos, Chico Neves?”

“Que sudetos?”, indagou, surpreso, o outro, sem soltar a fazenda que media.

Irado, Clodoveu mudou de assunto ante o espanto do interlocutor que não adivinhava a razão de tão ruidoso descontentamento.

“E suas vacas, Chico Neves? Estão dando muito leite? O Jaibara sangrou?”

E saiu fumando numa quenga.

O TRAUMATOLOGISTA DE SOBRAL

O *serra-velho* era uma das brincadeiras da cidade que mais suscitava comentários lá em casa. Sempre aparecia alguém, manhã do dia seguinte, para narrar o que acontecera, quem reagira ao trote, onde e como a Polícia fora chamada e interferira para conter os brincalhões.

Era assim. Numa madrugada de Sexta-Feira da Paixão para Sábado de Aleluia, saíam grupos pelas ruas, a fim de atucanar a paciência dos rabujentos. De quem tinha rabo de palha. Dos que davam cavaco. Era oportunidade para ajustar contas, para destilar velhos ódios ou dar vazão a preconceitos morais e religiosos.

O grupo levava uma barrica, um serrote, chocalhos, canecas de lata ou alumínio, tudo destinado a fazer barulho, acordar os “pacientes”. À porta da casa da vítima, um serrava a barrica, outro batia em latas. O terceiro agitava o chocalho. Outro fingia chorar. Não tinha quem pudesse continuar dormindo. Um dos brincalhões, repuxando a pele do gogó para fazer tremer a voz, convocava o dono da casa a vir pro pau, para a força, destinada aos judas, aos traidores. Quem aparecia, oferecia bebida, café aos brincalhões,

escapava do trote. Quem, porém, se fechava ou então reagia, penava. Aí saía tudo. Adultério, amores secretos, filhos naturais, defeitos físicos, pão-durismo, dívidas não pagas.

“Miserável, manda ao menos, leite ou uns cu-
eiros para a pobre criança que botaste no mundo”.

O choro aumentava, o chocalho era agitado, o serrote gemia, o refrão se repetia. Era um inferno.

Desquitado, o padreiro Gonzaga Melo casou com uma senhora madura como ele em Fortaleza e a trouxe para casa. Na serração da velha, ela foi alvo de toda espécie de grosserias:

“Gonzaga Melo, bota a bichona pra fora. Solta
a pata choca. Vem pro pau ou manda a bichona!”

A pobre senhora se sentiu tão ultrajada, tão injuriada que, na manhã seguinte, juntou seus trapinhos, tomou o ônibus da Expresso de Luxo de volta a Fortaleza, pra nunca mais.

Um dos alvos prediletos das brincadeiras – justo porque dava o maior cavaco – era Antônio Félix: Ibiapina.

Dono da coudelaria, aficionado do Jockey, filho de família tradicional, não quis estudar. Quando o conheci, ganhava a vida como barbeiro. Era também traumatologista, o melhor, o único da cidade, de dar quinau em muito doutor formado, até mesmo em Guarany Montalverne, o grande cirurgião de Sobral e um dos maiores do Estado.

Tentava até não reagir às provocações. As filhas o faziam encher a boca d’água para ficar calado. Não demorava, porém, em tal conformismo. Em pouco tempo, botava a água pra fora e apelava para os palavrões de que possuía rico e variado estoque. Quando eles não ofereciam resultado, mandava bala pelo buraco da fechadura, pelas frinchas da janela, para assustar os gozadores.

Era um terror quando capava cavalos lá pras bandas do Prado, onde ficava o Jockey. A cidade, pequenina, acordava

com os sofrimentos dos animais mutilados. Por isso mesmo, um operário quebrou o braço. Os amigos, aflitos, correram com ele para a barbearia do Antônio Félix, dizendo que o levavam ao médico.

No meio do caminho, ele ouviu que o conduziam para o capador da cidade. Logo que pôde, escapou correndo dos que o conduziam e nunca mais foi visto. Preferiu ficar de braço torto a correr o risco.

Seus métodos eram drásticos, seus resultados eficientíssimos. A fama de Antônio Félix, como traumatologista, corria toda a região.

Helvécio, menino endiabrado, quebrou o braço na ausência do pai, Paulo Sanford, que se encontrava na fazenda. Sua mãe Judite recorreu ao primo, Chico Monte. Levaram o acidentado ao Antônio Félix. Lá pelas tantas, em meio à operação, o coração de mãe partido, dona Judite observou:

“Isso é maneira de consertar braço de cavalo!”

Antônio Félix suspendeu a operação e pediu um copo d’água. Chico indagou:

“Pra que, Antônio? É simpatia?”

Ele, fulo da vida, só pôde responder:

“É pra não dizer uma porção de desaforos a Judite”.

Consertou o braço de Helvécio, mas guardou a mágoa do comentário. Pois não é que, tempos depois, novo acidente. Quando Paulo Sanford veio chamá-lo, ele indagou:

“O que é Helvécio? É burro seu? Um cavalo? Um touro?”

Paulo Sanford, aflito, sem se dar conta do ressentimento dele, explicou:

“Tu tá doido, Antônio? Tu não sabes que é meu filho?”

“Não, não vou não”, disse Antônio Félix.

E explicou:

“Se fosse um cavalo, um touro, um jumento eu ia. Para o Helvécio, não”.

Era apenas fita. Emburrado, terminou por atender ao amigo. Impôs uma condição. Que dona Judite não assistisse ao “encanamento” do braço, bem-sucedido como todos os outros.

Antônio Félix comprou uma vaca de Sigismundo Rodrigues que, segundo o vendedor, dava seis litros de leite por dia. Logo no dia seguinte, percebeu que a mercadoria não correspondia à fama apregoada. Tinha um dos peitos defeituoso e produzia, quando muito, a metade do leite anunciado. Não passou recibo, porém. Saiu para espairer no Beco do Cotovelo e a primeira pessoa que encontrou foi Sigismundo que, meio encabulado, veio a seu encontro, perguntar:

“Então, como vai a vaca?”

Era o que queria. Respondeu eufórico:

“Tu lá sabe tratar vaca! Quem entende de gado sou eu”.

Ante o espanto do outro, continuou:

“Está dando oito litros de leite”.

E prosseguiu, implacável:

“Tinha um peito entupido. Eu desentupi e agora está dando oito litros. Pode ir amanhã lá em casa medir”.

Sigismundo, então, caiu no logro. E não resistiu. Propôs-se a desfazer o negócio:

“Não é nem por mim, não, Antônio Félix. A Maria está morta de arrependida. A vaca era outra mãe pros filhos dela. Vamos desfazer o negócio”.

Foi a vez de Antônio Félix regatear:

“Desfazer, não. Quero uma ‘volta’. Comprei vaca de seis litros e lhe devolvo uma de oito. Só pode ser mais caro”.

CHICO MONTE

Francisco de Almeida Monte (1895-1961) foi o primeiro deputado federal a morrer em Brasília, o que aconteceu a 16 de março do segundo ano da nova Capital. Morreu de raiva por não poder, como nos velhos tempos, matar o inimigo, o prefeito de Sobral, padre José Palhano de Sabóia que, todo o santo dia, o provocava, agredindo-lhe a filha, Olga e o genro, governador Parsifal Barroso.

É que, desde rapazola, se acostumava a resolver suas paradas na marra, no tapa ou na ponta da faca. Nunca foi de cortar caminho. Daí por que, na medida em que crescia, seus adversários procuravam trazê-lo de volta à prática da violência. O coração baqueou, ao fim de tantas provocações, por causa da contenção a que o obrigava a importância política.

De família tradicional, filho de juiz, neto de farmacêutico, ligado ao Partido Conservador e a seu chefe, Dr. José Sabóia, não quis estudar. Achou mais divertido cuidar de suas fazendas Pocinhos, Touro, Canafístula, Quintas, construir açudes, criar gado zebu. Por isso, jamais proferiu um discurso numa carreira política, construída à base da violência e da astúcia, que somente conheceu glórias da Câmara de Vereadores à Assembléia Nacional Constituinte.

Mocinho, colocou seu destemor a serviço dos conservadores. Nas novenas de São Francisco, na Palestina, Serra da Meruoca, seca de 1915, vamos encontrá-lo, punhal desembainhado, correndo atrás de Deolindo Barreto, diretor de *A Lucta*, inimigo jurado de seu partido.

Em 1922, vereador em Sobral, Chico está de baixo, com a presença no governo de Idelfonso Albano que sucedeu a Justiniano de Serpa, falecido no exercício do mandato e suscita o ódio dos “marretas”. Os correligionários lhe estimulam as estrepolias. A 7 de março, de manhã, numa roda no bar Itatiaia, os amigos lhe dão corda. Dizem-lhe que o novo chefe do destacamento policial, tenente Antônio Castello Branco veio para Sobral só para lhe quebrar a castanha, por encomenda da chefe rabelista Dondon Pontes, em cujo hotel se encontrava hospedado. Para cúmulo do azar, entra no bar um democrata, Francisco de Freitas, a quem se atribuíam críticas a Chico Monte. Este o desacata. Freitas foge para o café da Maria Felismina, ali vizinho. Chico o segue, de arma na mão, atropelando mesas e cadeiras e lhe espeta a faca na bunda.

Sangrando e humilhado, Freitas vai, disposto, ao Hotel do Norte reclamar providências do policial. Este tenta fazer corpo mole. Sai, primeiro, à procura do delegado de Polícia, Júlio Aragão, na Praça do Menino Deus que desaparecera, convenientemente viajara para sua Fazenda Mato Grosso. Volta ao hotel. Dondon insiste em que prenda Chico Monte que se encontra em atitude de desafio, na esquina da Praça do Mercado, diante da loja de Eloi Sabóia. Nada. Ele resiste. Por fim, ela lhe lança, no rosto, na presença de todos os hóspedes, o desafio mortal:

“Tenente, se o senhor não tem coragem, vista minha saia e me empreste sua farda que eu prendo o homem”.

Castello Branco não tem saída.

Na minha imaginação de criança, vislumbro a cena, contada tantas vezes, e que ainda hoje me impressiona, igualzinha à de filme de faroeste. Sozinho, sem esperar a cobertura de seu destacamento, o oficial sai pelas ruas lamacentas, atrás de Chico, já devidamente advertido da ameaça.

São 11 horas da manhã. O Sol queima implacavelmente. É fim de feira. Ainda há muitos cavalos de montaria e jumentos de carga, amarrados aos mourões do mercado, es-

perando seus proprietários. Chico, agora, à porta de *A Primavera*, de José Custódio de Azevedo, vê despontar, na esquina, o adversário. Percebe que ele vem só e traz, abotoado na bainha, o revólver. Há suspense na praça. Fecham-se convenientemente portas e janelas, algumas com ruído indiscreto de dobradiças enferrujadas. Silêncio pesado, grávido, de expectativas, desce sobre a praça, perturbado apenas pelo cacarejar de galinhas, grunhir de porcos, relincho de cavalos e burros que até estes cessam quando o tenente grita:

“Chico, você está preso”, e vai-se aproximando.

“Um homem não se prende, se mata”, replica Chico Monte que, imediatamente, numa fração de segundos, crava o punhal, dum lado para o outro, no pé da barriga do tenente. O sangue esguicha, tingindo-lhe a farda de vermelho. Eles se agarram, rolam no chão que fica todo ensangüentado daquele duelo de feras. Depois de cinco minutos, Chico consegue desvencilhar-se do inimigo, mais alto e mais forte e foge em direção à Farmácia Monte, do primo Jones Monte. Castello Branco pode, enfim, sacar do revólver. Tem, porém, que segurar as vísceras com a mão esquerda. Ainda consegue atingir Chico, por trás, à altura da nádega, ferimento que o levaria a coxear, vida inteira. Outra bala se perde, quase atingindo o industrial Ernesto Deocleciano, pai de José Sabóia que aparecera à porta de seu escritório. Termina ferindo a perna de uma de suas empregadas domésticas que gane como cachorro atropelado.

É impressionante a cena que se segue. Castello Branco caminha de volta ao hotel, cambaleando, segurando as tripas, a farda rasgada, suja e ensangüentada, para morrer três dias depois, em meio a dores lancinantes.

Sarado dos graves ferimentos recebidos, Chico Monte é amparado pelos juízes José Sabóia e Clodoveu Arruda. Logo é absolvido pelo primeiro, em sentença que o Tribunal de Justiça do Estado ratifica a 20 de outubro, elogiando o exercício do direito de resistência do acusado.

* * *

Assustado pela violência da cena, Deolindo Barreto, a cada edição de *A Lucta*, recrimina a magistratura de Sobral e o *Correio da Semana*, por sua indulgência ante o crime. O jornal da Diocese, fazendo coro com *A Ordem*, não esconde sua euforia diante do consagrador acórdão da Justiça Estadual.

* * *

A 15 de junho de 1924, soara a hora de execução de Deolindo Barreto, há muito condenado à morte. Está terminando o governo Justiniano de Serpa/Idelfonso Albano. Há eleição no prédio da Câmara Municipal. No curso do bate-boca em torno da legitimidade da mesa eleitoral, mais de cinquenta revólveres disparam em direção do jornalista, enchendo os vastos salões de gritos de ódio, dor e espanto. Em meio ao horror e ao fumaceiro daquele trucidamento, há quem escorregue das varandas da janela do primeiro andar para a rua, pendurado em bengalas e cabos de guarda-chuva. Quando o tiroteio cessa, Deolindo está caído no chão, a espinha dorsal quebrada. Seu fraque mais parece uma urupema, com 40 buracos de bala. Ele balbucia:

“Quem me matou foi Francisco Monte, Vicente Bento e Joaquim de Souza”.

Apesar de mais afeiçoado ao punhal que à pistola, Chico Monte foi procurado pela Polícia, processado, e, naturalmente, mais uma vez absolvido. Escondeu-se a primeira noite na casa de José Sabóia, depois em suas fazendas até que terminasse o governo e o clima em Sobral amainasse.

Ainda hoje, os filhos do jornalista dizem que houve homicídio e homicídio premeditado. Ensaiado que nem peça de teatro. É que, na véspera do ocorrido, dona Mariinha fora avisada pela empregada doméstica de Chico de que fora ele o escolhido para a execução do marido.

Durante a vida inteira, esse crime foi usado contra Chico Monte de diversas maneiras. No Senado, duas vezes. A primeira por João Tomé, adversário de José Sabóia, logo após o

fuzilamento. Em março de 1949, por Plínio Pompeu, genro de José Sabóia. Muito se explorou, de novo, o fato quando ele se aliou a Cesário Barreto, sobrinho do jornalista contra o padre Palhano de Sabóia, nos últimos anos de sua vida

Chico Monte já se convertera em figura lendária na década de 1920. As gangues de guris da Praça do Figueira, do Menino Deus ou Bairro da Cruz das Almas, o tinham como ídolo. Sua brincadeira predileta era representar o duelo com o tenente Castello Branco. A grande disputa era pelo papel do sobrevivente.

O ROMPIMENTO

A violência física lhe serve para abrir o espaço inicial. Depois o que lhe vale mesmo é a capacidade de antecipar fatos.

Com a reconstitucionalização do País, em ^{→ 1933} 1963, surpreende o Dr. José Sabóia, passando-se para a LEC e se colocando sob a liderança de Olavo Oliveira, que fora seu advogado no *affaire* Deolindo Barreto.

Aí, segundo a lenda, durante a realização de comício na Praça do Rosário, um lecionista fazia sua exploração em torno do suposto ateísmo de um candidato do PSD, quando um popular gritou do meio da multidão:

“E o Olavo Oliveira, que é da LEC, não é ateu também?”

Em questão de segundos, Chico desceu do palanque de arma em punho para castigar o atrevido. É claro que, no instante seguinte, não havia mais ninguém na praça, tal o temor que infundia.

Os “carcomidos” de 1930 voltaram ao poder em 1935, com a tumultuada eleição pela Assembléia Legislativa, de Menezes Pimentel. Parsifal Barroso conta:

“O Partido Social Democrático tudo fez para levar a melhor nessa luta memorável, em que os

lecistas somente triunfaram por se haverem asilado seus deputados estaduais, no Quartel do 23º Batalhão de Caçadores e ter o admirável político deputado Francisco Monte logrado assegurar o voto decisivo que garantiu a eleição do eminente e saudoso líder, professor Francisco de Menezes Pimentel”.

É que havia cheiro de traição no ar. Se se registrasse o empate (15 x 15), ganharia José Pompeu Pinto Accioly, filho do comandante Nogueira Accioly, por ser o candidato mais velho.

Por isso, assim que os deputados entraram no prédio da Assembléia, Chico Monte se encarregou de dissipar as vacilações de dois colegas quanto à melhor opção. Exibindo a eloquência de seu Smith and Wesson, disse-lhes sem rodeio:

“Se o Pimentel perder, vocês saem daqui pro cemitério e eu pra cadeia”.

Catequista tão convincente, não tinha como perder seu latim. Pimentel foi o vitorioso e Chico começou então a implantação de seu domínio na zona norte que culminaria com a eleição do genro, Parsifal Barroso, para o governo do Estado em 1958, último vagido político de uma região que jamais recuperaria seu prestígio.

SALTO NO ESCURO

Depois da queda do Estado Novo, dá mais um salto no escuro. Emancipa-se de Olavo Oliveira, ao ficar com a candidatura de Eurico Gaspar Dutra contra a de Eduardo Gomes, que parecia imbatível. Ante o nariz torcido de muitos, por causa de sua nenhuma educação formal, Chico se elege à Assembléia Nacional Constituinte em 1946. No plenário da Constituinte, quando da apaixonada discussão em torno da legalidade do PCB, com agilidade felina, pula várias pol-

tronas do Palácio Tiradentes para esfaquear o comunista Trifino Correia.

Em 1951, reelege-se à Câmara e leva consigo Parsifal, embora ao preço de grande desgaste por não ter tido condições de resgatar os compromissos de permuta de votos com candidatos à deputação estadual da região.

Passa quatro anos de baixo, no plano estadual. Lembro-me da ansiedade em que vivi quando um de seus correligionários, o marinheiro Manuel Florêncio de Aguiar foi preso, por razões políticas. Pela repercussão do incidente, ficou-me a impressão de que barcos da Marinha de Guerra terminariam por subir o Acaraú para libertá-lo. Não foi preciso tanto.

Ainda recordo, também, com emoção, que o vi, num final de tarde, subir, sozinho, coxeando, os degraus da amplificadora da UDN, instalada em sobrado fronteiriço ao seu, para cortar-lhe os fios dos alto-falantes e jogá-los na rua.

Controlando a Prefeitura e desfrutando as boas graças do poder central, não hesitou, quatro anos depois, em romper com Raul Barbosa, antes que ele assumisse o governo, por não haver conseguido nomear o primo Paulo Sanford para a Secretaria de Agricultura. Deixou o PSD, alistando-se no PTB de Getúlio Vargas, ficando mais quatro anos na oposição. Mal a notícia explodiu no rádio, meu pai foi prestar-lhe solidariedade. Vi Chico, o rosto coberto de espuma, de frente a um pequeno espelho de moldura vermelha, esbravejando contra Raul:

“Vou esperar por ele, detrás do toco da aroeira, lambendo rapadura”.

Saiu de trás do tronco da aroeira em 1954, quando elegeu Parsifal senador, derrotando Raul Barbosa. O genro nem esquentou as poltronas do Monroe, recrutado para o Ministério do Trabalho, pelo presidente Juscelino Kubitschek que precisava ter no posto, um político respeitado pela hierarquia católica do País.

Integrado no imbatível esquema de forças que Virgílio Távora montara para chegar ao Palácio da Luz, não hesitou em dinamitá-lo quando viu que podia colocar no lugar, Parsifal. Era a glória. O sítio “Monte”, localizado na Serra da Meruoca, convertia-se em palco de decisões sobre o destino do Ceará.

Foi uma guerra sem quartel entre dinheiros públicos estaduais e federais. O governador Flávio Marcílio fez o possível e o impossível para ver vitorioso o concunhado Virgílio Távora contra Parsifal que tinha, a seu favor, as frentes de serviço do DNOCS, criadas para matar a fome dos sertanejos na seca.

Depois das eleições, repórteres foram a Sobral ouvir Chico sobre as acusações de Távora de engajamento eleitoral do DNOCS, a favor do candidato do PSD-PTB. Ele disse apenas:

“O Virgílio chora que nem bezerro desmamado...”.

Quando havia alguma briga mortal entre seus correligionários assistia à família da vítima e do criminoso: “primeiro, vamos enterrar os mortos, depois soltar os vivos”. Dizia ainda que o político devia temer a reputação de rico, porque todos querem seu dinheiro; de conquistador, porque alarma maridos, pais e namorados; e, de valente, porque muitos o querem desafiar.

Sentiu, na carne, mais que em qualquer outro tempo, o quanto lhe pesava a reputação. A campanha de 1958, em Sobral, foi provocativa, com o objetivo claro de levá-lo à violência.

O padre Palhano de Sabóia passava, o dia inteiro, diante de seu sobrado, guiando um jipe, cheio de moças, dirigindo-lhe insultos, o menor deles “velho frouxo”, para atingir seu orgulho. Ele aparecia à janela, para responder aos

desafiantes, distribuindo "bananas" e palavrões. Exasperado, ofendido, humilhado, quis, uma tarde, correr os desafiantes a baía, no que foi contido pela filha, Olga, com o argumento decisivo:

"Papai, assim a gente perde a eleição".

De Fortaleza, veio o coronel Severino Sombra, orador violento, para agredi-lo em comício, praticamente à porta de seu terreiro. Chico foi obrigado a se controlar. Passou mal do coração que, três anos depois, o trairia mortalmente.

Algum tempo depois, quando lhe perguntaram por que não matara Sombra, saiu-se com uma estorinha que, se verdadeira, revela muito senso de humor:

"Eu tinha um compadre lá nos Patos, homem valente, de não enjeitar parada. Uma vez, num samba, um cara bêbado desrespeitou-lhe a mulher. Ele não reagiu, preferindo sair da festa. Quando lhe perguntaram por que não dera uma lição no atrevido, explicou: o cara me conhece, sabe que sou de briga, que já mandei muitos pro cemitério. Se sabendo disso, me provou é porque está doido. E com doido, não se briga".

Conquista o governo do Estado numa briga e na qual, pela primeira vez, o bispo estava do outro lado. Perde a Prefeitura que controlava desde 1947 porque o político da clientela quando cresce muito, em níveis estadual e nacional, quer ter condições físicas de atender às demandas de um cargo e não favores pessoais da clientela. Daí a derrota nas bascoas.

Foi o derradeiro triunfo de uma vida pública, marcada pelo sucesso.

Muitas vezes subi a seu sobrado onde ele recebia os eleitores na ampla sala de visita onde se enfileiravam, umas diante das outras, cadeiras de balanço. Fui a muitos de seus comi-

cios. Falei em vários deles em 1954. Eu mesmo o escolhi padrinho de crisma porque lhe admirava a bravura pessoal, a astúcia política e a simplicidade com que acolhia a matutada.

Com ele, se enterrou uma época. Uma maneira de viver e de fazer política.

CONTROVÉRSIA

“Eu não quero escrever nada sobre o passado, pois seria exumar defuntos. Deixe que eles repousem em paz, com suas grandes qualidades e seus defeitos. Enaltecê-los é obra dos seus descendentes e amigos; mostrar seus defeitos é obra mesquinha, pois quem morreu não pode se defender”. (Do ex-senador Plínio Pompeu, ao autor, a 29-9-1982).

“Não podemos reviver velhas tendências. Não podemos restaurar velhas políticas ou dar ouvidos a um tambor extinto. Estes homens, como os que a eles se opuseram. E todos aos quais se opuseram àqueles, aceitam a constituição do silêncio, e a consagram num partido único”. (Little Gidding, de T. S. Eliot).

SOBRAL DO MEU TEMPO suscitou iradas reações em Sobral, principalmente as minibiografias de Chico Monte e do padre Palhano. O ex-senador Plínio Pompeu, ressaltando ser novamente amigo dos herdeiros de Chico Monte, Olga e Parsifal Barroso, me concitou a não reviver velhas questões. O ex-senador Parsifal Barroso me enviou carta, datada de 25 de outubro de 1982, em que contesta, vigorosamente, minha visão do sogro:

“Somente agora me veio às mãos seu artigo, ‘O último dos coronéis’, publicado no *Diário do Nordeste*, de 9 p.p., numa ousada e infiel tentativa de fazer o perfil do nosso saudoso e inesquecível Chico Monte.

Em boa verdade, quis apresentar o último dos coronéis do Ceará como 'coiteiro de capangas, desordeiro contumaz e fanfarrão bêbado'.

Acolheu em suas fazendas a amigos que necessitavam de sua leal proteção, como fez a alguns cujos nomes me permito omitir.

Sua coragem física e sua valentia pessoal jamais o transformaram num 'fanfarrão bêbado', como o descreve a defender sua vida, ante o imprevisto do ataque a bala do tenente Castello Branco.

Gravemente ferido, um bêbado, não poderia se defender como ele o fez, até escapar da morte.

Ainda bem que o viu derrubar os alto-falantes da extinta UDN com seus olhos alumbrados de criança, sem estar bêbado e sem ser por fanfarronice.

O episódio do comício da LEC, em 1933, bem comprova que o admirável Chico Monte adquiria 'Voz de fama', e o fato de subir a um palanque, bastou a fazer fugir o aparteante atrevido, sem que meu saudoso sogro o perseguisse.

Informo-lhe, a bem da verdade, que o heróico Chico Monte suportou a acusação de haver morto o jornalista Deolindo Barreto por força de conveniência de família e lealdade a seu chefe de então, mas eu e Olga tivemos a graça de saber pelo nosso saudoso tio John Sanford que ele não atirara, tendo falecido Deolindo por um tiro desfechado pelo falecido farmacêutico Jones Monte, primo do nosso injustiçado Chico Monte.

Nunca vi o 'fanfarrão e bêbado' nem como 'desordeiro contumaz' que, asseguro-lhe, firmou sua chefia política graças ao conhecido destemor seu de não suportar desaforos e humilhações, pela sua desvelada lealdade aos amigos, e porque sempre se fez por si mesmo, com uma coragem física

e moral admiráveis, configurando-se como um vero indômito.

Creia-me que, somente por amor à verdade, sou levado a contestar os pontos principais do perfil que levantou do insubstituível e notável Chico Monte, cuja memória sempre defenderei, pela total admiração que sempre lhe tributei, e porque o sabia um coronel interessado somente no bem público, amante de Sobral e do seu povo, amigo leal e prestativo dos que seguiram seu forte comando político”.

O ex-senador Plínio Pompeu é outro que não deixa, sem resposta, qualquer reparo à UDN e ao sogro:

“Chico Monte era um homem destemido, mas não era um louco e nem fazia como os coronéis baianos, que a valentia era mandar matar e não matar pessoalmente.

O caso da destruição do alto-falante defronte do sobrado do Chico, foi feita numa ocasião em que só existia um rapaz da UDN, pondo discos de música e propaganda política. Chico vai até lá, sobe a escada, corta o alto-falante e joga na rua.

Avisado os responsáveis, foram imediatamente o Randal Pompeu, José Maria Alverne e João Melo, que consertaram o alto-falante e desafiaram no mais baixo calão que ele fosse lá outra vez. Chico Monte desceu a escada, chegou até a calçada onde foi agarrado pelas mulheres. Os insultos da parte dos udenistas foram grandes, até ele fechar a porta da rua. Foi um grande desprestígio em sua valentia, pois a gaita continuou a tocar com a mesma intensidade.

Não quero dizer que ele não tinha coragem, mas do outro lado também havia homens de coragem”. (21-9-1982).

Quando da inauguração do busto de Deolindo Barreto, à passagem de seu centenário, o longevo homem público me escreve novamente:

“Chagas Barreto sempre foi amigo e correligionário do Dr. Sabóia e falava, com orgulho, que iniciara sua vida como operário da fábrica de tecidos. O advogado provisionado, Ataliba Barreto, filho de Aristides e casado com uma irmã de Deolindo, foi prefeito de Sobral duas vezes: a primeira indicado pelo Dr. José Sabóia e a segunda por mim.

Agora, na inauguração do busto de Deolindo, o ex-deputado Cesário Barreto, filho de Chagas Barreto e chefe político da família, não obstante estar aqui em Sobral, não compareceu a nenhuma das solenidades, por saber dos discursos atrevidos que seriam pronunciados, fazendo referências ao Dr. Sabóia.

O mesmo acontecia com Martônio Barreto, neto de Chagas Barreto e casado com uma neta do Dr. José Sabóia e muitos outros membros da família Barreto.

Você acha que se houvesse alguma correlação do Dr. Sabóia com a morte de Deolindo, esses membros da família Barreto, seriam tão destituídos de sentimentos e continuariam amigos do Dr. José Sabóia?

Em 1924, quando morreu Deolindo, que, aliás, atirou em primeiro lugar em Vicente Bento, o Dr. José Sabóia estava no Rio, com a esposa, a chamada de seu irmão, Dr. Humberto Sabóia, que estava muito doente e que faleceu nessa ocasião. A Polícia estava do lado de Deolindo, pois isso aconteceu no governo de Justiniano de Serpa, adversário do Dr. José Sabóia.”

De Teresópolis, a 27 de fevereiro de 1984, o general Dráusio Brasil Barreto Lima me envia carta sobre seu pai, marcada pela violência verbal:

“De há muito que pretendia eu endereçar-lhe um expediente tratando de sua publicação

SOBRAL DO MEU TEMPO, onde fatos verídicos são torcidos, com o firme propósito de acobertar culpa dos verdadeiros responsáveis, como são os episódios sobre o assassinato do tenente Castello e de meu próprio pai.

Para seu governo, a relação com o Dr. José Sabóia – o Zé-pai-d'égua (como cognominou o jornalista) –, sempre foi inamistosa e o próprio Zé foi o mandante do crime, cujo um dos autores foi o seu decantado Xicomonte, verdadeiro bandido agindo impunemente a coberto da justiça dos Sabóias”.

Ele desfere ainda violentos ataques ao bispo Dom José, que deixo de reproduzir por se tratar de juízos de valor e não de fatos que interessem ao deslinde de aspectos polêmicos da história sobralense.

Diner Concert

Sesta littero-musical de despedida
offerecida em sua
residencia pelo

**Dr Genserico Aragão de
Souza Pinto**

A' SUA FAMILIA INTIMA DE

SOBRAL

em 7 de Dezembro de 1923

MENU :

Crème á la Hohenzollern.

Langue de veau au purée de pommes.

Tranches de cochon au citron.

Choux-fleur au sauce blanc.

Dindoneau á la brésilienne.

Puding—Gateau—Confitures.

Fruits divers.

Vins : Bodegas del Romeral e Collares.

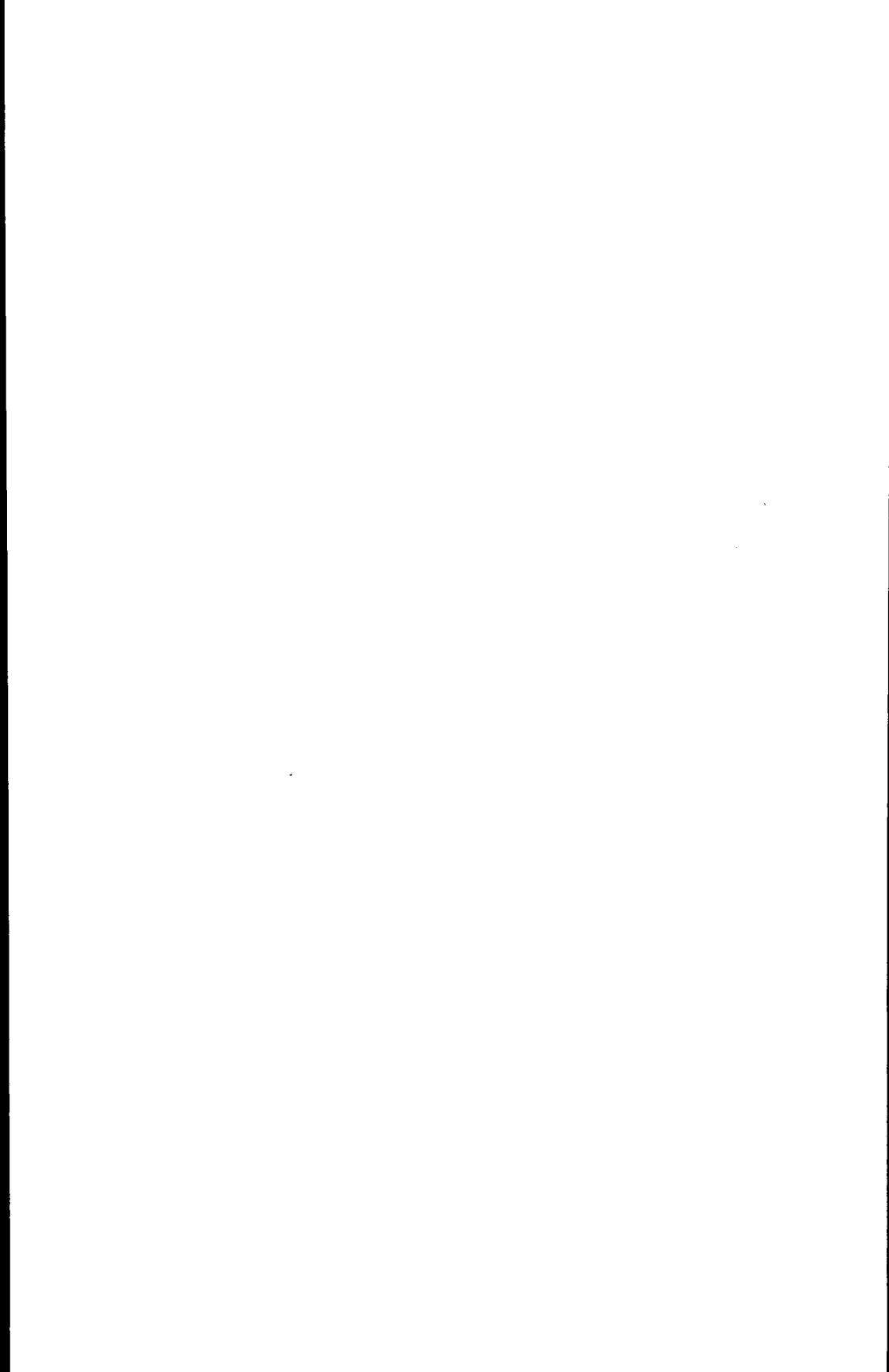
Biéie—Eau minerale.

Cafè.

Liqueur.

Cigars.





Compensando-se da inibição jornalística em suas fizes como os inimigos da Igreja ali o Sr. D. todos e aos quais deixou em paz, só atendo a que se tem mantido nos últimos meses, o Sr. D. José Tupymaná, bispo de Sobral, viu chegar, sem pela responsabilidade que me assiste por aquelas vespéras das eleições estaduais, a ocasião para manifestar a sua má vontade para com os que sustentavam a candidatura do Desembargador Faustino Albuquerque, contra a demagnificação, que, por especulação política, os seus partidários denominaram o candidato do povo católico, apelado pelo pseudônimo de Igreja, do qual, em minha opinião, é chefe virtual, e com o qual partilha, em mente e vontade o pimentalismo dominante, mandando S. Excia., que o jornal de sua propriedade se sob sua orientação e direção, abraze um feroz combate a todos aqueles que se achavam na linha de frente em defesa da candidatura Faustino, enquanto não chegava o momento de dirigir suas baterias contra o próprio Dazembargador, como depois se viu. Não pretendia revelar aos concelhos de S. Excia., pois já a considerava suficientemente pública, a decepção a que o levaram o traído caso do plano diabólico da chamada Ação Católica do Ceará, com a vitória prevista do Desembargador Faustino. Tornei-o compensando do meu lado.

66

L.A.B. S. Querque, acha S. Excia., que o meu

(Continua na 4a. pagina)

L.A.B. S querque, acha S. Excla, que com
nuas a divulgar az desarmas d's interlores

O meu anti-clericalismo

(Continuação da 1.ª página)

munho que chamaria havia de ser o de S. Excia. a quem prestei a minha assistência em dois tran-
ses difíceis de sua vida episcopal: amparei com
meus esforços e donativos, todas as obras soci-
ais em que S. Excia. se empenhou e que tanto
desvanecem S. Excia. e aos seus conterrâneos,
contribuindo, ainda, com a minha aquiescência,
para que os haveres pertencentes a uma pessoa
cara e que se achavam em minhas mãos, contri-
buíssem eficientemente para estes e para
muitos outros empreendimentos e o que
nos valiam, então, a ela e a mim próprio, muitas
diferenças. Somentes depois que S. Excia. se tor-
nou chefe político com a decantada Liga Eleito-
ral Católica e dos dez anos de governo escuro
de Menezes Pimentel, passou a ver em mim um
adversário a quem era preciso demolir, fosse co-
mo fosse, o que S. Excia. está executando religio-
samente; a culpa não é minha *si jam satis facta
liberunt*—ou se o manancial esgotado foi julga-
do indigno de seus cuidados. Mesmo assim, ain-
da hoje saem de minhas mãos as contribuições
mais avultadas de quantas são solicitadas para
obras empreendidas pelos Padres. Quanto ao a-
boar-me eu defendendo o comunismo, não sei
como, de boa fé, se pode considerar apoio a sim-
ples fato de estranhar que não fosse aplicado ao
integralismo, corja maldita, a mesma condenação
com que o comunismo fora condenado sem ne-
nhum protesto meu, por julgar os ambos inimigos
da Pátria. Admitir essa interpretação contraria à
lógica, é raciocinar como um inseto. Sei que
a referência pejorativa ao integralismo pondo o
em pé de igualdade com o comunismo, foi que
determinou contra mim o assanhamento das iras
eclesiásticas, pois que, a lembrança da ideologia
verde se acha guardada como um relicário, den-
tro do coração de muitos nazi-fascistas que só,
aguardam a oportunidade para expandi-la. Não
compreendo como S. Excia. encontre paridade
entre a atitude dos dirigentes da Ação Católica
Cearense, em relação aos candidatos e a atitude
dos patrões para com seus operários, por isto
que aqueles não têm sobre estes nenhuma ascen-
dência, pois, representam, na Igreja uma super-
fetação, o mesmo não se dando com estes outros,
que dos patrões recebem salários e assistência,
a que devem corresponder com a sua solidarie-
dade. Si, como diz S. Excia. para prescutar a
consolidação dos nossos operários, os fazemos
seguir para seções eleitorais, acompanhados de
fiscais, não é para esse fim que o fazemos, mas

para livra-los da sanha de indivíduos inescrupu-
losos, entre os quais alguns Padres, que se dedi-
cam ao papel indigno e criminoso de trocadores
de chapas. Por último, quero lastimar que as mi-
nhas pobres letras, por vezes motivo de imaginá-
rias ofensas a S. Excia. dêem lugar a tão repeti-
das manifestações de desagravo que, por sua
frequência, e sem razão de ser, já estão sendo
encaradas pelo grosso público sob o prisma do
ridículo, e não representam mais do que simples
manifestações de caráter político; ainda no ultimo
meeting teve de ser cassada, a palavra a um
orador, por sinal, comunista fchado, que ali acor-
rera, para exaltar a personalidade do candidato
de S. Excia. Os excessos oratórios, porém, no
que toca a S. Excia. não sofrem contraste, tanto
assim, que no ultimo um dos oradores chegou
ao ponto de taxar S. Excia. como sendo o maior
sobralense, já porventura, nascido e ainda por
nascer. Essa hiperbole que leva muito adiante
as previsões de Genética, nos desencanta, quan-
to ao passado, da figura do Padre Doutor Iblapi-
na, que sem ser considerado super-homem, cons-
truiu 18 casas de Caridades e outros tantos Or-
fenatos no interior de quatro Estados do Brasil,
e no futuro, abre para os casais sobralenses, a
perspectiva desoladora de ver sair, de ora avan-
te, das entranhas de suas mulheres, apenas crea-
turas abaixo de mediocre. Por hoje aqui fico,
para responder ao artigo assinado por S. Excia.
esperando ver retrada a trave, que por carida-
de, S. Excia. resolveu pespegar nos olhos meus.
Sobral, 28 de Janeiro de 1947. (a) José Sahoja
de Albuquerque.

Ginasio Sobralense

Equiparação permanente

E' o estabelecimento de ensino que
se impõe á confiança dos pais de família
pelo interesse que toma na formação mor-
tal, intelectual e física de seus alunos.

Cursos primario e seriado internato,
semi-internato e externato.

Exame de admissão a 25 de Fevereiro

[Documentos exigidos]

Certidão de idade civil

Atestado de saúde

Atestado de vacina

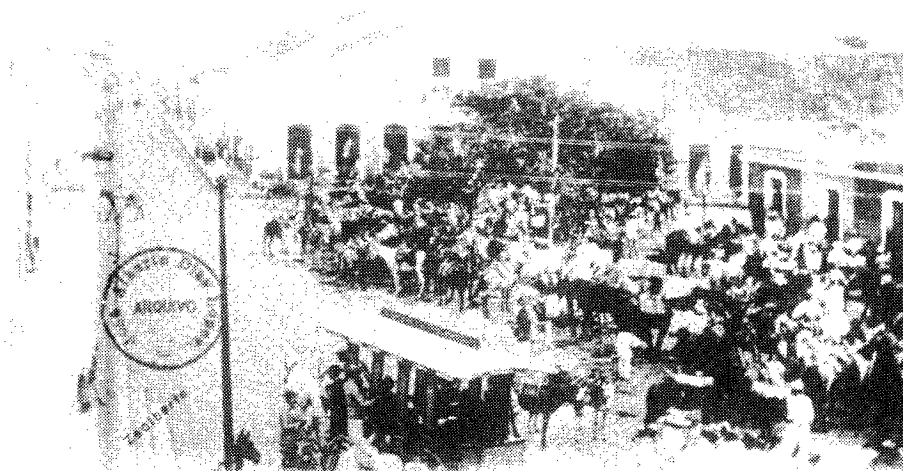
SOBRAL

CEARA

(11)



Antônio Félix Ibiapina



Praça do Mercado



Chico Monte



*Chico Monte, à esquerda, com Antônio Montalverne
e Alexandre Soares e familiares de ambos*



Chico, Maria e Olga Monte em 1926



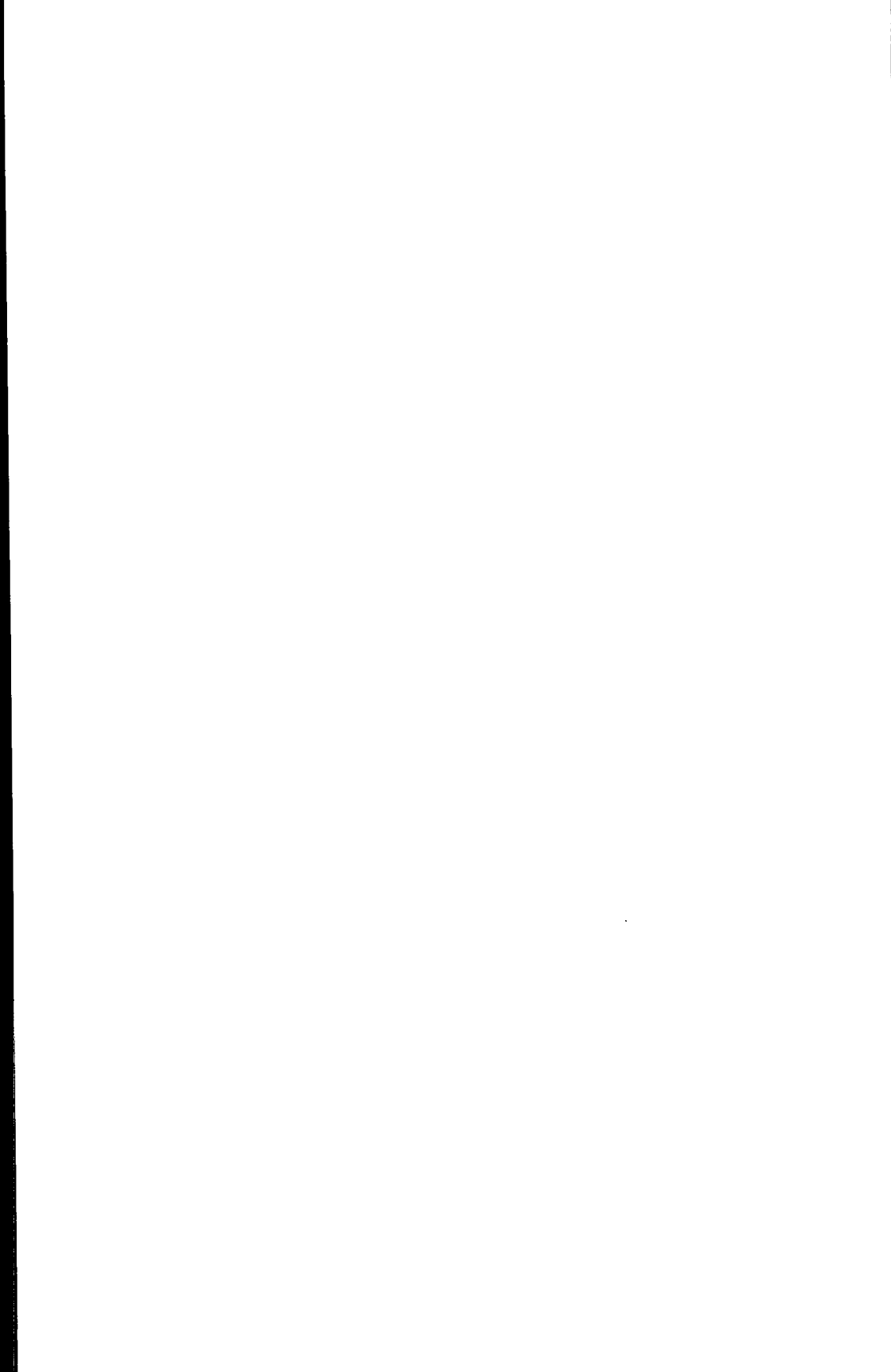
O atual prédio do Colégio Sant'Ana teve sua construção iniciada a 18-7-1836, sendo solenemente inaugurado a 30 de outubro de 1839, como residência do senador Paula que ali residiu e faleceu. A 12-12-1847, foi considerada residência do governo do Ceará na vila de Sobral por haver abrigado o presidente Alencar que ali foi atacado pelas forças do coronel Torres, durante aproximadamente dez horas. Herdado pelo Conselheiro Rodrigues Júnior, por morte deste, coube a Paula Rodrigues que o vendeu ao Bispado. Ali morou Dom José que o reformou e, posteriormente, o cedeu para o Colégio.

DEOLINDO BARRETO

*"Diga-se a verdade
na terra embora
desabem os céus;
Conte-se o caso
como o caso foi,
o cão é cão e
o boi é boi".*

Deolindo Barreto





DEOLINDO BARRETO

"Ainda há poucos dias, em plena Capital do Estado, a população em peso verificou o atentado contra os seus direitos, nas eleições municipais.

Era um escárnio. Era o povo bigodeado ostensivamente pelos instrumentos poderosos.

Aqui, era chicana, era o furto, era o conto-do-vigário.

Em Sobral, era o assalto à mão armada, eram as urnas arrebetadas.

Modalidades.

Deolindo Barreto tinha a sua bravura explorada, tinha a sua coragem estimulada contra Deus e contra os homens.

Não havia fugir nem recuar: era a seqüência do primeiro ato comprometendo a vida inteira". (Ceará Ilustrado de 22 de junho de 1924, direção de Demócrito Rocha).

"A safra dos assassinatos"

"O caso de Sobral não está conhecido em suas minúcias, mas a circunstância que salientamos veio logo a público. O assassino é um indivíduo que matara, no ano passado, um tenente da força pública estadual, delegado naquela mesma cidade. Matou e escapou aos castigos da Justiça. Impune, imolou outra vítima certo de que nada lhe acontecerá". (Correio da Manhã, do Rio, 17-6-1924).

"Há vidas que são como avalanches: congregam em si tais manifestações de idéias e conceitos que, superiores ao meio em que se agitam, as arrastam violentamente à ruína e à morte.

“Espírito inteligente, produto de si mesmo, suprimindo com uma assombrosa faculdade de intuição, o que uma limitada cultura não podia dar, Deolindo Barreto era um desses homens em que as idéias e os princípios se chocaram com a restrição do meio ambiente.

“Organização combativa, não recuando ante inimigos poderosos, senhores da situação, caiu, afinal, quando ia cumprir um dever elementar de cidadão, numa das mais cultas cidades do Interior do Estado.

“Seja talvez, que a ação dos homens jamais corresponda a seus princípios, que, nascidos na psiquê, não encontram na matéria bruta elementos capazes de executá-los; seja como for, o crime de 15 do corrente, que teve seu epílogo fatal, com a morte, quarta-feira às 3 horas da madrugada, de um dos maiores jornalistas do Interior do Estado, – é um desses crimes em que a mão assassina foi guiada por um desencadear de paixões vis, geradas pela intolerância política, pela ignorância; pela selvageria de nossos costumes; pela impunidade dos maus e pela consagração de seus atos criminosos.

“Exaltados por vezes, nem sempre se guiando por uma cordata apreciação dos homens e dos fatos, apaixonando-se continuamente, na defesa dos interesses de seu partido político, Deolindo Barreto, há três lustros, vinha participando ativamente de todas as manifestações da opinião pública, em Sobral. Jamais, entretanto, usou de outro processo que de sua pena para combater ou ferir o adversário”. (Correio do Ceará de 21-6-1924, dirigido por A. C. Mendes).

Forasteiro, porque nascido em Crateús, de família pobre pois a mãe, a irmã e a mulher foram tecelãs da fábrica

de tecidos do pai do doutor José Sabóia, analfabeto de vez que a Universidade que cursara foram as oficinas de *A Província do Pará*, Deolindo Barreto decide morar em Sobral, na primeira década do século ao retornar de malograda aventura na Amazônia.

Percebe, porém, que seu destino não é enriquecer e engordar, imprimindo rótulos de bebidas, cartões de visita ou convites de casamento. Rapidamente se vincula aos democratas da cidade que combatem a oligarquia do comendador Nogueira Accioly. É dos que mais vibram quando revolução popular a derruba a 21 de janeiro de 1912 e consagra presidente do Estado o coronel Marcos Franco Rabelo.

Começa a editar jornalzinho de formato diminuto, *A Mão Negra*, sob os pseudônimos de Zoroastro, Cangica e Jandaíra.

Sem ver nem pra quê, apenas por impulso de temperamento arrebatado, mete sua colher de pau na briga dos brancos, o confronto de dois rivais, o vigário José Tupinambá da Frota e o juiz José Sabóia. Eles já haviam rompido, e rompido feio, por conta do controle da irmandade de Nossa Senhora da Conceição. Divergem, agora, em torno de loteria, instituída pelo primeiro, em benefício de obras da construção da Santa Casa de Misericórdia. Por causa de artigo ainda cauteloso “Iniquidade”, em favor do sacerdote, é logo despejado da casa em que mora, de propriedade do juiz.

* * *

O que é bom no Ceará dura pouco. O governo de Franco Rabelo, apoiado fervorosamente pela sociedade, é deposto pela contra-revolução do Cariri que reúne beatos e cangaceiros, abençoados pelo padre Cícero Romão Batista, o patriarca de Juazeiro, e liderada por José de Borba Vasconcelos e pelo médico baiano Floro Bartolomeu. Gostosamente, o presidente Hermes da Fonseca, títere nas mãos de Pinheiro Machado cuja candidatura ao Palácio do Catete Rabelo se recusara a

apoiar, nomeia interventor do Estado, a 15 de fevereiro de 1914, o general Setembrino Carvalho.

Os ódios acumulados contra os rabelistas explodem na cidade. Vicente Loyola, de *O REBATE*, para evitar novas agressões físicas, se refugia na Fazenda Tamanduá. Deolindo fica em Sobral, talvez por não suspeitar que já suscita iradas reações dos conservadores. Grupo de 40 a 50 deles, liderados pelo jovem Chico Monte, vai à sua casa a fim de puni-lo por suas ousadias e provavelmente destruir-lhe a tipografia.

Deolindo está só. E é só que vem à porta, a mão no bolso, onde há um objeto volumoso. Aos gritos, começa:

“O primeiro que entrar vira bagaço porque estouro essa granada nos peitos”.

Os manifestantes enfurecidos saem em busca de alvos menos arriscados, lembrados de atentados recentes, em Fortaleza, contra o general Thomaz Cavalcante e o deputado Gentil Falcão.

De madrugada, dois integrantes do grupo, Amadeu Monte, irmão de Chico e Carlos Rocha, de *A PÁTRIA*, voltam. Fuzilam metodicamente a porta do jornalista a tiros de rifle sem que ninguém intervenha. A tensão é tal que dona Mariinha aborta, perdendo o filho.

A PRISÃO

Ninguém consegue intimidar o jornalista. Os marretas recorrem então à autoridade. A Polícia o intima a suspender a publicação de *A MÃO NEGRA*. Ele atende, bem a seu jeito. Na semana seguinte, o que publica é *A MÃO BRANCA*. Não dá outra. Imediatamente é preso por ordem do juiz. Desfila, meio-dia em ponto, sol a pino, de casa até o alto da cadeia, pelas ruas da cidade, guardado por sete praças embaladas.

A acusação é “linguagem imoral e ataques ao presidente da República”. Somente vai libertado, tarde da noite. O dele-

gado, desafortadamente, diz que o solta, atendendo a pedidos do irmão, Chagas e do cunhado, Ataliba, não por causa de *habeas corpus*, impetrado a seu favor pelos amigos democratas.

A LUCTA

A primeiro de maio de 1914, o Ceará está sob intervenção federal e estado de sítio, quando Deolindo lança *A Lucta*.

Tem consciência de “sua temeridade em vir doutrinar em um meio onde a politicagem, os preconceitos, as susceptibilidades não admitem a reparação sensata da Imprensa” e promete “profligar as opressões, os abusos e as violências”.

Para sacar o espírito da coisa, basta atentar para os desafios contidos nas epígrafes, ao lado do título do jornal:

“Diga-se a verdade na terra embora desabem os céus”; e

“Conte-se o caso como o caso foi, o cão é cão e o boi é boi”.

Noutro editorial da primeira edição, promete:

“Não nos intimidarão os arreganhos dos potentados, nem as ameaças dos tiranetes improvisados de um dia – quase sempre representados por tipos desclassificados e portanto sem responsabilidades políticas”.

O primeiro número do jornal traz artigo do promotor João Barbosa de Paula Pessoa, filho do senador Vicente Alves de Paula Pessoa e de sua segunda mulher, Ana Barbosa de Paula Pessoa, da aristocracia da terra, líder democrata que morreria, no dia seguinte, de humilhações políticas.

Pelo que se vê, era briga e muita briga que ia enfrentar até o fim.

É recebido debaixo de pau por *A Pátria*, jornal conservador e sob receios ostensivos do *Nortista*, de Craveiro Fi-

lho, cujas oficinas haviam sido adquiridas, graças a financiamento de Vicente Sabóia. E de *O Rebate*, de outro temerário, Vicente Loyola, que já voltara ao batente.

A cidade era toda paixão.

No fim do ano grupos conservadores exaltados desfeiteiam Dondon Ponte, no Hotel do Norte e outros rabelistas que freqüentam o Café Chic. Com o mesmo intuito, vão depois até a redação de *A Lucta* e casa de seu diretor. Não encontram ninguém porque Deolindo, imitando os ricos, veraneia na Serra da Meruoca, mais precisamente na Mata Fresca.

A AMEAÇA

O ano não termina sem que Deolindo volte à cadeia.

A desenvoltura com que ataca o interventor Setembrino de Carvalho, é a mesma com que combate o governo do coronel Benjamim Barroso. Em fevereiro de 1915, recebe intimação para comparecer à delegacia de Polícia. O capitão Espinheiro lhe bota a faca nos peitos:

“Ou modifica a linguagem contra o presidente do Estado ou já viu...”.

Não se rende. Impetra e obtém *habeas corpus* junto ao Tribunal de Justiça. O advogado é Augusto Correia Lima. Vai em frente, mandando sua brasa, sem medir conseqüências.

1914

Naquele ano, a cidade tem duas orquestras e dança freneticamente nos salões do Clube dos Democratas e do Grêmio Recreativo que edita seus jornaizinhos, o primeiro anunciando os filmes que seriam exibidos em sua sala de cinema. Compra sapatos em “A Libertadora” de Eustáquio Cavalcante. Sapatos, tecidos e miudezas na loja “Gato Preto” de José Parente, na Rua do Menino Jesus, canto da

Travessa Alcântara. Tecidos na “Casa Paulista” de Artur Lundgren que depois se chamariam “As Pernambucanas”. Roupas na “Casa Viana” ou na “Alfaiataria Dias”, esta de Raimundo Nonato Dias Gomes.

Não há coisa que os ricos, condoídos da sorte dos miseráveis, não façam a seu favor. Promovem concertos musicais, saraus, levam peças de teatro no São João, tudo somente pelo amor da beneficência. Quando a seca chega, criam logo a Liga Feminina Pró-Flagelados.

Fala-se mal da vida alheia, na Casa Smart, de Everardo Porto, aonde se vai de bonde, puxado a burro. No Hotel do Norte, de Dondon Ponte ou no Café Chic, de Francisco Plutarco Rodrigues Lima. A fofoca nacional é o pretenso divórcio do Dudu que era nada mais e nada menos que o presidente Hermes da Fonseca, recém-casado com Nair de Teffé, caricaturista, muito mais moça que ele.

Quando faz calor, sobem a serra, a cavalo, em redes conduzidas por empregados, em carros de boi.

Quando vão ao Ipu, hospedam-se no “Rendez vous des amis”. Quando o vapor vindo de Belém, Recife ou Fortaleza os deixa no porto de Camocim, dão uma passadinha nas populares mercearias “A Humanitária” e “Cruz Vermelha”, de Souza Irmão & Cia. Quem não se abasteceu na Capital pode comprar, ali, honrado champanhe, conhaque francês, cerveja inglesa, vermute italiano, vinhos frescos. Por falta do supérfluo, ninguém morre de fome. Porque bem mais próxima está ainda a Merceria Andrade, de José Frederico Andrade, em Massapé. Pode-se adquirir ali pêra americana, chá Lipton, salmão, peixe português, sardinha e feijão verde em lata, champanhe Moët et Chandon, vinho verde, lagosta, uísque Crabbie, conhaque Le Prouc e Macieira, vinho do Porto, Lágrima do Douro, Carnaval e Rocha Leão.

Paga-se, à época, por um terno de casimira preta, 65 mil réis, um fraque preto, 80 mil réis, sobrecasaca, 90 mil réis, o terno de casimira de cor para desfilar naquele calorão e naquela poeira, sai por 50 mil réis.

A carne verde custa 600 réis o quilo. A galinha, mil réis. O litro de farinha, 240 réis. O feijão de arrancar, 360 réis. De corda 300. A cachaça, 600 réis.

PIQUENIQUE NA SERRA

Desferindo golpes semanais contra a oligarquia sobralense, Deolindo não parece se dar conta do ódio que desencadeia, das inimizades que semeia.

Porta-se de maneira tão descuidada que avisa, através do seu jornal, o que vai fazer no próximo fim de semana. Subiria a Serra da Meruoca, a Petrópolis sobralense, onde os ricos tinham casas de veraneio. Iria assistir ao novenário de São Francisco na capela da Palestina, conduzido por seu amigo, padre Leopoldo Fernandes. Dia seguinte, haveria, mais uma vez, de encarar os gordos pirões do sofisticado Alberto Amaral, na Tijuca.

É o que anuncia, a 29 de setembro de 1915, ano de seca que inspirou a Rachel de Queiroz *O QUINZE*:

“Se encontrar um imbecil que, nestes tempos ressequidos, me empreste um cavalo, lá mandaremos o nosso representante com o estômago reforçado e uma dentadura afiada, capaz de fazer figura nos anais da gastronomia”.

Não seria fácil, porém, a noite que antecederia ao regabofe nem se prestaria a tais brincadeiras.

A PROVOCAÇÃO

Durante a novena, no recinto da própria capela, começa a desfeita ao jornalista, de parte de um conservador, José Silvestre Gomes Coelho, perturbando a novena e o sermão do padre Leopoldo Fernandes. A turma do deixa-disso entra em ação.

Quinze minutos depois, Deolindo está na pracinha, diante da capela, posto em sossego quando o ataque vem de

novo, e, agora, duplicado. Silvestre torna a atacá-lo de Mauser em punho, na companhia de Chico Monte, este empunhando o punhal, já famoso em toda a região.

O jeito é correr para escapar com vida. Um estampido e uma bala sibila sobre sua cabeça. Deolindo pula rápido a cerca de vara e se esconde detrás de velho cajueiro ressequido, rasgando a calça nova de casimira inglesa, de ir aos saraus do Clube dos Democratas. Suja de poeira os sapatos Douglas, podres de chique e o chapéu-de-chile, comprado para a ocasião.

Daí somente sai, cheio de carrapichos nas pernas da calça, suado, amarrotado, para a TIJUCA.

Logo depois, chega o dono da casa, Alberto Amaral, esbaforido, sem fôlego, contando que, ao tentar acalmar Chico Monte, ele que é homem de paz, amigo de todo o mundo, não ofende nem a comida que come, vive pro seu negócio e pros amigos, foi agredido. Três vezes, Chico – que supunha seu amigo – brandiu a faca contra ele. Não o matou porque correu.

No pátio da capela da Palestina, Chico Monte e José Silvestre pouco estão ligando para a suspensão da festa, decretada pelo padre Leopoldo e até do leilão, em benefício das obras da capela. Muito pelo contrário. Prosseguindo no desafio, vão até a banda de música. À base dos irresistíveis argumentos da Mauser e do punhal, convencem os cinco músicos apavorados a tocar o Hino Nacional. Querem comemorar condignamente suas estrepulias.

O ALMOÇO

Felizmente o almoço no domingo, a 26 de setembro de 1915 depois da missa celebrada, em paz, pelo amigo e compadre Leopoldo, é como o esperado. Compensa a todos os sustos da véspera.

Começa às 10 e se estende até às 14 horas, com direito a acalorados brindes do juiz Clodoveu Arruda e do dou-

tor Galdino Gondim, colaborador de *A Lucta*. O fotógrafo A. Ypirajá tudo registra, para a posteridade. São 26 cavalheiros à mesa, entre eles muitos que se converteriam, no futuro, em algozes do jornalista.

Vejamos, antes disso, porém, segundo caprichoso convite impresso e posterior relato de *A Lucta* de 29 de setembro de 1915, como a aristocracia sobralense se trata naquele ano de trágica estiagem:

Entrée – Panelada à brasileira, galinha ao molho pardo, idem assada. Lombo à portuguesa, fritada de legumes – leitão de forno, peru à francesa, lingüiça à cearense.

Frios – Costeletas de carneiro, idem de leitão, pastéis de carne, macarrão à italiana, arroz, ervilha, azeitonas, saladas, etc.

Sobremesa – Frutas diversas, pudins variados, creme, doces de leite, abacaxi, ovos, queijo, cerveja, vinhos diversos, café, etc.

Tomam assento à mesa, posta em forma de U, os seguintes cavalheiros: coronel Emílio Gomes Parente, Dr. Clodoveu de Arruda, Dr. Galdino Catunda Gondin, major José Inácio Gomes Parente, Dr. José Plutarco R. de Lima, de *A Época*, padres Leopoldo Pinheiro e Fortunato Alves Linhares, advogado Chagas Araújo, Drs. Francisco Amaral e Antônio Regino do Amaral, Henrique Amaral, Edson Duarte, Everardo Porto, coronel José Tomaz do Monte e Silva José Vasconcelos, José Amaral, José de Xerez Parente, Cícero Pinheiro, Enéas Mendes, Wagner Donizzetti, Lucas Albuquerque, Huet Arruda e A. Ypirajá.

O ALVO

Em 1915, Deolindo Barreto denuncia as famílias que, há décadas, dominam a política local:

“Prefeito municipal, coronel Frederico Gomes Parente. Presidente de uma das câmaras municipais e deputado a uma das assembléias estaduais,

coronel Emílio Gomes Parente, seu irmão. Uma irmã agente do Correio; coletor estadual o coronel José Silvestre Gomes Coelho, seu primo; escrivão da Coletoria, José Plutarco Rodrigues Lima, seu parente; suplente do juiz seccional e procurador da Câmara Júlio Parente, seu primo legítimo; 1º suplente do delegado Diogo Ribeiro Filho, seu sobrinho legítimo; escrivão do geral Francisco Gomes, seu parente; Tabelião de notas Idelfonso Cavalcante, seu primo; oficial do registro civil, Emílio Camilo Linhares, seu parente “longe”; 1º suplente do juiz substituto César Ferreira Gomes, seu sobrinho legítimo; 2º dito, coronel Francisco Alves Parente, seu primo”.

Em 1986, quando da primeira edição deste livro, o quadro pouco muda. O prefeito é seu sobrinho Joaquim Barreto Lima, eleito, pela segunda vez, pelo voto direto. São candidatos a deputados estaduais, mais votados na cidade, Ciro Ferreira Gomes, filho do ex-prefeito José Euclides Ferreira Gomes, casado com Patrícia, neta do senador Plínio Pompeu, bisneta de José Sabóia, José Parente Prado, filho do ex-prefeito Jerônimo Prado e César Pierre Barreto, filho do ex-prefeito Cesário Barreto, neto de seu irmão Chagas Barreto.

A GRANDE SEPARAÇÃO

“Como católicos que somos, preferimos o candidato ao outro viesse ele por intermédio de quem fosse, prejudicasse embora os interesses de nossa família, queremos dizer, os interesses do partido político a que pertencem os de nossa família. E aplaudimos a candidatura Belisário. Que mal vai nisso, se o jornal não se peja de ser católico e coloca os interesses religiosos acima dos interesses políticos? Incidentemente, acontece que Belisário tinha um parente na redação deste

jornal, mas, se o parente do redator fosse outro, o *Correio* como católico, não devia se ter esforçado por sua eleição?" (D. José in *Correio da Semana*, 20-8-1921).

"À proporção que, por alguns dos seus representantes de mérito, éramos (o bispo e o clero) enxotados, delicadamente, dos arraiais democratas – onde militavam os nossos irmãos e parentes –, encontrávamos, do outro lado, os simpáticos cumprimentos, as honrosas deferências, os francos e generosos acolhimentos, os espontâneos favores, as palestras amistosas, as atenções e o respeito desta outra gente, também vitimada pelos desaforos e baixos achincalhames d'“*A Lucta*”.

“... E, sem reforço, tornamo-nos (o clero e o partido marreta) senão amigos políticos, amigos particulares e companheiros de sofrimentos”. (Padre Joaquim Severiano in *Correio da Semana*, de 11-11-1922).

É final do ano de 1919, de seca cruel. Pela primeira vez na República as cúpulas políticas cearenses não se entendem na divisão do butim e vão à luta. Disputa-se, de fato, o governo do Ceará porque em 1904, lançou-se o anticandidato, general Vicente Piragibe que nem sequer veio ao Ceará nem disse se aceitava sua candidatura, em tentativa desesperada de barrar a volta de Nogueira Accioly.

O presidente João Tomé de Sabóia afastara-se dos conservadores e com os democratas, apoiava Justiniano de Serpa, velho líder abolicionista, jornalista e poeta, que fizera carreira na Amazônia e era deputado federal pelo Pará. Era ainda maçom, algo que, na época, equivaleria à pecha de comunista e se prestava, também à baixa exploração política.

Do lado de lá, o general Tomaz Cavalcante, também maçom, para facilitar as coisas, passa a presidência do Par-

tido Republicano Conservador Cearense ao senador Benjamim Barroso, a fim de viabilizar a candidatura “católica” de Belisário Távora.

Em Sobral, a família Sabóia, que se distanciara politicamente de João Tomé, desde que José Sabóia pedira demissão da Secretaria do Interior, por discordar da nomeação do engenheiro Rubem Monte para a Prefeitura de Fortaleza, fica com Távora. A candidatura católica é o pretexto para a conciliação com o bispo, Dom José. O diretor do *Correio da Semana*, padre Leopoldo Fernandes comanda, em Sobral, a campanha do tio Belisário, contra a besta-fera, o Satanás, o pedreiro-livre, Serpa. E é natural que procure, em primeiro lugar, o compadre e amigo, Deolindo, dono do influente jornal *A Lucta*:

“Deolindo, a candidatura Belisário marcha em caminho de vitória e você que é parente dele, não tem compromisso partidário e nada tem ganho na política, deve apoiá-lo”.

Muito ligado aos rabelistas, o jornalista recusa. Trava-se pequena discussão entre os dois amigos. O padre põe o chapéu e se retira furioso. Para nunca mais voltar. Ia começar a guerra.

Enquanto a maioria dos padres da Capital, em sintonia com a opinião pública, se batia abertamente pela candidatura de Justiniano de Serpa, que recebia inclusive a visita do Arcebispo, Dom Manuel, Deus era marreta e tavorista em Sobral. Todo o clero foi mobilizado a favor do candidato católico contra o maçom. O adversário político se converte automaticamente em inimigo da fé. É a diabolização do outro. É essa a base da campanha do *Correio da Semana*, jornal da Diocese, e de *A Ordem*, de Ernesto Marinho de Andrade, sobrinho de José Sabóia e futuro prefeito de Sobral no governo Moreira da Rocha. *A Lucta*, acusada de receber dinheiro da Mesa de Renda Estadual de Camocim para apoiar Serpa, forma, ativa e solidária, com o maçom, candidato de seu partido.

Vale a pena ler um editorial de *A Ordem*, provavelmente escrito por José Sabóia, para que se tenha idéia da exploração da religiosidade dos sobralenses. Ele condena “o coito maligno da impiedade com a violência, de onde haveriam de proliferar, às centenas, os filhos espúrios da corrupção e do suborno, a bastarda descendência do terror e da anarquia, tudo envolvendo no lúgubre e triste sudário do crime e da imoralidade”. Seria mesmo um horror, não fossem os notórios exageros do facciosismo político.

Parece que o bispo, os padres, os marretas sobralenses se esqueceram de avisar a Deus quem era seu candidato à presidência do Ceará. Por isso mesmo, Justiniano de Serpa é o vitorioso nas urnas de abril de 1920.

A aspereza da apaixonada campanha separa, definitivamente, Deolindo de Dom José e do clero, e está na raiz do confronto mortal que travarão, a seguir.

TEMPO DE FESTAS

Deolindo Barreto, o forasteiro atrevido e semi-analfabeto, depois de declarar guerra aberta aos juízes e se recusar a acompanhar o bispo na campanha eleitoral, apesar de expressamente convocado, é agora personalidade importante da terra. Discursa nas festas de comemoração da posse de Serpa e é nomeado secretário da Prefeitura com 2.160 mil réis por ano, emprego que não era mal, se se tem em vista que o quilo de carne custa 2 mil réis, o litro de leite \$600 réis, o de farinha \$500 réis e um ovo, \$160 réis. Tem prestígio. No animado Carnaval do Clube dos Democratas daquele ano, a senhorita Maria Juraci da Ponte, fantasiada de Imprensa, homenageia o seu jornal, *A Lucta*.

Com *sense of humour*, Deolindo assim se descreve nessa fase boa da vida, com “roupa de linho branco H.J de 14 mil réis o metro, comprado no José Euclides Albuquerque, presente da Dondon Ponte, confeccionado pelo José Nelson na Alfaiataria do Doca por 20 mil réis, engomada por

Deolindo por dois mil réis. Não revela quem lhe dera o chapéu Chile. Diz o preço dos sapatos que lhe saíram por 25 mil réis e das meias por 5, adquiridos na Casa Estrela, de José Mendes Vasconcelos. A gravata, que não estava combinando com o terno, saiu por 8 a 10 mil réis e foi presente da mulher”.

TEMPO DE FUTEBOL

Há uma febre de futebol em toda a zona norte. Trezentos sobralenses, inclusive os músicos da Euterpe, vão de trem a Ipu, para assistir ao jogo com o time da cidade. Sabem os leitores como se chama o hotel em cujos salões são homenageados com almoço? *Rendez vous des amis*. Deolindo representa *A Lucta*, Craveiro Filho é o enviado de *A Ordem e Correio da Semana*, o que tinha certa lógica, unidos na política, juntos no esporte. Retornam da expedição, de coco inchado, em face da derrota do time sobralense.

AS TENAZES APERTAM

Embora saiba e escreva que, apesar de estar de cima, pode ser assassinado a qualquer momento, Deolindo não percebe que se arma contra ele cilada a fim de o deixar nu perante a opinião pública e pintá-lo como ateu, maçom, blasfemo, pornográfico, a fim de facilitar sua liquidação física.

Virulento boletim nesse sentido, atingindo sua vida particular e do prefeito Henrique Rodrigues de Albuquerque, é espalhado na cidade por Euclides César que, em curta temporada sobralense, se fizera amigo e parceiro de Deolindo na apresentação de peças teatrais no São João, colaborador de *A Lucta* e, de repente, inimigo mortal. Sobral se espanta com a virulência do ataque. Corre abaixo-assinado contra o *Correio da Semana*, por justificar o agravo.

Os padres, porém, recuam, percebendo que ainda não é por aí que vão destruir o inimigo. Apontam-no como imo-

ral. Seu ex-amigo, Eurico Magalhães, vigário da Sé, passa a acusar como pornográficas as ingênuas crônicas sertanejas, assinadas com o pseudônimo de Bastião Pedreiro e as do Conselheiro XX, de Humberto de Campos, publicadas por *A Lucta*.

O clero voa ainda em cima do livrinho de crônicas VIDA ALHEIA, de Deolindo, prefaciado por Antônio Drumond, que seria assassinado como diretor da *Gazeta de Notícias*, em Fortaleza, na boquinha da Revolução de 1930, alvo das mesmas acusações.

Os padres Leopoldo, Joaquim Severiano e Eurico Magalhães representam formalmente Deolindo junto aos dirigentes do Partido Democrata, procurando separá-los. O primeiro, na casa dos amigos, garante que o jornalista será excomungado. E não pára de trabalhar por isso.

Deolindo reage com quatro pedras na mão:

“O cretino de dedo curto, a mão calosa e a consciência elástica, disse numa casa de família que se os nossos inimigos não conseguissem nos vencer por outros meios, arranjaría, com o Exm^o. Sr. Bispo, uma excomunhão que nos aniquilaria. Tu és tolo politiqueiro de uma figa!?”

Os padres Leopoldo, Joaquim Severiano e Eurico Magalhães, por enquanto, recorrem a outros meios. Ameaçam processá-lo, sob o pretexto de que difamara o Arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes. Terminam, desistindo por falta de qualquer base.

Finda o ano de 1921, não, todavia, a terrível polêmica. Numa das últimas edições de *A Lucta*, diz Deolindo:

“Um dos padres daqui que conosco se inimizaram porque tivemos o mau gosto de nos opor a que o senhor Belisário Távora fosse presidente do Estado, volta, sábado último, pelas colunas do jornal do padre Leopoldo, a ferir a velha e gasta tecla da excomunhão de *A Lucta* – do que tem feito a sua

Delenga Carthago –, simplesmente porque esta, impulsionada pelo amor à segunda parte do Decálogo Cristão, ousou, com o desassombro que a caracteriza, pleitear um benefício para a humanidade”.

Ele se refere ao apelo feito em vão para que o clero exigisse certidão de registro de casamento civil, antes do batismo e do casamento.

Desafia os padres que, surdamente, trabalham junto ao bispo, pela exemplar punição do adversário político:

“Se efetivamente somos passivos de excomunhão, nos excomunguem, pois não queremos viver de favores nem da Igreja, nem do Estado e deixem-se de ameaças que não nos atemorizam, mas pelo amor de Deus, tenham a mesma altivez, não usem e abusem dos favores do Estado, para transgredir, a toda hora, as suas leis”. (24-12-1922).

A eleição para presidente do Estado, vencida pelos democratas, pouco muda em Sobral. Sob o pulso firme dos dois juízes, os conservadores continuam a mandar. Logo no mês seguinte, fazem maioria na Câmara Municipal que, agora entre seus integrantes, tem Chico Monte.

O GRANDE DESAFIO

O quadro político se torna intolerável para os conservadores. Debaixo, perante o governo estadual e a Prefeitura Municipal, viam crescer o Partido Democrata, sob a liderança de Deolindo Barreto, de *A Lucta* e de uma mulher, Dondon Ponte, dona do Hotel do Norte, ambos sem papas na língua.

O temerário forasteiro ousa desafiar as ordens do próprio bispo na campanha para presidente do Estado e, todos

os dias, procura tocar fogo na aliança que se costura, por baixo do pano, entre Dom José e seus antigos adversários, José Sabóia e José Clodoveu de Arruda Coelho.

Cabe ao punhal de Chico Monte executar o lance ousado da oligarquia sobralense: desafiar o poder estadual e dobrá-lo.

O tenente Antônio Castello Branco chega a Sobral como delegado especial, segundo os conservadores, por influência da proprietária do Hotel do Norte para conter o velho inimigo de Deolindo Barreto que, no Natal anterior, do Bar Itatiaya, sempre com seu famoso punhal disponível, escoraçara o jornalista que ali sorvia tranqüilamente sua cerveja:

“Chegou o galo velho...”.

O oficial, que vem com fama de haver botado cangaceiro pra correr em Brejo do Santo, é esfaqueado, exatamente dois dias depois de sua nomeação, em plena luz do Sol, na Praça do Mercado, a mais movimentada da cidade, para deixar claro, na Capital, os limites do poder do governo do Estado. Mais que depressa, Chico Monte é absolvido pela Justiça de Sobral, o que, é logo confirmado pelo Tribunal de Justiça, para alegria ostensiva e ruidosa de *A Ordem e Correio da Semana*.

Deolindo acusa o golpe. Tem certeza de que será o próximo. Seus ataques se tornam mais rudes a cada edição. Agora, não tem mais quaisquer limites. Revivendo acusação de Vicente Loyola, passa a falar, em seu jornal, da zoofilia de um dos adversários. E, todo o santo dia incomoda os padres, acusando-os de cumplicidade com o homicídio de Castello Branco.

A GRANDE CILADA

“A vantagem que procuramos para a nossa religião, no prestígio político-social dos seus bispos, não se refere só ao bem-estar desta ou da-

quela Diocese e nem só do Ceará”. (*Correio da Semana* de 1º-7-1922).

“Para que divulgar pela Imprensa aquilo que, de tão baixo, e, vil, apenas chegaria a circular nas ruas desta cidade, e onde deveria morrer pela honra do renome de Sobral? Porém, Exmº. Sr. Bispo, duas razões ponderosas justificaram este nosso alvoroço de piedade cristã: a primeira é a cotação do blasfemador, no meio em que vive – prodígio cuja fonte não vem ao caso indagar”. (Discurso do padre Joaquim Severiano, na Igreja da Sé, dia 27-9-1922, para protestar contra Deolindo Barreto).

“Puseram-se então a observá-lo e mandaram espiões que se disfarçassem em homens de bem, para armar-lhe ciladas e surpreendê-lo no que dizia, a fim de o entregarem à autoridade e ao poder do governador”. (Lucas, 20).

O sumo sacerdote rasgou então suas vestes: “Para que desejamos ainda testemunhas? Ouvistes a blasfêmia? Que vos parece? E unanimemente o julgaram merecedor da morte”. (Marcos, 14, 63, 54).

“Reuniram-se então os fariseus para deliberar entre si sobre a maneira de surpreender Jesus nas suas próprias palavras”. (Mateus, 20,15).

Deolindo Barreto torna-se cada vez mais influente em Sobral e em toda a zona norte. É orador oficial da solenidade de arriamento da Bandeira Nacional, nas festas do centenário da Independência. Ninguém o desaloja do pingue emprego na Prefeitura. Seu jornal, agora bissemanário, é muito lido na cidade e em toda a zona norte. Nem mesmo a morte de Castello Branco lhe vale como advertência. Continua a malhar os padres. Jamais alguém ousou desafiar os poderes do céu, com tanta desenvoltura.

Os padres pressionam Dom José por punição enérgica. Ele hesita.

Surge, então, a montagem da blasfêmia. Toma-se uma velha piada, dita em roda de amigos que, em passado recente, tanto divertia os padres Leopoldo Fernandes e Joaquim Severiano, leva-se aos jornais com falsa compunção e empostada revolta, para levantar a comunidade católica contra o inimigo e, principalmente, para levar o bispo a agir.

Foi o que aconteceu. Na reaproximação de Dom José com o juiz, alguém deu a idéia de colocar no Tribunal do Júri a imagem de Jesus crucificado, por ocasião das festas do centenário da Independência. Caprichada procissão que reúne mais de oito mil pessoas, leva a imagem até o local onde é aposta.

A essa altura do campeonato, Deolindo, que não frequenta a Igreja, está no Hotel do Norte, lendo os jornais da terra e de Fortaleza. Ao saber que a imagem fora entregue por Dom José a José Sabóia, comenta rudemente:

“Passou das mãos de um bandido para as de outro...”.

Ante o riso de Dondon e dos hóspedes presentes, reincede em velhíssima piada:

“Vai responder pelo crime de defloramento de Maria Madalena...”.

Tudo podia terminar ali. Ocorre que onze dias depois, os padres descobrem que podem tirar proveito *da boutade* de mau gosto. Alguém deve armar escândalo em torno dela. Tem de ser o proveito monsenhor Lyra Pessoa. O padre Leopoldo não serve para a empreitada, por muito queimado, pela ostensiva paixão política.

Pessoa faz a denúncia. Os padres e os marretas logo tecem a maior exploração em torno da blasfêmia. Decidem promover reunião de desagravo a Jesus, na Catedral da Sé, presidida pelo bispo. Depois, outra ao próprio Dom José em frente ao Palácio Diocesano. Na primeira, o padre Joaquim Severiano se dirige ao bispo, cheio de explicações, tão difícil era sua postura de promotor:

“Reservei, para mim, sob a minha responsabilidade, lavrar aqui este protesto contra a ignominiosa blasfêmia, para que não se encontre aqui nessa viva expressão de todo o meu horror, atribuindo-se a tão malsinada política do *Correio*”.

A estória, mal contada, exige remendos e explicações no próprio sermão em que o padre Severiano, na Sé, levanta queixa junto ao bispo contra Deolindo. Reconhece, porém, que o doloroso acontecimento não ultrapassou os raios de uma palestra a dois. Que ninguém ouvira e que o interlocutor, Lyra Pessoa, só dias depois, achou por bem denunciar com alarido.

Não conta, é claro, que Lyra fora à casa do jornalista. Não o encontrando, procurara-o no Hotel do Norte. Nada. Somente descansara depois de achá-lo no prédio da Prefeitura e ouvir de Deolindo, sozinho, sem qualquer protesto, a blasfêmia. Chega mesmo a pedir a interrupção da conversa entre os dois, à aproximação de uma terceira pessoa. Só depois pressente o proveito que pode tirar do encontro.

Em sua exaltada resposta, do púlpito, o patrício Dom José historia os recentes desentendimentos de *A Lucta* com a Igreja sobralense, sem se referir aos rasgados elogios que em 1915 dirigiu a Deolindo Barreto, vários dias depois de seu aniversário. À certa altura, diz do jornalista:

“Não precisamos dos ensinamentos de um analfabeto”.

E, para culminar, o que lhe parece o anátema supremo:

“Para honra nossa e do nome sobralense, aquela ignomínia não partiu de um filho de Sobral”.

O BISPO GARANTE

Ao chegar à casa, àquela tarde, Deolindo encontra mãe, mulher e filhos, aos prantos, temerosos, não apenas dos castigos de Deus, como de que a casa fosse invadida e a

oficina do jornal depredada pela multidão enfurecida, então na Igreja da Sé.

Imediatamente, redige e manda distribuir boletim, responsabilizando José Sabóia, Clodoveu Arruda e padre Leopoldo Fernandes pelo que lhe vier acontecer e a seu jornal.

Dia seguinte, o bispo, temerário, dirige telegrama a Justiniano de Serpa assegurando que ninguém quer matar o diretor de *A Lucta*.

“Exm^o. Sr. Presidente do Estado

Fortaleza

Jornalista Deolindo Barreto acaba de soltar boletim, declarando haver requerido garantia vida propriedade contra possível desacato parte católicos sobralenses. Afirmo V. Ex^a ser tudo inexato. Trata-se reunião católicos protestarem contra insultos e blasfêmias proferidos citado jornalista que disse Cristo iria responder júri por crime defloramento. Atenciosamente saudações, José, Bispo de Sobral”.

O *Correio da Semana* ridiculariza, várias vezes, “a mania funesta de assassinato de Deolindo Barreto que vê alma em todos os cantos e punhais em todas as cintas”.

O NOVO PECADO MORTAL

A punição, com que sonhavam os conservadores, e que o padre Leopoldo anunciara e defendera com tanta antecedência, junto ao bispo, sai afinal.

A 9 de outubro de 1922, Dom José institui novo pecado mortal, ler e assinar *A Lucta*. Apesar de todo o escarcéu em torno da blasfêmia, ela não convencera senão os que estavam querendo ser convencidos. Por isso, ao invés de excomungar o blasfemo, proscree e condena *A Lucta*, seu meio de vida e instrumento de ação política dos democratas.

A condenação, tão aplaudida pelos marretas, não surte, porém, os efeitos desejados. Dia seguinte, mal abre o

comércio, Deolindo, chapéu desabado, fraque ao vento, caderneta e lápis à mão, na boca sempre um gracejo rude ou piada grosseira, vai de porta em porta, a todos os assinantes locais, a começar da Praça do Mercado, pedindo ratificação da confiança dos leitores. Volta pra casa, feliz. Ninguém nega fogo.

Os padres se irritam. Monsenhor Lyra Pessoa põe a faca nos peitos do chefe rabelista local, o gentil-homem, José Alarico Frota. Assina memorial contra Deolindo ou não mais põe os pés na Igreja. Não mais recebe os sacramentos. Em vão. Não conseguem nada.

Já em Granja, monsenhor Vicente Martins, outro conservador apaixonado, vai, de casa em casa, recolhendo exemplares de *A Lucta* das mãos dos assinantes, de suas mulheres ou filhas, ameaçando-os com o fogo do Inferno. Quando chega aos Correios exige que o agente encaminhe de volta a Sobral, os números que recolhe e os que acabam de chegar à cidade, ainda não distribuídos.

Manuel Tabajara Melo é suspenso da Congregação dos Vicentinos, em Crateús, porque continua a assinar e ler o jornal do parente.

Quando 74 assinaturas são devolvidas, Deolindo começa a perder a paciência que nunca foi muita. Assim escreve essa notinha sobre o vigário de Santa Cruz, padre Macário Bezerra de Arruda:

“Ora, meu padrinho, vá criar os seus filhinhos e deixe-me criar os meus, pois assim serviremos muito melhor a Deus e à humanidade. A Igreja também proíbe-lhe a fecundidade e sabe Deus quantas crias você tem aí na Varjota e fora dela”.

EXPLORAÇÃO

Correio da Semana dedica a edição seguinte a jogar, no plano externo, com o nome do bispo, apelar para o bairrismo dos sobralenses e para o sentimento religioso do

povo. Prepara o ânimo de Dom José para aplicar a pena de excomunhão ao jornalista.

Sob a inicial de Y, o bispo se desculpa perante os democratas, correligionários de seu pai e dá prosseguimento ao esforço de apartá-los do jornalista:

“As nossas repulsas, os nossos protestos, a nossa atitude enérgica nunca visaram nem visam o Partido Democrata, assim como não visam *A Lucta*, como órgão hipotético do partido.

Só tem atingido, e disso nos ufanamos, o jornal e o jornalista irreverente, blasfemo, descortês e desmedido”.

Os padres estão excitados. Publicam manifestos contra o jornalista. As associações católicas também. Cheia de fervor cristão, *A Ordem* divulga “O nosso protesto contra Deolindo” e repto de monsenhor Antônio Lyra Pessoa ao jornalista para que o processe por calúnia, por causa da blasfêmia, bem seguro que se encontra da amizade dos juízes da terra:

“Mas estou certo de que isso não acontecerá, porque, antes de eu ser condenado, esmagarei a suposta calúnia com testemunhas de algumas pessoas, as quais S.S. declarou que me tinha dito que Cristo ia responder júri pelo crime de deflo-ramento”.

A CORRIDA

Em dezembro, sobe a serra a cavalo. No meio do caminho, encontra o inimigo, padre Joaquim Severiano, num carro de praça. Deolindo é, subitamente, tentado a um desafio. Esporeia o animal. Assusta o motorista do Hudson em que o padre viaja, que se perturba, e assim passa à frente. No da seguinte, pelas colunas de seu jornal, temerário se vangloria de haver ganho a corrida contra o automóvel.

A DESPEDIDA

Deolindo sabe que seus dias estão contados. Nada, porém, o detém nem o faz recuar.

Como numa despedida, no último dia do ano de 1922, visita São Benedito. Volta à terra de seu padrinho e primeiro patrão, Aristides Barreto, vinte e cinco anos depois, para uma visita de recordação e saudade.

O BOICOTE

“Pois, a meu ver, se não havia outros compromissos, era só demiti-lo do emprego, retirá-lo do seu jornal o expediente e mais ganhos da política, negar-lhe o bafejo do partido para as assinaturas de *A Lucta* e, como ‘saco vazio não se põe em pé’ mandar o indomável homem a um emprego rendoso, longe de Sobral, onde ele pudesse continuar a escrever sem nos envergonhar e nos afligir. Não há altivez e independência possível quando se tem necessidade de viver. Bem disse o sábio, ‘primeiro viver, depois filosofar’”. (Padre Joaquim Severiano in *Correio da Semana* de 16-12-1922).

A pressão do clero sobre Deolindo é no sentido de separá-lo de seus aliados políticos, os democratas de Sobral, e da própria liderança do partido no Estado, Paula Rodrigues. De tirar-lhe o emprego na Prefeitura. De fechar-lhe o jornal. Inclusive pela suspensão da publicidade. O *Correio* não quer que a Prefeitura nem o Poder Judiciário façam divulgação de seus atos em *A Lucta*, que é o mais antigo e mais lido jornal da cidade. E o diz com todas as letras:

“Se não servem os dois jornais limpos da cidade, que se mandem para o *Correio de Massapê*”.

A Lucta leva na troça a ameaça de boicote:

“O *Correio* quer que bom católico só o leia, só nele anuncie, só mande serviços avulsos para sua oficina e somente compre nas lojas que anunciem no jornal”.

OS EMBATES DE 1923

Dom José, na defensiva, endereça nova pastoral a seus vigários, insistindo em que cumpram sua condenação de *A Lucta* e explicando-lhes que a proibição de ler e assinar o jornal não se deveu a questões político-partidárias. *Correio da Semana*, pela pena do padre Leopoldo, e, agora, principalmente do padre Joaquim Severiano, menos vinculado aos marretas e à campanha de Belisário Távora, passa, o ano inteiro, a explicar que a proscrição de *A Lucta* não teve caráter político, a se lamentar que a maioria dos sobralenses não aceite o édito do bispo e a pressionar os democratas (inclusive o prefeito) a que abandonem Deolindo. Quando a manobra não dá certo no plano local, transferem-na para Fortaleza, tentando forçar Paula Rodrigues, o aristocrata sobralense que comanda o Partido Democrata, a nível estadual. Também não resolve. Nada conseguem.

Condenação do bispo, sermões nas igrejas, protestos da Irmandade do Santíssimo, da Congregação Mariana, da Pia União das Filhas de Maria, devolução de assinaturas, boicote de propaganda oficial no jornal amaldiçoado, proibição de tê-lo em barbearias, ameaças físicas, tiroteio na porta de casa, prisão, nada parece capaz de o silenciar.

Desaforado, Deolindo se multiplica em audácia e passa a assinar Deolindo de Crateús, como resposta ao bairrismo sobralense, explorado contra ele.

A família, porém, pressente que o fim está próximo. O tio Aristides Barreto, velho chefe conservador, desce a Ibiapaba, para tentar, em penosa negociação com o bispo, firmar um armistício. Dom José, porém, não quer acordo e o padre Leopoldo manda prosseguir o processo. Um pro-

cesso sai caro, pois é preciso importar de Fortaleza, o famoso Gomes de Matos. Os conservadores custeiam a causa. A condenação é certa porque os juízes são desafetos do acusado e correligionários do acusador. A condenação de Deolindo, a quatro meses de reclusão na Cadeia Pública, gostosamente firmada por Clodoveu Arruda, comporta, porém, recurso para instância superior. O jornalista prossegue sua desabrida guerra contra inimigos poderosos, sem mais se deter diante de nenhuma conveniência.

A TRANSFERÊNCIA DO BISPO

Em sua ressentida biografia de Dom José, o padre João Lyra indaga:

“A remoção de Dom José para Uberaba teria sido um castigo? Um caso político?”

E se queixa de não poder esclarecer a questão.

O que há de certo é que, após a polêmica condenação de *A Lucta*, o bispo é transferido e a anulação da transferência é pleiteada pelo ex-deputado Vicente Sabóia junto ao ministro do Exterior, Félix Pacheco. É claro que, para mortificação de Dom José, Sabóia, em campanha para retomar à Câmara, trombeteia aos quatro ventos a mostra de seu alto prestígio.

O jornal *A Ordem* deita e rola sobre o ocorrido:

“Para tão feliz finalidade concorreram decisiva e eficazmente os valiosos ofícios da chancelaria brasileira, do nosso embaixador junto ao Vaticano, que o benemérito e prestigioso conterrâneo Vicente Sabóia conseguiu, com o melhor êxito, interessar no delicado caso, para a consecução da almejada graça pela qual ansiava a totalidade dos católicos da Diocese”.

E capricha no esforço de extrair dividendos políticos do episódio:

“É mais um imenso e inestimável serviço que, na ordem espiritual, nos presta o valeroso sobralense com a permanência em sua Diocese do insigne prelado, que representa entre nós uma honrosa tradição de trabalho e de fé, da melhor moral e do melhor do progresso”.

Claro que o bispo se sente em desconfortável situação ante a opinião pública de sua cidade, principalmente numa época de disputa eleitoral e de apaixonada polêmica jornalística. Tenta salvar a face e desmentir a aliança que lhe fere o amor-próprio.

A Lucta, atenta ao fato, ironiza o foguetório com que os marretas comemoravam a revogação do ato da Santa Sé. Na edição de 23 de janeiro de 1924 registra a distribuição de boletim apócrifo, assegurando que a anulação da transferência não se devia a Vicente Sabóia “como por equívoco andam fazendo crer os amigos de S. Ex^a. O justíssimo ato da Santa Sé foi em deferimento a uma solicitação do Exm^o. D. Jerônimo, que a justificou com o precário estado do venerando progenitor de Dom José”.

A Lucta não se satisfaz, porém, com essa desculpa amarela e cobra o desmentido expresso do bispo:

“A bem da dignidade da Igreja, da austeridade do Vaticano e do próprio respeito mútuo devido entre os homens de representação, urge que o jornal católico, não anônima e ridiculamente como já fez, mas com a responsabilidade de órgão da Diocese, venha declarar aos verdadeiros católicos de Sobral, e quiçá do Brasil, os princípios que obedeceram a remoção e a revogação do Sr. Bispo de Sobral, pois este é o desejo ardente de quantos sinceramente aspiram ver colocado no altar das suas tradições a crença imaculada e imorredoura que lhe legaram os seus maiores”.

Segundo ainda o livro do padre Lyra, em suas anotações, o bispo tenta minimizar a dimensão do obséquio recebido:

“Ainda é cedo para publicar os documentos sobre este caso, mas é certo que eu devo ao Dr. José Sabóia o favor, que agradeço, de sua interferência amistosa, mas não o fato da minha permanência”. (Pág. 49, obra citada).

O CARNAVAL DE 1924

“As nossas grandes vitórias
São tantas e tão brilhantes,
As nossas sublimes glórias
São tantas e tão constantes
Que mais um fonal
Nós hemos de colher nesse lindo festival
Não há que temer”.

Quem canta é a esquadilha de Santos Dumont, entrando no palacete de Eurípedes Ferreira Gomes. Quinze *demoiselles* penetram nos salões, com o suave ruído de suas hélices, recebidas com entusiasmo pela multidão de sócios do Clube dos Democratas, tendo à frente seu presidente Piragibe Mendes.

O primeiro grupo a entrar é dos Camisas Pretas de Mussolini “e logo todo o mundo se convenceu de que, no Carnaval, foram os fascistas quem venceram, conta o colunista social de *A Lucta*. o jovem promotor Chico Ponte, depois presidente da Assembléia Legislativa do Ceará e cartorário em Fortaleza. Deolindo não mais frequenta o clube.

Entram os fascistas, as *demoiselles* de Dumont e depois o grupo dos Aladins. A orquestra ataca frenética um ragtime e as lindas moças fantasiadas entoam:

“Nós vamos ver
Neste Carnaval
Quem há de vencer
Afinal!”

Ingressa no salão o grupo dos Ciganos. Depois ainda o dos Ameríndios. Dois desolados *pierrots* procuram, sem encontrar; suas colombinas.

“Se em todo Carnaval
Não conseguir ao menos
Teu rosto fitar
Eu juro, colombina
Eu juro me matar”.

Às três e quarenta minutos da manhã, os cento e onze foliões ainda estão animados. O “assalto” somente acaba porque o maestro e pianista Acácio Alcântara está com os dedos calejados. Isso era apenas um treino para as grandes festas do Carnaval de 1924.

Os gremistas não deixam por menos. Também promovem seus “assaltos” na casa de Juliano Leite, depois da de Henrique Severiano Duarte. O bloco traz na cabeça apenas um disfarce, pelo que o “assalto” ficou com o nome de “a festa das cabeças”. “Balmasqué” nos Democratas, *soirée* no Grêmio, corsos, carros alegóricos repletos de foliões, o lança-perfume rola solto. Bebida, também.

No Clube Artístico Sobralense, agremiação de classe média da época, curte-se o Carnaval com a mesma vibração. Seus associados desfilam no curso, brincam no “Balmasqué”. A esse baile comparecem cinco grupos devidamente fantasiados, os Ciganos, Arlequins, Napoleão e seu Estado-Maior, Colombinas e Mexicanas.

No Carnaval propriamente dito, a Cananga do Japão promove *soirée*. Os operários se rendem também à influência oriental. O Clube Papoula da China, na Rua do Oriente, realiza baile que “se prolonga até três horas da manhã, festejando as delícias de Momo, as alegrias da época, mostrando que também os pobres são filhos de Deus e que a alegria não é direito privativo dos ricos, justifica-se o cronista social de *A Lucta*.

Ricos, pobres e classe média, pretos e brancos brincam, namoram, enchem a cara na festa. É a única batalha que o bispo perde, todo o ano.

UM ANO DE FESTAS

Como dá para notar, Sobral brinca, em 1924 um dos Carnavais mais animados de sua história mundana nos clubes e fora deles. As águas do Acaraú interrompem o trânsito das ruas principais. A cidade sabe, porém, tirar proveito do contratempo. Se não mais podem circular os bondes, namora-se, nas manhãs de domingo, nas canoas que levam as famílias à missa no alto da Catedral da Sé.

Toca-se o jazz no Clube dos Democratas. Bebe-se uísque com guaraná. Os jornais estão cheios de anúncios de remédios, vermífugo B. A. Fahnestoch, Biotônico Fontoura, Regulador Fontoura, Xarope Drosera, Elixir de Nogueira, depurativo do sangue. Deseja ter saúde? Use Vanadiol, o melhor fortificante. Cafiasfirina é o único que, positivamente, alivia em poucos minutos, a mais forte dor de cabeça e ouvido.

A Câmara de Vereadores, rigidamente controlada pelos marretas, extingue, sucessivamente, o lugar de seu secretário e de procurador da Prefeitura. Tudo para tirar o emprego do inimigo jurado, Deolindo Barreto, cujo jornal assim se vangloria no expediente: "Único que nestes tempos de mercantilização tem conseguido viver exclusivamente do favor público". 2.345 jornais circulam no País, em 1924, dos quais 56 no Ceará.

Implacável no seu rancor, *A Lucta* começa o ano, mandando violenta brasa nos tradicionais inimigos, os juízes José Sabóia e Clodoveu Arruda, pelo apoio dispensado à candidatura de Vicente Sabóia à Câmara. Acusa o candidato de pretender recuperar o mandato para favorecer seus negócios com o governo e de comprar votos a 62 mil réis a unidade. O irmão, juiz, de fabricar eleitores para garantir a vitória em

Sobral. Critica a aliança do bispo com a família Sabóia e denuncia jogatina “que envolve até crianças” no Bar Itatiaya, de Vicente de Souza de quem ainda ouviremos falar.

Dia 17 de fevereiro, às 10 horas da noite, mal acaba de entrar em casa, vindo da tumultuada eleição para deputado, são disparados seis tiros na porta de sua casa, à Rua Padre Fialho nº 2. Ele publica nota, endereçada ao doutor José Sabóia, embora sem lhe mencionar o nome, dizendo que, se morrer, “seremos companheiros de viagem” e que “não mudará de hábitos nem de caminhos”.

Sobranceiro, noutra edição registra a perspectiva de seu assassinato, como se fosse de outrem:

“Parece-nos que a briga vai ser pela cabeça de nosso diretor, que todos disputam e está um caso difícil de resolver e parece-nos que acabarão discutindo-a ao bozó”.

Na edição do décimo aniversário de *A Lucta* ressalta a plena consciência dos perigos que rondavam sua vida:

“Quando nos aventuramos à arriscada jornada, juramos sacrificar a nossa própria vida à consecução do nosso programa”.

O ÚLTIMO AVISO

A noite inteira do dia 14 de junho de 1924, dona Mariinha insiste junto ao marido para que não vá, dia seguinte, à eleição na Câmara. É morte certa. O pretexto que os inimigos, na iminência de voltar ao poder com a ascensão de Moreira da Rocha à presidência do Estado, estão querendo. Na outra eleição, já fora aquela confusão. Deolindo, nada.

Ela conta, aos prantos que, à tardinha, fora advertida pela criada de Chico Monte de que ele combinara com dois amigos o tiroteio contra o jornalista. Deolindo leva a informação na troça:

“Você acha, mulher, que vou me basear em fuxico de empregada doméstica?”.

Dona Mariinha insiste. Ele resiste, lembrando que sofreu ameaça de morte na Palestina, tiroteio de rifle na porta de casa, prisão, processos, maldição do bispo, mas ninguém se atrevia ao gesto extremo. Principalmente, nos salões do prédio da Câmara, cheios de gente, dia da eleição, correndo o risco de chamar a atenção de todo o País:

“Se eu não for, vão dizer que estou me escondendo debaixo de sua saia. Com que cara vou sair à rua, depois?”

A EXECUÇÃO

No dia seguinte, fraque novo e cartola, Deolindo Barreto Lima marcha firme e resoluto ao encontro da morte. Estranha não encontrar mais a Polícia cercando o edifício da Câmara. Vai, porém, em frente. Seu caminho não tem retorno. Galga o primeiro lance de dez degraus de madeira da escada. O segundo. Chega ao primeiro andar onde estão, à espreita, muitos, muitos inimigos.

Na hora marcada para começar o pleito, começa a briga em torno da legitimidade da presidência da seção eleitoral. No meio do bate-boca, Vicente Bento e Joaquim de Souza procuram desarmar o jornalista. Ele se trepa no gradil de madeira, em volta da mesa dos trabalhos e dispara dois tiros para o alto, procurando desvencilhar-se dos inimigos. Desequilibra-se e cai. É encostado à parede. Soa a fuzilaria. Quase cinquenta revólveres disparam simultaneamente contra Deolindo, furando-lhe o fraque, sacudindo-lhe o corpo desengonçado para cima e para baixo. Até que os palavrões, os gritos de horror, o tiroteio cessam. Em meio ao fumaceiro, o jornalista está caído ao chão, junto à parede, aos pés do inimigo, a espinha dorsal, que jamais se dobrara aos grandes da terra, quebrada a bala. Na confusão da saída, o requinte

de crueldade: alguém desfecha o último tiro no pé de Deolindo que solta um misto de berro e gemido de revolta e de dor.

A FUGA

No instante do fuzilamento, Antônio Félix Ibiapina e João Parente, não podendo escapar pela escada, escorregam pelo cabo de seus guarda-chuvas, da varanda do primeiro andar para a rua.

Outro, o orador famoso, o exímio dançarino apenas de seu 1,58 metro de altura, Antônio Rodrigues Almeida, o Toinho do cartório, também consegue fugir. Em desabalada carreira rumo de casa, não se detém ao passar diante da porta da homeopata Onphale Gondim, conhecida como dona Bila, para lhe satisfazer à curiosidade:

“O que foi Toinho? o que aconteceu, pelo amor de Deus?!”

“É muita bila, Dona Bala, muita bila...”.

E continua correndo.

A MORTE

Deolindo Barreto é um forte. Por isso não morre logo após o fuzilamento. Vive 48 horas de pavorosa agonia. Somente termina seus sofrimentos, na madrugada de 18 de junho de 1924, depois de assistido pelo padre José Geraldo Ferreira Gomes, a quem pede os sacramentos da confissão e comunhão.

Dos três que aponta como seus assassinos, Chico Monte, Joaquim Bento e Vicente de Souza, apenas o último pega cadeia. E com todas as regalias.

CHAGAS BARRETO

Nascido a 18 de maio de 1887 e falecido a nove de novembro de 1977. Francisco das Chagas Barreto Lima viu

muita coisa em 90 anos de fecunda existência. O fuzilamento do irmão, Deolindo. A riqueza, como fruto do trabalho. O filho, Cesário se eleger prefeito com apoio de Chico Monte, apontado como um dos autores da morte de Deolindo.

Menino ainda, teve de lutar pela subsistência, como ferreiro da Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano, dando duro doze horas por dia. Costumava dizer, porém, que a desgraça do homem é bom emprego. Por isso, logo que pôde, botou o próprio negócio: a Sapataria Ideal. Depois a firma Chagas Barreto que foi representante do Moinho da Luz e da Cervejaria Brahma donde tirou sua força econômica.

Homem de trabalho e de negócios, uma vez vendeu, na porta da capela da Palestina, os sapatos que usara para ir à missa dominical a um serrano que deles se engraçara.

Rude, apressado, Chagas dirigia o carro bruscamente. Não foram poucas as vezes em que, pela pressa, saiu da garagem de casa, amarrotando o pára-choques. Nunca se habituou a usar buzina quando passava pelas ruas movimentadas de Sobral. Punha a cara do lado de fora do veículo e ia afastando os pedestres aos palavrões:

“Saí daí, fi duma água”.

“Arreda, corno”.

“Vê se desinfeta, baitola”.

Certa vez, vendeu o carro a José Milton Alves, dono de loja de peças para automóveis, situada em frente ao sobrado de Chico Monte. Os trotes se multiplicaram, pelo telefone, para sua casa:

“Chagas, soube que o senhor vendeu o carro ao seu Zemilton, mas não entregou a buzina...”.

Ele desligava o telefone, rogando pragas e dizendo palavrões.

Homem de bom senso, Chagas foi convidado por José Dias Macêdo para representar, em Sobral, a Cervejaria Astra que acabava de se instalar em Fortaleza. Agradeceu a confiança e encerrou assim o papo:

“Não troco a realidade por um sonho, Macêdo”.

Tinha razão, como os fatos mostraram mais tarde: Macêdo teve de vender sua cervejaria à Brahma.

Já no final da vida, Cesário lhe propôs transformar a empresa em sociedade anônima. Chagas, que detinha 60% das quotas, ficou de estudar o assunto. Diante da cobrança do filho, recusou assim:

“Tu achas, Cesário, que eu sendo rei, vou cair na besteira de proclamar a República?”

Chico Monte sempre elegia o prefeito de Sobral. Por isso, Chagas, convidado a disputar a Prefeitura por seu chefe e amigo, José Sabóia, pela UDN, recusou:

“Muito obrigado, doutor Zé Sabóia. Não aceito ser candidato pra ganhar, quanto mais pra perder”.

Estava só em casa, ao receber a visita do general Humberto Castello Branco, então comandante da 10ª Região Militar e amigo do filho, autor do verbete sobre o Exército Brasileiro na Enciclopédia Britânica. Hospitaleiro, foi logo dizendo:

“General, o senhor vai jantar conosco”.

Castello, prontamente, concordou e saiu para cumprir outros compromissos oficiais. Flamarion ficou apavorado:

“Papai, como é que vamos fazer? Está todo mundo fora”.

Ladino, Chagas nem se apertou. Mandou o filho Maximino à casa de hóspedes da CIDAO, indústria de óleos (Sobral ainda não tinha hotel condigno), com um recado:

“O general decidiu jantar em casa do Chagas Barreto e pediu que mandassem a comida pra lá...”.

DONDON PONTE

“SINAPISMO”

“Ele e Ela

(Comédia em 1 ato)

– Casalzinho amoroso

Iam juntinhos, mas não de braço, como disseram. Cada um respondia melhor. Ele foi primeiro e disse que aqui não havia partido rabelismo e Ela disse que o *Correio da Semana* entrava muito na política. Aí Ela disse que Deolindo não falava mal dos padres em geral, e nem do padre Leopoldo em particular, apenas tirava prosa que ele é muito prosista, foi. Ela disse: Deolindo vai todas as noites ao hotel e nunca falou de ninguém.

Agora, Lopes, nos diga: o que é mais admirável nesse colóquio, a ingratidão dele para com os rabelas ou o amor dela para com o padrinho? K. Listo”. (*A Ordem* de 26-5-1924 ironiza depoimento de Joaquim de Andrade Ponte em favor de Deolindo Barreto de Lima).

Menino, ainda conheci Joaquina de Andrade Ponte, sentada numa cadeira de balanço, na calçada do seu Hotel

do Norte apaziguada pela idade, em seus fervorosos ódios político-partidários.

A cidade inteira celebrava seus ditos espirituosos, seus desaforos, sua coragem. Eram citadas com admiração as respostas que dava aos hóspedes pretensiosos que procuravam seu estabelecimento. Viúva de Gabriel de Andrade Boto, enfrentou, com desassombro, inimigos poderosos. Na República Velha, dava a maior força ao Partido Democrata e ao jornal *A Lucta* de seu aliado político, Deolindo Barreto Lima. Por cortar o cabelo à la home, por fumar em público seus charutos, por seu falar desabusado, Dondon causava escândalo a seu tempo, na cidade.

Rabelista rubra, inimiga jurada do doutor José Sabóia e de Chico Monte, dela se conta que, ao vê-los passar à frente de sua pensão, vestidos com a opa de irmãos do Santíssimo, acompanhando a Procissão dos Passos, comentou, referindo-se a Jesus Cristo:

“Ô homem bom pra ter irmãos tão ruins!...”.

O Nery Camelo em “VIAGENS NA NOSSA TERRA” assim a viu em 1932: “usa cabelos cortados à escovinha. De atitudes desassombradas. Dizem que, quando sai à rua, leva sempre um revólver dentro da bolsa e um punhal à liga. Temida pela sua mordacidade. Espirituosa e comunicativa, sua palestra constitui o melhor passatempo, para os hóspedes. Mesmo para aqueles que não podem dormir à noite com as muriçocas...”.

A propósito, um alemão se hospedou no Hotel do Norte. À noite, nada de conseguir pegar no sono, perseguido pelos pernilongos de picada mais funda que broca de perfurar petróleo. Queixou-se à hospedeira que lhe recomendou apagar a luz para afastar os mosquitos. O hóspede atendeu à sugestão. Não obteve resultados. As muriçocas voltaram

a atacá-lo, com dobrado vigor. Ele percebeu, além disso, a presença de vaga-lumes no quarto e se queixou:

“Dona Dondon piorrrrou. Eles estão a atacarr, agorrra de lanterrna...”.

Defensora da ecologia, ficava furiosa com qualquer dano causado às árvores. Certa vez, acompanhou, com muita atenção, todo o minueto de um jovem casal de namorados que se aconchegava debaixo de um ficus-benjamin, próximo ao hotel. Lá pelas tantas, levada pelo hábito, a mocinha arrancou um galho de árvore e passou a morder-lhe o talo. Foi o bastante para ela sair com quatro pedras na mão na direção da namoradinha:

“Ótimo, minha filha. Coma esse galhinho, que é muito bom para lombriga e é o que você tem e muito”.

Pelo que se vê, não tinha papas na língua. Desmontava qualquer um. Foi o caso de um cliente de origem modesta que voltara do Rio, próspero e cheio de riquififas. Ao café, começou a reclamar que não havia salame, bacon e outras igrizias. Ao ouvir as queixas, ela ali nas buchas, lhe desmanchou a pose:

“O que é que está faltando, hein seu Zé Chinelinha?”

“Nada, nada não, dona Dondon”, respondeu, assustado, o hóspede já devolvido a seu natural, pela pontaria do apelido maldoso.

Outro cliente voltou para o hotel exasperado. Fora desfeito, no curso de uma discussão de que não se saíra bem. Ficou remoendo o fato, andando dum lado pro outro, dizendo:

“Porque eu sou é homem. Não sou de trazer desaforo para casa, porque sou é homem. Eu sou é homem”.

Depois de certo tempo, ante tantas reafirmações de sua virilidade, Dondon não se conteve e perguntou:

“E havia alguma dúvida a respeito?”

O próprio Nery Camelo narra que ela se recusou a se deixar fotografar por ele, com pergunta irônica:

“Então, você está fazendo coleção de animais antidiluvianos?”

Ao longo de dez anos de existência de *A Lucta*, Dondon, o Hotel do Norte, seus hóspedes, geralmente viajantes comerciais, estão sempre aparecendo no jornal. Daí as ironias do órgão da família Sabóia de Albuquerque, *A Ordem*, à sua amizade com Deolindo.

Involuntariamente, precipitou uma tragédia a 7 de março de 1922, à hora do almoço, quando lhe chegaram notícias das estripulias de Chico Monte. Ela instou o chefe do destacamento policial, tenente Antônio Castello Branco a pôr paradeiro naquilo. O tenente não quis atendê-la. Recusou-se a prender o jovem cabo eleitoral conservador. Só saiu do hotel quando ela lhe disse frase que doeu em seu rosto como ferro em brasa:

“Se o senhor não tem coragem, vista minha saia e me empreste sua farda que eu meto esse arruaceiro na cadeia...”.

O tenente deixou o local, diante da rudeza do desafio, para a morte na Praça do Mercado. Mas esta é outra história.

CHICO ROMANO DA PONTE

Certas cenas ficam gravadas tão intensamente em você que, depois de certo tempo, não se sabe se realmente existiram ou se foram geradas em sua fantasia: Parece que ainda estou vendo em cena de minha infância que vou relatar. Ou fui eu quem a criou, posteriormente, em minha imaginação? Francamente, não sei.

Sou um menino velho, cabeçudo, de dez a onze anos, que faz alguns mandados lá de casa. Compro alguma coisa no armazém do Chico Romano da Ponte, nos baixos de um sobrado, da Avenida Dom José, com a Rua Coronel Ernesto Deocleciano. Ele veste camisa clara desabotoada, por fora da calça, deixando ver o ventre proeminente e os pêlos embranquecidos. Recebe meu dinheiro e o guarda, com displicência, na gaveta do balcão enquanto continua a conversa com outro freguês. Aconteceu mesmo? Me pergunto eu. Não sei.

De Chico Romano se conta uma estória que fala bem de sua boa-fé. Certa vez, recebeu a visita de um cidadão de que não se lembrava e que lhe vinha pagar velha dívida de 500 mil réis, o que era bom dinheiro na época. Chico não quis receber. Não se recordava da operação. Não tinha idéia de tal dívida. O visitante, porém, era tenaz em seu escrúpulo e convincente em sua correção. Avivou a memória do credor com detalhes da compra feita, da mercadoria levada, da dívida contraída, do diálogo travado na hora, dos fregueses presentes. Não houve jeito. Dobrou o dono da casa e deixou ali a grana:

“Que homem decente. Nem eu mesmo me lembrava dessa dívida”. Chico Romano passou, vários dias, gabando, pra todo mundo, honestidade tão rara.

Quando o freguês voltou, foi, naturalmente, acolhido com cafezinho, agrado, festas. Não teve assim, qualquer dificuldade em lotar todo um caminhão de mercadorias. No fiado, é claro. O espertalhão nunca mais deu sinal de vida.

A propósito, meu pai lembra que somente pôde construir umas casas em Sobral, graças ao crédito do armazém do Chico Romano. Mandava buscar mercadorias sem sequer necessitar de “vale”. Só de boca.

Pior ou melhor que ele, só seu irmão e empregado, Manuel Paulo, pobre que nem Jó. Explica-se porquê. Quando vendia um quilo de açúcar, de arroz, de qualquer cousa, dizia ao comprador:

“Esperaí que vou botar mais umas cem gramas, por via das dúvidas. A balança pode estar com defeito...”.

Por isso, a firma andava aos trancos e barrancos. Deu, porém, para o velho Chico, educar a família, com toda a dignidade.

Ao receber jovens matutas, bem apessoadas, ele tirava seu sarro. Sempre achava um jeito de apalpar-lhes as formas. Conta a lenda que, certa vez, chegaram ao armazém uma velha e duas netas formosas. Não deu outra. Chico foi à luta. Quando acabou de acariciar as meninas, viu que a velha ficou na fila na seqüência, esperando seu quinhão. Repeliu-a com veemência:

“Sai do meio, pau velho. Deixa de ser enxerida...”.

Tinha 92 anos quando foi para o hospital donde não voltou.

Quando lhe trouxeram a maca, ainda fez blaque:

“Cadê a mulher?”

“Que mulher, pai? A mãe?”, perguntaram os filhos.

Ele explicou risonho:

“Cadê a mulher? Nunca fui para a cama que não fosse com uma mulher”.

LUCAS ROSA

Não cheguei a conhecer Lucas Gonçalves Rosa, matuto esperto do Cariré, muito ligado ao Dr. José Sabóia. Ouvi tantas histórias dele, que não me custa repeti-las ao leitor.

“Sei histórias de padre, mas não conto nem que me dêem mil contos”.

Era o que sempre dizia, sem, porém, deixar que se identificassem os mistérios que escondia.

O vigário de sua terra, Cariré, padre Tibúrcio Gonçalves de Paula, comprou um cavalo para as suas andanças e pediu a Lucas, que o experimentasse, a fim de lhe avaliar a competência. Ele deu uma volta no animal e, ao descer à porta do padre, com uma careta, deu o diagnóstico:

“Padre Tibúrcio, ele é tão burro pra rédeas quanto vossemecê”.

O sacerdote riu e perguntou a Lucas se o cavalo era inteiro ou fora castrado. Depois do exame, ouviu a resposta:

“Padre, esse bicho é que nem eu: só serve pra comer e dormir...”.

José Sabóia, aristocrata refinado, gostava do leal tabaréu de Cariré, que jamais lhe negara voto. Abriu, assim, uma exceção e o recebeu para almoçar em casa. Dona Sinhá, então, o cobriu de atenções. Não deixava o prato do convidado ficar vazio, Lucas, tentando ser gentil, saiu-se com essa:

“Dona Sinhá parece uma varejeira, a cada instante, dá uma volta e põe mais comida no prato da gente”.

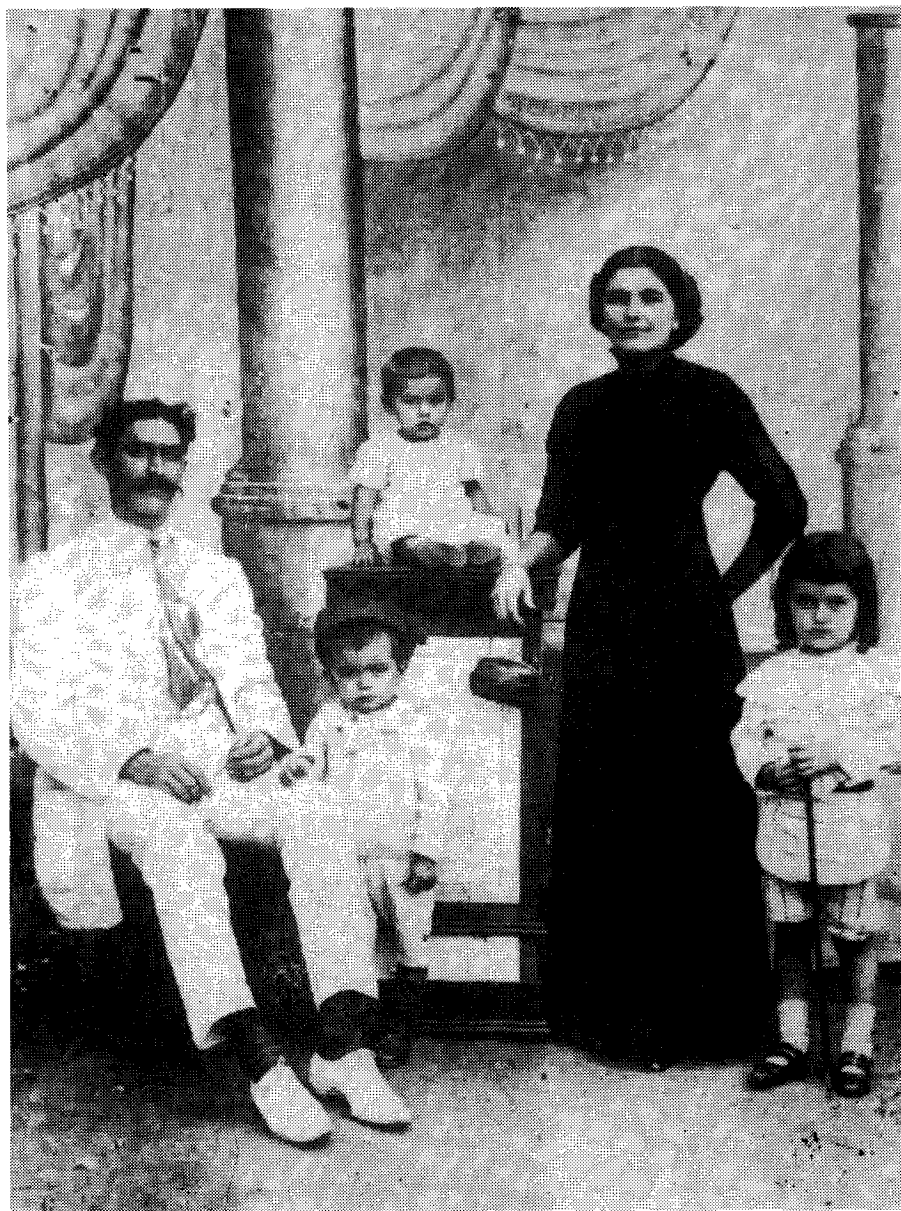
Lucas tinha imagem mais rude para definir, escatologicamente, a verbosidade de um doutor da terrinha:

“Ele é que nem vaca quando come rama nova.
Por onde vai passando, vai deixando o estrago...”.

LIVROS PUBLICADOS PELO AUTOR

01. **A Descapitalização do Nordeste no Setor Privado**, Fortaleza 1961. (Seminário de Estudos do Nordeste, promovido pela SUDENE).
02. **Anuário do Estado do Ceará**, co-autoria com Dorian Sampaio. Fortaleza, 1971-1972.
03. **Anuário do Estado do Ceará**, co-autoria com Dorian Sampaio. Fortaleza, 1973-1974.
04. **Ideologia do Favor – Curral e Cabresto**. Fortaleza, Stylus Comunicações Ltda, 1977.
05. **Porque sou candidato**. Fortaleza, 1978. (Edição do Autor).
06. **Sobral do Meu Tempo**. Brasília, 1982. (Coleção Lima Barreto – Senado Federal).
07. **Cartas do Beco**. Fortaleza Stylus, Comunicações Ltda, 1983.
08. **A Travessia**. Brasília, 1984. (Coleção Hipólito José da Costa – Senado Federal).
09. **Fortaleza Meu Amor**. Fortaleza, Stylus Comunicações, Ltda, 1987.
10. **Clero, Nobreza e Povo de Sobral**, Centro Gráfico do Senado, 1987.
11. **Louvação de Fortaleza**, Edições da Casa José de Alencar – UFC 1995.
- 12 **Vida Paixão e Morte de Etelvino Soares**, S. Paulo, Editora Maltese, 1995. Edição da Universitária Editora, Lisboa, 2002.
13. **No après-midi de nossas vidas**, Edições da Casa de José de Alencar – UFC 1987.

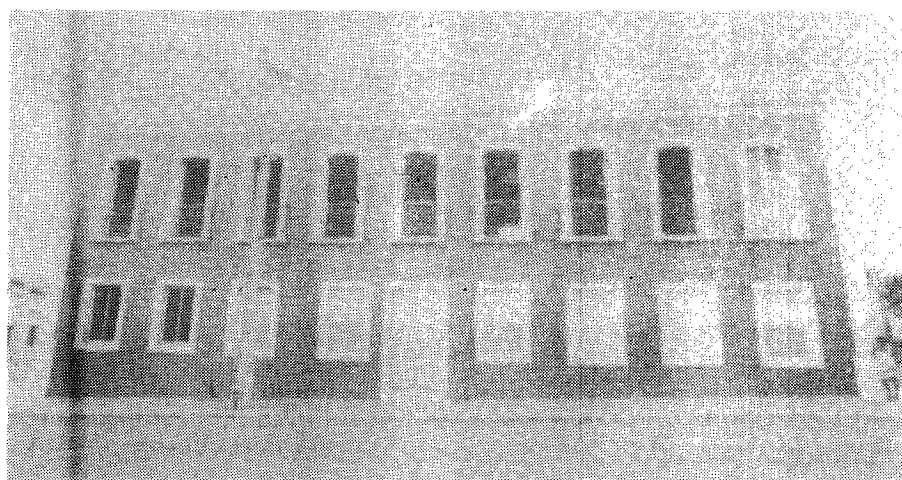
14. **Rache o Procópio**, Edições da Casa de José de Alencar – UFC 1998.
15. **Como me tornei sexagenário**, Edições da Casa de José de Alencar – UFC, 1999.
16. **Foi na seca do 19**, ABC Editora 1999.
17. **O senador dos bois**, Edições UVA, Sobral, 2000.
18. **Sobral cidade das cenas fortes**, ABC Editora, Fortaleza 2003.
19. **Dicionário do Lustosa**, ABC Editora, Fortaleza 2003.



Deolindo Barreto e família em fins de 1912



Sobral, inundada em 1924



Prédio da Câmara onde Deolindo Barreto foi fuzilado



Dondon Ponte

1998

Clero, Nobreza e Povo de Sobral — Lustosa da Costa

A'S CREADAS

**QUEREM GANHAR
20\$000 ?**

¶ Vão saber as compras da... patroa na «Casa Smart», a praça do Figueiras, enquanto da travessa do Xerem, que elle distribue uns coupons que la juntas e ganha de livres 500 £. «pá casaca», recebe os 20\$000 que dá para conseguir um vestido tão rico que tem nomeado frouz todo lubado.

O GONZAGA

Avisa ao publico que voltou novamente ao exercicio de sua profissao de engenheiro, trabalha em que como todos sabem é perito. Tudo se promette na sua residencia.

Externato Gordin

Neste estabelecimento de ensino á rua Menino Deus, acham-se alunos das cursas primarias e secundarias, e preços reducidos. A. Antonino Gordin.

Residência de Andrade

Sellam-se a fôrça da industria por este estabelecimento, onde são as seguras, que se tem a fôrça da industria, a fôrça da industria e a fôrça da industria. Preços modicos.

Pedras do Povo para pedrões e colares de portas, tem grande deposito para vender lareira em arê e a J. do Rodrigues dos Santos.

A SAUDE DO HOMEM

Exaltão de vellos que passava vergonha ante as mulheres bonitas! Foi descoberta a sua salvacao. A Saude do homem te garante mesmo aos 50 annos fazeres figura de um rapaz de 18, e foi tudo nella que elle casou-se aos 50.

Te diriges ao Victor de Paula Pessoa, agente nesta cidade e zombando da impotencia!

A Paulistana

Está destinada pra vender lareira, vajam: Brins de cores d'lar para 5000 Chites padroes acastalhados, de 500 e acima. Brins esquisitos a 5000 vara e um grande sortimento de phantasias casinhas feitas de lã de gualches, calçados Americanos e nacionaes, chapas de homens e crianças, tudo isto quasi de graça.

Fazem uma visita a Paulistana que economizara 30% nas compras que fizeram.

Não confundam com a loja do Manuel Viana, a Paulistana mudou-se virando ao armazem sr. A. Mendes Baggio.

E ali onde tem uma lareira toda azul.

RICARDO

Gimnástico — Barbaço, violonista, pianista, gramofonista, organista, typographista, conta cabella de gente e bola em rubrica, e concertos, acrobacias, saltacabeças, bicycletas, gramofones, machinas de escrever, de lixar pólvora, de fôrça defuncta, e accacia chamada para qualquer ponto da estrada, de fôrça mediante preço affado. Pode ser procurado durante o dia em sua officina á rua d'Aurea.

Injeção Brasileira. Preparada do pharmaceutico Horacio Nunez. — É um remédio eficaz nas purgacoes frequentes ou antigas. Acção rapida, effeito seguro e cura garantida. Restitue-se ao comprador a importancia paga se o paciente não obtiver maravilhoso resultado seguindo as devidas instrucções. Um adro que custa apenas 24, e sufficiente para curar. — Pharmacia Pedem — Sobral.

Alfabeto. — Um moço apaixonado-se por uma sen'orita, que não correspondia as seus affectos. Elle recorreu a todos os meios para lhe ser agradavel, sem a conseguir. Um dia, porém vestiu um terno feito pelo Napoleão Pereira, alfabeto do Carro e elle não resistiu e acatou-o para sempre.

Clero, Nobreza e Povo de Sobral — Lustosa da Costa

© 1999-2000 by Cambridge University Press
All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, without prior written permission from Cambridge University Press.

• **WEDNESDAY** 9

Pagamento adelantado.

Uabi, porém, não se infere que o que nos imbuídos com indiferença moribunda quanto à coisa de política. Nos. A moralidade das administrações está nas mãos de cada um e de cada um.

Durante sessas, portanto, tem sido a imprensa o melhor confidente, pelo conhecimento de seu existêncio, chegando ao arribidade de aporvegar-se em que e vane: e que um e pome: de de homem, que e teve respirar dos nome alio: pome: convicção de em indoleis curtos, pome: em cridido e pome: homem.

o direito de entrar e sair a vontade de todos os países que possuem de comum acordo, para poder viajar e exercer as suas funções, que inclui o direito de estabelecer relações comerciais com todos os países do mundo livre de barreiras de comércio e de livre circulação de capitais e de respeito individual de cada um. Entretanto, ao longo, desde meados do século XIX, os interesses dos Estados começaram a ser invocados para estabelecer a injunção contra homens de correntes que tiravam e protestavam contra os interesses e privações que têm sido de constituição no longo e angustioso estado de não que todos os países que possuem de comum acordo, para poder viajar e exercer as suas funções, que inclui o direito de estabelecer relações comerciais com todos os países do mundo livre de barreiras de comércio e de livre circulação de capitais e de respeito individual de cada um.

Proximamente de jurem e de impo-

ERRATA

Em nosso primeiro editorial, onde se lê: relato—leia-se: relato, onde se lê: fora—leia-se: fora, onde se lê: distribua leia-se: distribuiu.

Vigosa, 19—Dionísio Ponte, Sobral—Profundamente compungido morte doado e leal amigo luto-lindo, apresentando-lhe pesames extensivos toda família do illustre morte—José Siqueira e Salustiano Pinho.

Vigosa, 18—Querida Veneza aceitar pesames perversos assassinato saudoso amigo Deolindo. José Joaquim Carvalho, Prefeito.

Vigosa, 18—Pesames—Luto Freire e Justo Pinho.

Neruca, 18—José Alanco, Sobral—Acceite e transmita família indolito Deolindo sentidas condolências—Pedro Sampaio e Ezequiel Aguiar.

Neruca, 18—José Alanco, Sobral—Associação consensual do partido Democrata, invariável perda do indolito jornalista Deolindo—Amaro Coelho, Zegentil Fernandes e Santos Sampaio.

S. Quiteria, 19—Amigos profundamente penalizados, enviam pesames—Godoaldo Rodrigues e Anjuno Erasto.

S. Quiteria, 19—Monte recebeu notícia fúnebre, querido Deolindo, choramos juntos contigo penalizados apresentamos nossos pesames a toda família—Godoaldo Rodrigues e Anjuno Erasto.

Campo-Grande, 19—Querida aceitar meus profundos sentimentos lamento a perda, desaparecimento seu indolito esposo, inconstante batallador causa coletividade, selo imprensa caríssima. Cordias Saudações—João Clérico.

Campo-Grande—Pesames—Apresenta.

Tyragua, 18—Sinceros pesames—Raymundo Palão.

Tyragua, 18—Sinceros pesames—Raymundo Palão.

Tyragua, 18—Pesames—Antonio Albuquerque.

Tyragua, 18—Cel. José Alanco Sobral—Profundamente conternado falecimento nosso devotado amigo Deolindo vivam sicanos adversários pelo apresentar pesames a toda família—Luiz Souza.

Tyragua, 18—Cel. José Alanco Sobral—Poco representar-me entero Deolindo apresentando meu nome pesames sua família Saudações—Richilides Andrade, Prefeito.

Tyragua, 18—Dondon Pontes, Sobral—Aprecie-se nosso nome senti-dissimos pesames desolada vivam nosso querido Deolindo—Alvaro Fideis.

Itapina, 18—Acceite nossos sinceros pesames falecimento Deolindo, Cabral e família.

Itapina, 18—Pelo passamento inesperado Deolindo, apresentamos sentidas condolências extensiva família—Morys Mario e Ignacia Pontes.

Itapina, 18—Apresentamos meus pesames condolências, morte seu querido irmão Deolindo. Rogamos fazerem extensivas família desle. Abraços—Ignacio Pontes e José Pompilio.

Itapina, 18—José Alanco, Sobral—Obsequio apresentar meu nome pesames vossa Deolindo e representar-me entero—Padre Mello.

Itapina, 18—José Alanco, Sobral—Obsequio pesames vossa Deolindo e representar-me entero—José Camello.

S. Benedito, 18—Acceite pesames morte Deolindo, mandamos celebrar missa. Avicino e Hilda.

S. Benedito, 18—Sentidos pesames extensivos toda Maunilha e Maximino, João e Alidiba.

—Oscar, Vicente Araújo e Inez. Itapica, 21—José Alanco, Sobral—Sobrio amigo hneia apresentar sentidos pesames desolada família Deolindo Barreto, vítima arcos. Abraços—Depistado Alacio Braga.

Cariris, 23—Profundamente conternado associem-se sua justa mágoa—Julio Alberto.

Camocim, 19—Compartilhando dor que atinge família nosso inextinguível amigo Deolindo, apresentamos nossos sentidos pesames que pedimos tornar extensivissima família—Vicente Aguiar e Francisco Tiviva.

Camocim, 20—Acceite pesames extensivos toda família—Urbina, Domitila e Enock.

Camocim, 20—Juntamente toda família, acceite sinceros pesames—Brisar.

Camocim, 20—Compartilhando terrível golpe envio sinceros pesames, descremosse prestado amigo Deolindo, tornando extensivos toda família do mesmo G. Rocha.

Granja, 18—Luto, Sobral. Querida esta redacção aceitar pesames morte tragica vossa director, meu prestado amigo Deolindo, desleando batallador nossa causa. Partido Democrata Granjeense, faz se representar internado, oferecendo saudosamente uma coroa mortuária Napoleão Soares.

Granja, 18—Acceite pesames desaparecimento tragico vossa extenuado esposo—Napoleão.

Granja, 18—Fique penalizado: sim perverso assassinato meu amigo dea infeliz marido. Ignacio Fortuna.

Granja, 23—Sinceros pesames—João Carvalho.

Granja, 18—Pipi. Sobral—Represente partido democrata granjeense, interno dedicado Deolindo oferecendo pelo mesmo uma coroa mortuária com seguintes discursos: "Saudades do Partido Democrata Granjeense". Napoleão.

Massapé, 18—José Alanco, Sobral—Saudades, falecimento nosso querido Deolindo depois passagem horaria, pedimos representar enteiro e mais actos, apresentando condolências vivam e toda família. Wilibaldo, João e Gabriel, Antonio Juca e José Felinto.

Massapé, 18—José Alanco, Sobral. Apresente pesames família Deolindo e represente entero—Nelson.

Massapé, 18—Acceite com irmos e vivam prestado saudoso Deolindo expresso minha dor. Wilibaldo Caniré, 18—Apresentamos nossos pesames extensivos toda família. J. Sá e família Antonio Adriano e família.

Caniré, 18—Pesames falecimento Deolindo. Athiles.

Caniré, 18—Com vossos filhos acceite sentidos pesames Francisco Xavier Fontenele e Antonia Rodrigues Fontenele.

Caniré, 18—Associe-me sua dor pelo falecimento seu saudoso esposo. Abraços. Lourdes Rodrigues.

S. Cruz, 18—Pesames pelo falecimento seu indolito irmão Deolindo. José Miranda.

Gratheis, 18—Apresento sentidos pesames e extensivos toda família Deolindo. Roldão.

Gratheis, 18—Acceite distincto parente e família, sentidos pesames extensivos progenitora, vivam e filhos do drantado Deolindo Francisco Tobias.

Gratheis, 18—Sinceras condolências extensivas mãe, irmãos, avós, Deolindo—Francisco Coelho, Manoel Mascarenhas, Joaquim Bezerra.

Subscrição

Em cidade de Camocim, foi aberta por iniciativa de uma

alma caridosa, uma subscrição que montou em 1000000 em

piro da Viver e filhos do Director desta folha, habitaro e

coabardemente buzido na manhã de 15 deste A viver e filhos do mesmo Directo confessa-se

agradecida a todas as pessoas que concorrem para aquella subscrição.

Deolindo Barreto

Trago-lhe a tua morte e ella vem a ser a minha morte. A morte

é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida. A morte é a morte da vida.

SOBRAL, 29 DE JUNHO 1924

Conto o doloroso drer de commença a V. S. o fallecimento do meu saudoso amigo DEOLINDO BARRETO LIMA

acordando a esta cidade na dia 15 do corrente em vidade de leman

los reschidos pelos oslas por belas mungas no dia 15 deste

Fale luctuoso acontecimento que trouxe o desaparecimento d "ALUCIA", não interrompe todavia a marcha das missões orga-nicas consensadas a este typographia, para a continuação dos

posos de empregaros habilidosos e dos nossos recursos e luctuoso

Amem-se pois a esperança de judei viver com a mesma

confiança a que V. S. de agora vinda distinguindo genero-sidades

que procurara sempre merecer-lhe nas afastadas suas

exemplos de honrada e amada do nobre e amado jantamento

que chegou meo, sendo o mundo

Sua com estimo e consideração

De V. S.

Maria Brazili Barreto Lima

Praga da Avenida Barreto Lima

Frouzão de vontade a libeidade de

convoções e o sonhador impiente

de paz sem solução, o insensível

por impugnar das grandes e nobres

em go de liberdade sem margem

realismo o certo desleio de frin-

do

Que um desolador a um creador,

SOBRAL, 29 DE JUNHO 1924

Conto o doloroso drer de commença a V. S. o fallecimento do meu saudoso amigo DEOLINDO BARRETO LIMA

acordando a esta cidade na dia 15 do corrente em vidade de leman

los reschidos pelos oslas por belas mungas no dia 15 deste

Fale luctuoso acontecimento que trouxe o desaparecimento d "ALUCIA", não interrompe todavia a marcha das missões orga-nicas consensadas a este typographia, para a continuação dos

posos de empregaros habilidosos e dos nossos recursos e luctuoso

Amem-se pois a esperança de judei viver com a mesma

confiança a que V. S. de agora vinda distinguindo genero-sidades

que procurara sempre merecer-lhe nas afastadas suas

exemplos de honrada e amada do nobre e amado jantamento

que chegou meo, sendo o mundo

Sua com estimo e consideração

De V. S.

Maria Brazili Barreto Lima

Praga da Avenida Barreto Lima

Frouzão de vontade a libeidade de

convoções e o sonhador impiente

de paz sem solução, o insensível

por impugnar das grandes e nobres

em go de liberdade sem margem

realismo o certo desleio de frin-

do

Que um desolador a um creador,

SOBRAL, 29 DE JUNHO 1924

Conto o doloroso drer de commença a V. S. o fallecimento do meu saudoso amigo DEOLINDO BARRETO LIMA

acordando a esta cidade na dia 15 do corrente em vidade de leman

los reschidos pelos oslas por belas mungas no dia 15 deste

Fale luctuoso acontecimento que trouxe o desaparecimento d "ALUCIA", não interrompe todavia a marcha das missões orga-nicas consensadas a este typographia, para a continuação dos

posos de empregaros habilidosos e dos nossos recursos e luctuoso

Amem-se pois a esperança de judei viver com a mesma

confiança a que V. S. de agora vinda distinguindo genero-sidades

que procurara sempre merecer-lhe nas afastadas suas

exemplos de honrada e amada do nobre e amado jantamento

que chegou meo, sendo o mundo

Sua com estimo e consideração

De V. S.

Maria Brazili Barreto Lima

Praga da Avenida Barreto Lima

Frouzão de vontade a libeidade de

convoções e o sonhador impiente

de paz sem solução, o insensível

por impugnar das grandes e nobres

em go de liberdade sem margem

realismo o certo desleio de frin-

do

Que um desolador a um creador,

Agradecimento



Maria Brasil Lima, Ferreira Barreto Lima, Francisco das Chagas Barreto Lima, Julio Barreto Lima, Maximiano Barreto Lima, Nogueira Lima, Lacerda Barreto Lima, Manoel Barreto Lima, Maria Carolina Lopes Lima, Maria Carolina Felício Lima, Maria Antonieta Roton Lima, Pedro Colinho Lima, Ataliba Dalrio Barreto, viúva, mãe, irmão e cunhado da Ildefonso Barreto Lima, falecido nesta cidade, na noite da domingo (15), agra-

decem pehoradas a todas as pessoas que lhes revistam por algum motivo, fado, carter e personalidade a sua que acompanharam os restos mortais do mesmo ao sepulchro.

Aproveitam a ocasião para agradecerem também as pessoas que doaram e doaram a família e a família do mesmo e fazem de um modo especial ao Cora da 86, Padre João da Costa do Vieira Gomes, Padre Francisco Cândido de Vasconcellos, Antonio Manoel Lopes, Claudio Nogueira e Julio Lima Botrigues.

Sobral, 26 de Junho de 1924.

USEM Capillotônico

O gerador e regenerador do cabelo

DEPOSITARIOS—J. Furtado & C.
RUA MAJOR FACUNDO, 257—FORTALEZA

Representantes em
SOBRAL P. Aragão & C.

CIGARROS Commerciaes

OS MELHORES

CERVEJA

Pilsen e Rio Branco

Guaraná Quirado's Sport

Fabrica de Cerveja Paraense

SÃO AS MELHORES

FABRICA A

Erico Motta & Cia.

AGENTES PROPAGANDISTAS

—SOBRAL—

Credito Mutuo Preial

Autorizada e fiscalizada pelo Governo Federal

Carta PATENTE 290
Resolvido do 2º sorteio do c. reente me, realizado no dia 19
PRÊMIO—Fol contemplada com um mil e oitocentas e noventa e nove
valor de R\$. 2.000.000 a cada sorteio de 1924, pertencente ao
sr. Manoel Lima, residente em Fortaleza.

IZENÇÕES—Porém isentas do pagamento de 5 contribuições, as seguintes categorias:
N. 291—Sr. Francisco Pereira Lima, Gampolim
N. 381—Sr. Francisco C. V. Saboyr, Sobral
N. 2508—Sr. Francisco Rito de Souza, Camocim
N. 434—Sra. Maria José Silva, Sobral
N. 2927—Sr. Oswaldo Soares Filho, Maracá

Sobral, 19 de Junho de 1924.

P. CHAVES & COMP.
Luzes de Para Motta

Banco de Credito Agricola de Sobral

[SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA]

Fundado a 9 de Janeiro de 1921

SEDE EM SOBRAL—CEARA

CAPITAL SUBSCRITO
CAPITAL REALIZADO
FUNDO DE RESERVA

337.400.000
261.990.000
14.837.478

Balancete em 31 de Maio de 1924

ACTIVO	PASSIVO
ACTIVOSISTAS	75.440.000
Despesas por til. à cobrança	904.387.977
Letras descontadas	784.083.490
Contas correntes garantidas	384.065.871
Letras e sobre de alheia	173.839.858
Letras a sobre, um cheque	258.513.810
Valores racionados	104.418.004
Beta hypothecados	58.000.000
Cte garantida, por hypothecados	52.748.800
Correspondentes	58.441.350
Movels	16.421.800
Baus de Rala	3.964.800
Movels e Utensilios	4.264.850
Materiais de escritorio	3.070.800
Diversas contas	10.017.900
CAIXA	43.257.830
	2.901.617.978

Sobral, 10 de Junho de 1924

Banco de Credito Agricola de Sobral
ORIANO MENDES—Presidente
RAYMUNDO M. FROTA—Gerente

Brilhintina Brasileira

(BANDERA)
POMADA "SULTANAR", TALCO "MIGNON"
TALCO "FLOR DE TALCO"
(SABON)

Produtor de primeira ordem, delicadamente perfumador a de
fabrica exclusiva

UNICOS FABRICANTES

PIRES FRANCO & C.

CASA AFRICANA—PARA

Unicos agentes nesta zona

P. Aragão & Comp.—SOBRAL

Produtoras em todas as partes do Brasil e em todas as zonas
de toda a zona.



Erico Motta & Cia.
AGENTES



Machinas a dinheiro e a prestação. Pegas, linhas,
agulhas, oleo, lustradoras, & c, vendemos todos os artigos
de costura. Acabamos de receber novas para PONTA
CAREL, adaptavel as machinas de costura e bordar.
Machinas de 3, 5 e 7 garças, ponti e pur,
ponti carel, gal-nor para sapateiros e alfaiates, temos
sempre em deposito.

Erico de Poiva Motta

Unico representante da Sloger na zona de SOBRAL

CREDITO MUTUO PREDIAL

FILIAL DE FORTALEZA

No segundo sorteio deste mez realizado no dia 19 foi
contemplada com juros no valor de R\$. 5.070.000, a cada-
sorteio o. 69.978, Chaima Rocha, Fortaleza.
FILIAL DA RAHIA—A cada sorteio N. 21.770, Bahia
com premio de R\$. 5.000.000

"7 1/2"
Cigarros a mão
FABRICA MODELO

Robt. 20 14 Junho de 1924.

Ataliba Barreto
ADVOCADO
Crime, commercio e civil
Resid. — SOBRAL

A LUGTA

DR. LUIZ VIANNA
Medico especialista em mo-
lidade da criança. Accia-
chamada para posto de
Betrão de Ferro
Rua Cel. José Saboye—22,
— SOBRAL —

ANO XI

Ceará-Sobral, 28 de Junho de 1924

NUM. 714

ULTIMA HOMENAGEM D'“A LUGTA”

Os acontecimentos do dia quinze

Barbaro e covarde fuzilamento do Director desta folha Deolindo Barreto Lima

A NOSSA penna se sente immedecida, para fallar dos luctuosos acontecimentos do dia 15, ante a brutalidade, ante a selvagem e ante o vandalismo dos mesmos. E que os desta terra não eslavam affeitos a verem actos de lamania selvageria, os quaes nos deixam a quem dos que são praticados nos longinquo e barbaros sertões do extremo norte.

Se não fora a infamia publicista em o jornal “A Ordem”, teriamos por certo deixado de fazer o relato minucioso deste facto, que requintou de perversidade, por inlarnos neste momento expressões ante a brutalidade do golpe que nos feriu, como a toda a sociedade sobralense, ante o desaparecimento tragico do proprietario e Director desta folha. Mas é que os miseraveis empreiteiros não satisfeitos com o assassinio firo e premeditado, covardemente executado, vem ainda fôr uma maneira cynica, que leva frevolta a todos os espiritos, dizer que aquelle que lambou crivado de balas pelas costas, foi o promotor da desordem.

Não! miseraveis, os autores, os assassinos não são somente Francisco de Almeida Monte, Joaquim de Souza e Vicente Benito de Souza, são tambem os que de uma maneira desproporcionada reletam o facto acozando os criminosos, são os que os deixam impunes após a pratica de actos semelhantes, são os que emprestem aos mesmos o seu apoio moral, são os que batem palmas a todas as suas tropelias e desordens, são os que os levam aos corpos deliberativos, são os que lhes dão accesso em todas as sociedades, são os que por receio os deixam fazer parte de imandades, são enfim os que lhes estiram a mão. Se a justiça cumprisse o seu dever, por certo não teriamos de presenciar lamania perversidade sem poder medir o golpe recebido, não só em nós, como em nossa civilização e nossos costumes.

Falle “A Ordem” em cincoenta revolver que estiveram em ação, certamente está esquecida do

que distribuia aos seus assalaria- dos para a empreitada sinistral, certamente, já não se lembra do numero de matadores e do numero de revolvers que cada um conduzia quando se dirigiram a primeira secção eleitoral, onde haviam de por termo a vida do nosso director, e embora covardemente accorados aos pés das paredes.

Não! os factos não se passaram daquella forma pela qual releta aquelle jornal.

Eilos — um pouco antes do hora da instalação da 1.ª secção já se achava crecido numero de pessoas no edificio da Câmara Municipal, onde era designado para proceder-se os trabalhos electoraes.

A hora determinada pela lei achava-se alli presente o sr. Juiz de Direito interno, Supplente do Juiz Federal e os srs. Julio Lima, Rodrigues, presidente de facto da Câmara Municipal e Antonio Monte (Alverne Filho, tambem dizendo-se presidente, os quaes reclamavam ao Juiz assento na meza, por si dizerem presidentes da Câmara.

Pela meza ficou resolveu que em vista da dualidade de presidentes de Câmara, não funcionasse a

corrido. Começava o secretario a levar a acta quando o sr. José Silvestre Gomes Coelho, que se achava junto a porta do gradil, que de accesso ao recinto, perguntou em voz alta a Henrique Hardy, onde funcionou a secção eleitoral, do qual era Hardy mesario, e como este respondesse que era alli, lenho o sr. José Silvestre gritou por mais de uma vez “o sr. e um mentiroso”, respondendo Hardy “coronel, vamos com mais calma”, nisto entra o seu cunhado Adolpho

Verdeiro, e se aproxima de ambos e diz “o rapaz não mentiu”, sendo immediatamente aggreddo por Francisco Petronilha, filho do

Jose Silvestre e Adolpho rejeita o aggressor. A esta altura houve um grande tumulto e a multidão tomou parte na discussão, não mais outro filho do sr. Silvestre e Jeremias Ramos, este, de revolver em punho, e aggreddo por Hardy, tudo isto se dava proximo a entrada do gradil.

O nosso Director que se achava assado do gradil, que do para o lado da Se. encaminhava-se para a porta, que da para o segundo

grupo os facinorosos Francisco de Almeida Monte e Joaquim de Souza, de um modo trapaceiro e perverso. Ferido mortalmente, pôs uma das mãos encravou-se na medula, caindo logo adiante, e ao encontramos estendido e só, ouvimos do mesmo — “QUEM MATOU FOI FRANCISCO MONTE, VICENTE BENITO E JOAQUIM DE SOUZA”, neste lugar onde fomos encontrar, recebeu ao que parece, mais um tiro, no pé direito — quanta perversidade, muito propria de quem se e uzeiro e veteiro no crime.

Transportado nos braços de amigos para um automovel, que o levou a sua residencia, onde ficou estendido num leito de dor até ás 2 1/2 na manhã de quarta-feira, 16, quando expirou, tendo as mãos a imagem de Deus e a sua cabeça o cunho de Sr. padre José Gerardo, e desde o momento em que falleceu o nefando crime, velava dia e noite, e assistia o sua condessa que sollicitava ao padre Candido, após a qual recebeu a ex-trenunção.

Grande foi a assistencia de pessoas que visitaram o indolito jornalista, até o seu ultimo momento.

As 4 1/2 da tarde do mesmo

dia, sahio o seu enterro com extraordinario acompanhamento, jamais visto nessa cidade. O esquite do illustre morto foi conduzido até o cemiterio S. José, nos braços dos amigos. Pendiam sobre o alaudes nices coroas lúnebres com as seguintes descripções

“Eterna saudades de sua esposa e filhos”

“Saudades de sua mãe e irmãos”

“Ao seu valoroso arrajo o Partido Democrático de Sobral”

“Saudades do Partido Democrático de Grana”

“Saudades de Thomaz de Paula Rodrigues”

“Mais tres cornos naturais”

+++

Entre as pessoas que acompanharam o ate ultima morada destacamos as seguintes, allora muitas outras que nos escaparam.

Cel. Antonio Mendes Carneiro, por si e P. presidente do Estado, Dr. Francisco Ponte, Dr. Luiz Vianna, Antonio Irapuan Mendes, Vicente Barbosa, Dr. Aristobol Castro, por si e Dr. Pimentel Gomes, Raymundo Anastasio, Plinio Telles, Estacio Rodrigues dos Santos, Manoel Francisco das Chagas, Gustavo Rodrigues de Souza, Enéas Mendes Filho, Gustavo Pereira Gomes, Jesuata adeodato João Capote Filho, José Pierre, Mariano Cavalcante, José Dias Marinho, Tupany Mendes, José Lopes de Oliveira, Joaquim Lourenço Vasconcellos, Raymundo Monaro Gomes, Virgilio Pinto, Francisco Alves Bonfim, Raymundo Archango Ribeiro, Nere o Boges, Antonio Enes de Vasconcellos, Agapito Silva, Walmore Cavalcante, Raymundo Otac de Carvalho, Antonio, sobrinho, R. Juarez da Silveira, Pedro de Aguiar Cavalcanti, Pelissismo Carneiro Frisa, Vicente Gomes Parente, Alvaro Scarra e ilva, por si e o Partido Democrata de Ilipina, José Thomas Rindado, Bruno Machado Portella, Raymundo Teixeira, Vicente Rodrigues Pui, Estanislau Lúcio G. Frota, Antonio Lúcio de Menezes, por si e José F. Gomes, Antonio Ibiapina de Albuquerque, Francisco Freia, Francisco nas Guegas Alves Filho, Parinho Filho, Eudes Carneiro, por si e Alberto Amiral, José Candido, Randal Loupou, F. Mearyr Pereira, Raymundo Nuvato Rocha, Heo-



Chagas Barreto



José Maria Soares entrevista Adhemar de Barros, na residência de Abelardo Ferreira Gomes, sob o olhar atento de Lúcio Brasileiro



Praça do Mercado

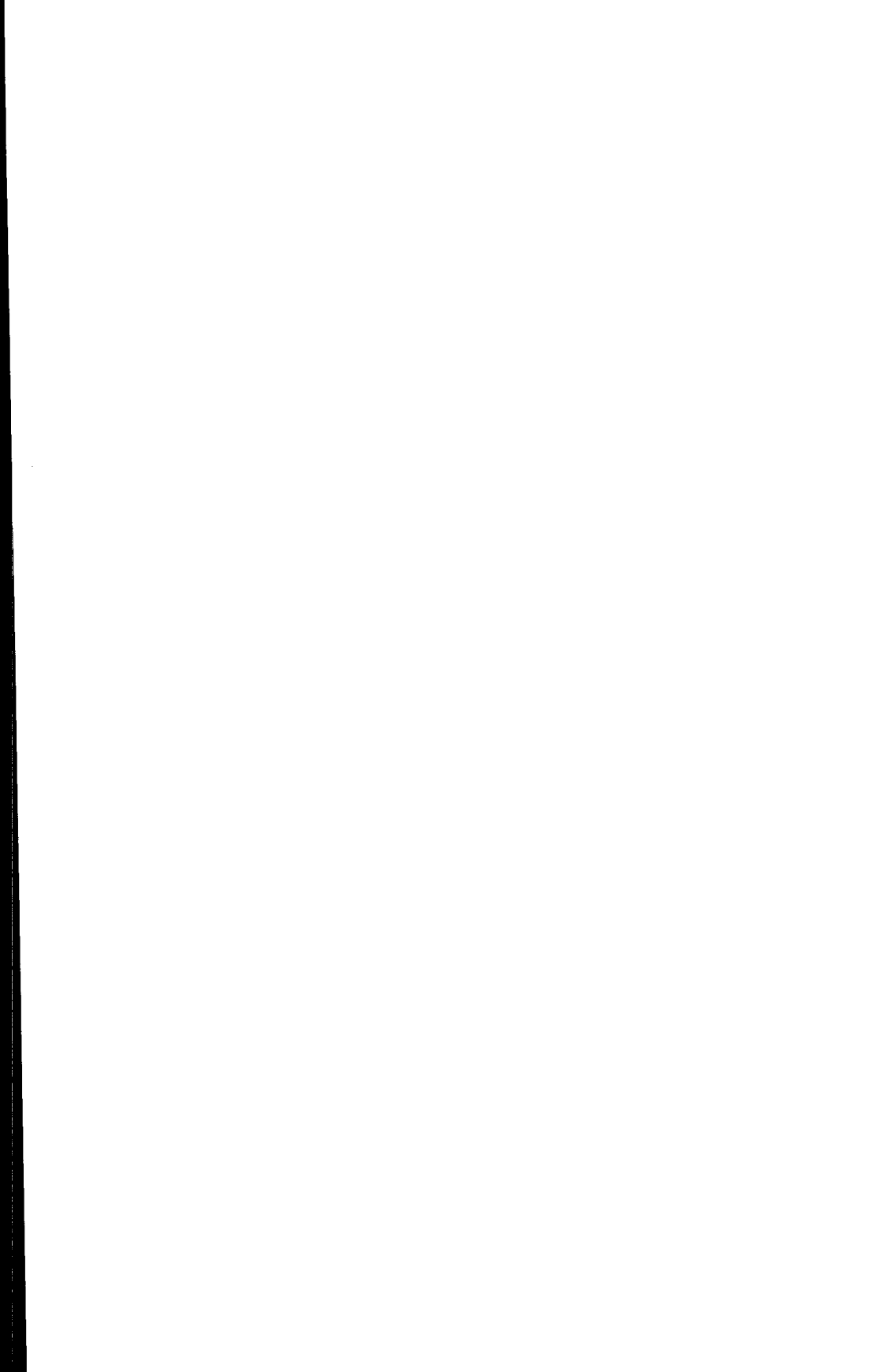
[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]





Composto em **Tiffany Lt BT** e impresso nas Oficinas
Gráficas da **ABC Editora**, no mês de agosto de 2004,
na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará — Brasil.

Fone: (085) 264-3540.**



Sobral é de fato terra de emoções fortes, inacreditável. Em romance iriam dizer o que disseram na Espanha do romance "Concerto Campestre" do meu amigo gaúcho Luiz Antônio Assis Brasil: que era realismo mágico (o romance saiu em edição espanhola. O Assis Brasil jura a pés juntos que aquilo é tudo verdade. Personagens absolutamente extraordinárias. Vi Sobral ao vivo (para mim é tudo ficção pois não sei nada da cidade a não ser por seu intermédio). Mas tem semelhanças com os Açores que me precederam, se bem que nos Açores as emoções não se pareçam com essas. O envolvimento dos padres na política é coisa que na minha infância e adolescência nem se sonhava.

Onésimo de Almeida

Se o trabalho ficcional de Lustosa da Costa revela um prosador de primeiro plano, nas crônicas, mesmo nas mais curtas, denota a mesma exigência estética e engenho expressivo, bem como similar gosto pela palavra depurada. Utiliza-a como um instrumento de esgrima contra o superficial, o corrido, o desatento. Culto, admirador dos grandes mestres da Literatura mundial, entre eles Eça de Queiroz, escreve com a desenvoltura do escriba que sabe do seu ofício, conhece o seu tempo e ama, de um modo apaixonado, a vida. Há quem diga – escreve a dado momento e com certa entoação bíblica – que a arte imita a vida. Em verdade, em verdade vos digo: a vida é muito mais criativa. Mais engenhosa. O maior romancista do mundo é o Destino.

Eduardo Bettencourt Pinto

Quem gosta de contar estas histórias é o jornalista Lustosa da Costa, que acaba de lançar um novo livro, *Sobral Cidade das Cenas Fortes*, em que mostra a atuação dos padres numa cidade do Ceará ao longo de boa parte do Século XX. Quem o lê não pode deixar de considerar este livro uma metonímia do Brasil, pois, ao contar as histórias, Lustosa mostra-se genuinamente brasileiro e, ao mesmo tempo, universal.

Adelto Gonçalves

"Clero, Nobreza e Povo de Sobral", recente lançamento de Lustosa da Costa. Livro aliciante, envolvente, de leitura amena e exposição lúcida. Prende-nos, não só pelas figuras e época que evoca, como pelo estilo coloquial, conivente, mas cuidado e revelador. Jorge Amado, ao ler o seu SOBRAL DO MEU TEMPO, cobrou-lhe um romance, o que aqui também faço, porque nele sinto o ficcionista em potencial, não propriamente no sentido da invenção, mas da recriação e do narrativo.

Moreira Campos

Com que sutileza Lustosa da Costa ironiza e anima das cenas deste livro. O material com que trabalha é o mesmo da ficção - a ficção de vanguarda, a de um Gabriel García Márquez, por exemplo, ou a de outros grandes vultos da literatura latino-americana. A caracterização dos personagens é perfeita, e em seu registro história e memorialística se juntam numa grandeza meridiana e abrangente.

José Alcides Pinto

Recebi hoje o seu livro "Vida, paixão e morte de Etelvino Soares" que quero agradecer com amizade. Já antes tinha recebido "Clero, Nobreza e Povo de Sobral" que adorei pela forma ironicamente maravilhosa como você fez crescer os personagens quase que perante os olhos do leitor. Mande-me o endereço para onde poderei mandar livros meus. Um grande abraço de agradecimento.

Germano Almeida



THE

AUGUST 1945

Somente
Publicações, Unhas e O
Pagamento

9788587653116

Digitalizado com CamScanner